



Wen Shen

# Padrões de autocorreção e de reformulação de produções escritas por aprendentes de PLE

Dissertação de Mestrado em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, orientada pela Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# Faculdade de Letras

## Padrões de autocorreção e de reformulação de produções escritas por aprendentes de PLE

### Ficha Técnica:

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>Padrões de autocorreção e de reformulação de produções escritas por aprendentes de PLE</b>
<b>Autor/a</b>	<b>Wen Shen</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>Cristina dos Santos Pereira Martins</b>
<b>Coorientador/a</b>	
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutora Maria da Conceição Carapinha Rodrigues</b> <b>Vogais:</b> <b>1. Doutora Maria Joana de Almeida Vieira dos Santos</b> <b>2. Doutora Cristina dos Santos Pereira Martins</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda</b>
<b>Área científica</b>	<b>Línguas e Literaturas Estrangeiras</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Linguística Aplicada</b>
<b>Data da defesa</b>	<b>24-7-2017</b>
<b>Classificação</b>	<b>17 valores</b>

• U  C •

## Índice

Índice de figuras, tabelas e gráficos .....	iv
Abreviaturas utilizadas .....	vi
Resumo .....	vii
Abstract .....	viii
Agradecimentos .....	ix
Introdução .....	1
Capítulo I: Enquadramento Teórico .....	4
1. Modelos de produção escrita .....	4
2. Teorias de monitorização .....	7
2.1 A hipótese do monitor.....	7
2.2 A teoria de Levelt .....	7
2.3 Monitorização na escrita e na oralidade .....	9
2.4 Autocorreção: contributos para a definição do conceito .....	11
3. Autocorreções em produções de aprendentes de uma língua não materna .....	12
3.1 Autocorreção na L2: o papel da interlíngua .....	12
3.2 Uma tipologia de autocorreções .....	15
3.3 O contributo da Análise de Erros .....	18
Capítulo II : Metodologia .....	21
1. Base empírica .....	21
2. Amostra de sujeitos.....	22
3. Critérios de inclusão e de exclusão de dados.....	23

4. Critérios de organização e classificação dos dados: tipologias .....	24
Capítulo III: Resultados e discussão .....	31
1. Ocorrência de autocorreções .....	31
2. Distribuição de autocorreções: tipologia de Levelt (1983) .....	33
3. Distribuição das correções de erros por categorias linguísticas .....	38
4. Efeitos das autocorreções e a sua relação com os níveis de proficiência.....	43
5. Efeitos e exemplos das correções de erros em termos de categorias e subcategorias linguísticas .....	45
5.1 Ortografia .....	49
5.1.1 Representação gráfica desviante de segmentos .....	49
5.1.2 Acentuação e uso de diacríticos .....	50
5.2 Ortografia/Fonologia .....	50
5.2.1 Representação desviante de segmentos fonológicos .....	51
5.2.2 Representação desviante de padrões de acentuação prosódica.....	52
5.3 Morfologia .....	52
5.3.1 Flexão verbal .....	53
5.3.2 Morfologia de outras palavras variáveis .....	53
5.3.3 Morfologia de palavras invariáveis .....	54
5.4 Morfologia/Sintaxe .....	55
5.4.1 Atribuição de valores de gênero nominal e concordância .....	55
5.4.2 Concordância nominal em número.....	56
5.4.3 Concordância sujeito-verbo .....	56

5.5 Sintaxe .....	57
3.3.5.1 Ordem de palavras .....	57
5.6 Sintaxe/Semântica .....	58
5.6.1 Determinação dos nomes .....	58
5.6.2 Seleção de tempo e/ou modo verbal.....	59
5.7 Léxico/Sintaxe.....	58
5.7.1 Uso de preposições .....	59
5.7.2 Expressão relativa .....	60
5.7.3 Uso de conjunções.....	60
5.8 Léxico .....	61
6. Síntese de resultados .....	61
Capítulo IV: Conclusões .....	64
Bibliografia .....	66
Anexos .....	69
Anexo I: Quadro síntese das autocorreções .....	69
Anexo II: Quadro das correções de erros .....	84

## Índice de figuras, tabelas e gráficos

Figura 1: Modelo de produção escrita (Hayes & Flower, 1980:11) .....	5
Figura 2: <i>Perceptual Loop Theory</i> de automonitorização de Levelt (1989:470) .....	9
Tabela 1: Características da base empírica do presente estudo: número de textos e de palavras por fonte de recolha e por níveis de proficiência e LM dos informantes .....	22
Tabela 2: Quadro síntese das características da base empírica do presente estudo: número de textos e de palavras por nível de proficiência e LM dos informantes.....	22
Tabela 3: Tipologia de autocorrecções atendendo à motivação do aprendente .....	24
Tabela 4: Tipologia de desvios em produções escritas de aprendentes de PL2: categorias, subcategorias e manifestações linguísticas (Martins, 2016) .....	26
Tabela 5: Número absoluto de diferentes tipos de autocorreção .....	34
Tabela 6: Número de ocorrências das correções de erros em função da categoria linguística por LM e nível de proficiência dos informantes.....	38
Tabela 7: Efeitos das autocorreções dos informantes de LM chinesa, por (sub)categorias linguísticas .....	45
Tabela 8: Efeitos das autocorreções dos informantes de LM inglesa, por (sub)categorias linguísticas .....	47

Gráfico 1: Ocorrências das autocorreções de informantes de LM chinesa, por nível de proficiência (números absolutos) .....	31
Gráfico 2: Ocorrências das autocorreções de informantes de LM inglesa, por nível de proficiência (números absolutos) .....	32
Gráfico 3: Percentagens de quatro tipos de autocorreção em cada nível de proficiência por informantes de LM chinesa.....	36
Gráfico 4: Percentagens de quatro tipos de autocorreção em cada nível de proficiência por informantes de LM inglesa.....	37
Gráfico 5: Distribuição de autocorreções em termos de categorias linguísticas por informantes de LM chinesa em cada nível de proficiência .....	40
Gráfico 6: Distribuição de autocorreções em termos de categorias linguísticas por informantes de LM inglesa em cada nível de proficiência .....	41
Gráfico 7: Efeitos das autocorreções pelos informantes de LM chinesa, por nível .....	43
Gráfico 8: Efeitos das autocorreções pelos informantes de LM inglesa, por nível.....	44

## **Abreviaturas utilizadas**

CA: Correção de adequação

CD: Correção por informação diferente

CE: Correção de erros

OC: Outras correções

L1: A primeira língua adquirida

L2: Língua segunda

LA: Língua alvo

LE: Língua estrangeira

LM: Língua materna

PLE: Português como Língua Estrangeira

## Resumo

A presente dissertação visa investigar os comportamentos de autocorreção autoiniciada nas produções escritas de aprendentes de Português como Língua Estrangeira (PLE) de LM chinesa e LM inglesa, de diferentes níveis de proficiência. Os dados aos quais recorreremos para a análise são oriundos principalmente do *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (*Corpus* PEAPL2) do CELGA-ILTEC (Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada) da Universidade de Coimbra, em que são registados os traços das autocorreções realizadas pelos informantes.

Ao observar os números de autocorreções do nível A1 ao nível C1, constatamos que os aprendentes realizaram mais autocorreções com o avançar de nível. Além disso, depois de categorizar todas as autocorreções em função da tipologia de Levelt (1983), descobrimos uma diferença entre os dois grupos de LM: os aprendentes de LM chinesa realizaram mais correções de erros (49,8%), e menos correções de adequação (42,3%), enquanto os aprendentes de LM inglesa realizaram mais correções de adequação (50,3%), seguindo-se as correções de erros (45%). As correções por informação diferente correspondem a percentagens mínimas em ambos os grupos. Quanto ao efeito (bem ou mal sucedido) das autocorreções realizadas, ambos os grupos de LM apresentam taxas de sucesso consideráveis: 80% no grupo de LM chinesa e 74% no grupo de LM inglesa. Em termos gerais, as taxas de sucesso vão aumentando com o avanço do nível de proficiência.

As análises realizadas permitem verificar o desenvolvimento da capacidade de monitorização dos aprendentes com a evolução da sua competência em PLE, tendo revelado, também, algumas diferenças dos comportamentos de autocorreção, possivelmente influenciados pela LM dos aprendentes.

Palavras-chave: autocorreção; monitorização; produção escrita; português como língua estrangeira

## **Abstract**

The present dissertation aims at studying the patterns of self-initiated self-repair in the writing of learners of Portuguese as Foreign Language, who are native speakers of Chinese and of English, with different levels of proficiency. The main source of data is the Corpus of Written Production by Learners of Portuguese as Second Language (Corpus PEAL2) of the University of Coimbra, in which all the learners' self-repairs are marked.

While observing the numbers of self-repairs from level A1 to level C1, we find that these increase with language development. Moreover, after categorizing all the self-repairs according to the typology presented by Levelt (1983), a difference between the two groups of native speakers was uncovered: the Chinese learners made more error repairs (49.8%) and less appropriateness repairs (42.3%), while the learners with English as native language made more appropriateness repairs (50.3%), followed by error repairs (45%). The category “different repairs” corresponds to very small percentages in both groups. As far as the effects of self-repairs go, both learner groups show considerable success rates: 80% in the group of the Chinese native speakers, and 74% in the group of the English native speakers. In general, the success rates improve steadily with the development of the proficiency level of learners.

The analysis reveals the development of learners' capacity for monitoring as L2 competence improves, as well as some differences in self-repair behaviors that are possibly influenced by the native languages of the learners.

Key-words: self-repair; monitoring; written production; Portuguese as foreign language

## Agradecimentos

Gostava de expressar aqui os meus agradecimentos profundos a todos que me concederam ajudas e apoios durante a elaboração desta dissertação. Não conseguiria concluir esta tarefa sem os suportes académicos ou emocionais destas pessoas, que sempre me fazem lembrar a sua generosidade.

Agradeço sinceramente à minha docente Professora Cristina dos Santos Pereira Martins, que me proporcionou imensas ajudas em cada fase do processo da elaboração da dissertação. Fiquei impressionada com o seu trabalho incansável em relação à orientação e às sugestões para o aperfeiçoamento da presente tese e, também, com a disponibilidade para providenciar conselhos sempre que encontrei problemas na elaboração da tese. Foi uma grande sorte trabalhar com a professora.

Queria agradecer, também, aos meus pais e aos meus amigos na China, que me compreenderam e que me deram força durante este ano. Agradeço às queridas colegas que estão aqui em Coimbra, pelo acompanhamento que faz a minha vida muito agradável, em especial, à Lara, à Shanna e à Sílvia, pelas muitas alegrias que me trouxeram.

Agradeço a todas as minhas professoras que me ensinaram no primeiro ano do curso de mestrado e a todos os queridos colegas da turma. Tive uma experiência maravilhosa e nunca me esquecerei do tempo que passámos juntos.

Obrigada a todos do fundo do meu coração.



## Introdução

Os erros são muitas vezes salientes em produções linguísticas de aprendentes de L2. Contudo, com o aperfeiçoamento das teorias de aquisição/aprendizagem de L2, os erros têm vindo a ser tratados numa perspectiva muito mais positiva, já que, em vez de serem simplesmente considerados defeitos, são, antes, vistos como pistas para a observação do desenvolvimento da L2. Na verdade, mesmo ao cometer erros, os aprendentes podem reparar em algumas divergências do enunciado produzido com a forma supostamente mais convergente com a LA, sendo tal possível por causa do funcionamento do monitor. Além de detetar erros gramaticais, o monitor funciona também no sentido da avaliação da adequação dos enunciados, seja do modo da expressão, seja do conteúdo veiculado. As manifestações de autocorreção e de reformulação oferecem, nesse sentido, evidências para a existência do monitor.

Todavia, o funcionamento do monitor não garante a autocorreção bem-sucedida de todos os erros. Por um lado, o conhecimento limitado do aprendente de L2, o grau de atenção disponibilizada para a monitorização ou o seu estilo pessoal, por exemplo, resultam numa monitorização seletiva, o que faz com que muitos desvios passem despercebidos e/ou escapem à ação autocorretiva. Por outro lado, o conhecimento linguístico que o aprendente efetivamente possui, com graus variáveis de consolidação, influencia o efeito produzido pelas iniciativas de autocorreção. Por consequência, através da observação dos procedimentos de autocorreção, podemos fazer inferências não só sobre o funcionamento do monitor, mas também sobre o conhecimento relativo a determinados aspetos do conhecimento da língua alvo (LA) tido pelo aprendente.

O presente trabalho visa investigar globalmente o comportamento de autocorreção nas produções escritas por aprendentes de Português como Língua Estrangeira (PLE). De acordo com as nossas consultas, a maioria de trabalhos que estudam a autocorreção focalizam-se no domínio de oralidade, especialmente na comunicação interativa. Raros são os trabalhos que foram elaborados sobre autocorreções autoiniciadas na produção escrita. Portanto, optamos por investigar as autocorreções na escrita, no sentido de fornecer dados empíricos para este domínio, aproveitando os dados disponíveis no *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (*Corpus* PEAPL2) do CELGA-ILTEC (Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada) da Universidade de Coimbra, em que são registados todos os

traços das autocorreções realizadas pelos informantes. Escolhemos textos de aprendentes de LM chinesa (mandarim ou cantonês) e de LM inglesa para a análise, tendo todos os informantes sido estudantes de cursos de PLE na Universidade de Coimbra.

O trabalho tem como objetivo específico descobrir as características da monitorização realizada por informantes dos dois grupos de LM e de vários níveis de proficiência, em termos do número de ocorrências de autocorreções, da sua distribuição por categorias linguísticas e de motivação, bem como do respetivo efeito (bem ou mal sucedido). A nossa hipótese é a de que o foco das autocorreções pode mudar com o avanço do nível de proficiência dos aprendentes, fazendo com que, por exemplo, os aprendentes privilegiem autocorreções de estruturas mais elementares nos níveis de aprendizagem de iniciação e de outras, mais complexas, com mais implicações ao nível do discurso, em fases mais avançadas da construção das respetivas interlínguas. Admitimos, igualmente, que a taxa de sucesso das autocorreções de erros pode aumentar com o avanço do nível de proficiência dos aprendentes.

Para além da presente introdução, o trabalho encontra-se dividido em mais quatro partes.

Na primeira parte, serão descritos os modelos da produção escrita que envolvem vários processos com funções distintas, com vista a ilustrar o contexto em que ocorrem as autocorreções. É indispensável, naturalmente, a apresentação das teorias de monitorização, que explicam o funcionamento do monitor na produção linguística, o qual é responsável pelas autocorreções. Seguidamente, discutimos o conceito e as taxonomias dos fenómenos de autocorreção e os resultados de alguns trabalhos relativos a esta matéria.

A segunda parte diz respeito à metodologia adotada na seleção e organização dos dados empíricos analisados neste trabalho. São incluídos nesta parte as justificações quanto à seleção de dados, a descrição da amostra textual e dos informantes, bem como os critérios de inclusão e exclusão de dados. Relativamente à organização dos dados, apresentamos as tipologias utilizadas e que servem para cumprir os objetivos deste trabalho, as quais distinguem as autocorreções de acordo com os motivos dos informantes (Levelt 1983), com as categorias linguísticas a que dizem respeito (Martins, 2016) e com a avaliação do efeito, bem ou mal sucedido, das autocorreções.

A terceira parte consiste na análise de dados, em que as autocorreções são avaliadas de várias perspetivas. Cumpre mencionar que, neste trabalho, todas as análises de dados são

realizadas com base na comparação entre os grupos de LM chinesa e de LM inglesa. Além do cálculo das ocorrências de autocorreções e da comparação do desempenho de diferentes grupos de informantes, inclui-se, também, uma análise das correções de erros, com exemplos ilustrativos, em função das categorias e subcategorias linguísticas a que dizem respeito.

Por fim, desenvolvemos conclusões de acordo com os resultados da análise, assim como uma reflexão breve sobre as limitações deste trabalho.

## Capítulo I: Enquadramento Teórico

Neste capítulo, apresentamos as principais teorias com relevância para a análise a realizar no presente trabalho. O capítulo é dividido em três partes: em primeiro lugar, apresentamos os contributos teóricos relativos ao processo de produção escrita. A seguir, abordamos as principais teorias explicativas da monitorização da produção linguística, comparando brevemente a monitorização da escrita e da oralidade, e tratamos do conceito de autocorreção. Já na terceira parte, abordamos a relação entre a autocorreção e a interlíngua, bem como as taxonomias relevantes para a análise das autocorreções, discutindo, por fim, o contributo da Análise de Erros para a compreensão do papel das autocorreções no processamento e na aquisição/aprendizagem da L2.

### 1. Modelos de produção escrita

No presente trabalho, tratamos de autocorreções em textos escritos por informantes que são aprendentes do português. Para esse efeito, é preciso, antes de mais, enquadrar a ocorrência das autocorreções no processo da produção escrita.

A composição de um texto escrito, seja de apenas um parágrafo, seja de um documento extenso de muitas páginas, envolve muito mais do que a produção linguística (Kellogg *et al.*, 2013:160). Um dos modelos mais influentes da escrita foi desenvolvido por Kellogg (1996, *apud* Kormos, 2014:196), que foi influenciado significativamente pelo modelo proposto por Hayes & Flower (1980).

Conforme se ilustra na figura 1, Hayes & Flower (1980) consideram o contributo de três elementos essenciais para a produção escrita. Para além do procedimento da escrita em si, a memória de longo prazo de quem escreve e o ambiente que contextualiza a tarefa também são considerados fatores importantes para a produção escrita. Neste modelo, o procedimento da escrita implica os processos de planeamento de ideias, a codificação de ideias através de formas linguísticas (processo designado “tradução” pelos autores do modelo) e de revisão. O processo de planeamento contempla, por sua vez, subprocessos de geração de ideias, de organização de ideias e de determinação de objetivos e o processo de revisão envolve a leitura e a edição (Hayes & Flower, 1980:12). Sobre as três componentes que integram o procedimento da escrita (planeamento, codificação e revisão) atua, ainda, um monitor

externo.

Na descrição do modelo, os autores ressaltam que os processos e subprocessos identificados não são necessariamente sucessivos e podem ser recursivos, e que os processos de planejamento, de codificação e de revisão podem ser alvos da edição.

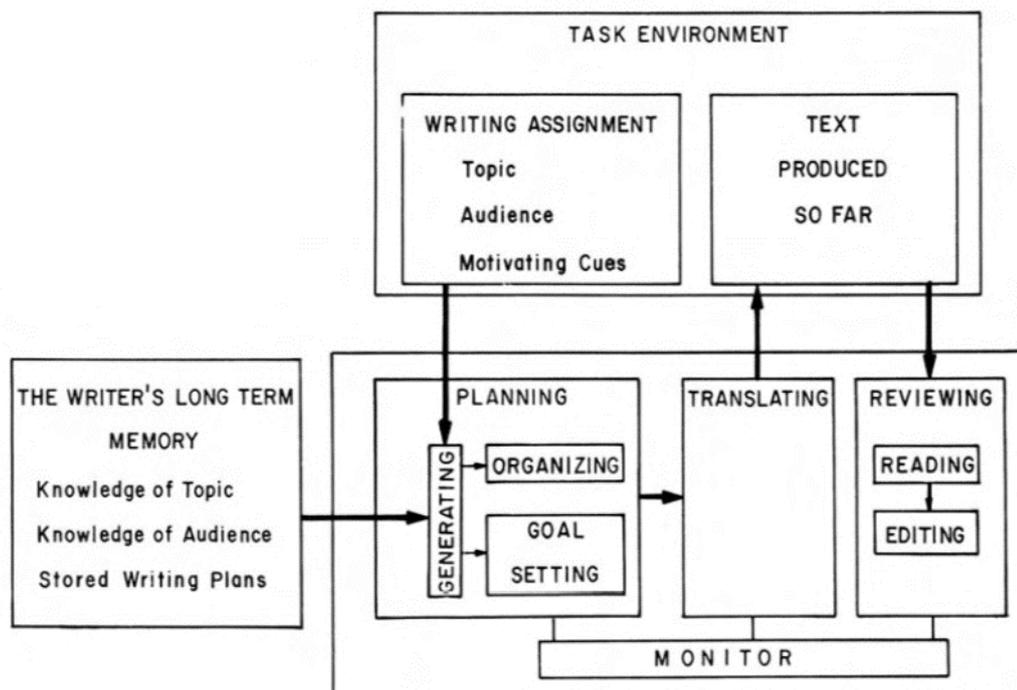


Figura 1: Modelo de produção escrita (Hayes & Flower, 1980:11)

A partir deste, Kellogg (1996 *apud* Kormos, 2014:196) estabeleceu o seu próprio modelo, de que constam três procedimentos interativos e recursivos, i.e., a formulação, a execução e a monitorização.

Neste modelo, o processo de produção escrita é descrito brevemente do seguinte modo. Em primeiro lugar, ocorre o processo da formulação, que diz respeito ao planejamento de conteúdo e à codificação linguística de ideias. Ao planejar o conteúdo, o escritor recorre à sua memória de longo prazo e ao *input* proporcionado na tarefa, e organiza-o de forma coerente. Por outro lado, a codificação linguística envolve três processos: a extração de itens lexicais, a codificação gramatical, bem como a organização coesiva no texto. Depois, na fase de execução, o escritor usa movimentos motores para criar texto escrito ou digitado. No final, a monitorização garante a expressão adequada à intenção do escritor, sendo que o texto será revisto sempre que uma inadequação é encontrada.

Convergente com o modelo de Hayes & Flower (1980), Kellogg (1996, *apud* Kormos, 2014:196) assinala também que os processos que ocorrem na produção escrita podem ser recursivos. Além disso, o processamento paralelo pode ocorrer na escrita; por exemplo, o planeamento e a codificação podem ser realizados simultaneamente, quer dizer, o aprendente pode planejar o conteúdo e, ao mesmo tempo, codificar este conteúdo na sua forma linguística.

A edição, um dos subprocessos que constituem o processo de monitorização, envolve o procedimento de autocorreção que vai ser discutido no presente trabalho. Segundo Kellogg *et al.* (2013: 164-165), a edição refere-se à deteção de erros, ou seja, das divergências entre a intenção de quem escreve e o *output* de algum dos subprocessos da produção de escrita. Muitas vezes, os erros ocorrem na codificação (por ex., uma má escolha de palavras, erros gramaticais ou erros ortográficos). No entanto, o autor refere que também há a possibilidade de que os erros não ocorram na codificação, mas sim durante o processo de execução, que envolve os movimentos motores, resultando, por exemplo, de um erro de digitação (como digitar *hte* em vez de *the*). Ainda que o exemplo dado pelo autor seja relativo à digitação, este fenómeno também é possível na escrita manual. Segundo o autor, além das duas possibilidades que já foram referidas, a edição pode igualmente ocorrer a nível conceptual, ainda durante o processo do planeamento, antes da seleção lexical e da codificação gramatical e ortográfica. Em suma, o autor aponta três processos em que os erros ocorrem, nomeadamente na fase de planeamento, durante a codificação ou na fase de execução.

O modelo de Kellogg descreve o processo da produção escrita na L1/LM, sendo que, em relação a esta, a escrita na L2 apresenta, naturalmente, algumas diferenças. De facto, a escrita na L2 é bem mais difícil e consome mais tempo do que a escrita na L1/LM (Chenoweth & Hayes, 2001; Roca de Larios *et al.*, 2006, *apud* Schoonen *et al.*, 2009: 80), porque o processo de formulação depende significativamente da disponibilidade e da acessibilidade de meios linguísticos para efeitos de codificação. DeKeyser (2007, *apud* Kormos, 2012:396) também assinala que a escrita na L2 requer mais esforço e mais atenção por causa da falta de conhecimento automatizado da língua, especialmente para os aprendentes de níveis de proficiência mais baixos. Por isso, a monitorização pode ser mais exigente no caso da produção escrita de aprendentes de uma L2.

## 2. Teorias de monitorização

### 2.1 A hipótese do monitor

Conforme Fincher (2006), e no que especificamente concerne à produção dos enunciados numa L2, a teoria mais influente de monitorização foi proposta por Krashen (1982). O Modelo do Monitor (MM) ou *Input Hypothesis* proposto pelo autor consiste, na verdade, de várias hipóteses interconectadas, entre as quais se salienta a primeira, a hipótese Aquisição-Aprendizagem, i.e., a previsão da existência de dois sistemas de assimilação de informação linguística no processo de construção das interlínguas dos aprendentes de uma L2. A distinção entre a aquisição e a aprendizagem é importante no contexto do presente trabalho, porque, segundo o autor, a monitorização é exercida sobre a produção linguística gerada por conhecimento adquirido, recorrendo, porém, a conhecimento linguístico aprendido.

A aquisição e a aprendizagem são dois modos distintos e independentes de desenvolver a competência na L2. Segundo Krashen (1982:10), a aquisição é um processo de natureza implícita, produzindo conhecimento que envolve regras das quais o aprendente geralmente não está consciente. Por sua vez, a aprendizagem é um processo consciente, que diz respeito ao conhecimento linguístico que o aprendente sabe de forma explícita.

Como Krashen (1982:15) refere, o conhecimento linguístico adquirido é usado para produzir enunciados e é responsável pela fluência, enquanto o conhecimento linguístico aprendido funciona como monitor (ou editor), sendo esta a única função da aprendizagem neste processo.

A fim de assegurar a utilização das regras aprendidas conscientemente, que, neste contexto, são mobilizadas para o funcionamento do monitor, um falante de L2 precisa do tempo suficiente para pensar e utilizar tais regras gramaticais e tem de estar focalizado na forma linguística (para além do conteúdo), prestando atenção à sua correção.

### 2.2 A teoria de Levelt

Com base na hipótese de monitorização de Krashen, diferentes teorias foram propostas a fim de explicar o funcionamento do monitor. Entre estas, a teoria de monitorização mais difundida é a de Levelt (1989), chamada de *Perceptual Loop Theory*. Esta teoria serviu de base para muitos trabalhos que investigaram as autocorreções na oralidade, principalmente

porque é bem detalhada e organizada, e os resultados destes trabalhos, por sua vez, provam a operacionalidade da teoria. Convocamos este modelo porque ele é considerado o mais viável quanto à explicação das autocorreções na L2 (de Bot, 1992, Kormos, 1999, Poulisse, 1997, van Hest, 1996b, *apud* Fincher, 2006: 8) e também porque não conseguimos encontrar um modelo de monitoração tão detalhado e fundamentado como este no domínio da produção escrita. Apesar de ter sido originalmente desenvolvido para dar conta do processo de produção oral na L1/LM, nele estão previstos vários aspectos bastante relevantes para o funcionamento geral do processo de monitoração, servindo, assim, de importante referência para o presente trabalho.

O modelo de Levelt (1989) envolve cinco componentes principais: o conceptualizador, o formulador, o articulador, a audição, bem como o sistema de compreensão oral. No entanto, o mecanismo básico da produção oral apresenta algumas semelhanças com o da produção escrita: também inclui preparação conceptual, formulação linguística e produção física (à articulação na oralidade contrapõem-se os gestos motores envolvidos na escrita) (cf. Levelt, 1989, 1999; Chenoweth & Hayes, 2001, *apud* Schoonen *et al.*, 2009:78).

Levelt (1984: 108) assume que o falante pode somente monitorizar diretamente as representações geradas pelas componentes do processamento e não o processamento em si. Deste modo, podem ser alvo de monitoração a mensagem pré-verbal (produto do conceptualizador), o plano fonético interno, anterior à articulação (gerado pelo formulador) e a produção externa (fruto da atividade do articulador). Esta última constitui o *input* da audição, sendo, depois, o fruto da percepção auditiva objeto de compreensão, assumindo, por fim, um formato compatível com as capacidades de processamento do conceptualizador. Quer isto dizer que quem produz enunciados oralmente é simultaneamente, ouvinte e interpretador desses mesmos enunciados, sendo desse modo que atua o *loop* externo de monitoração previsto no modelo de Levelt e que se demonstra na figura 2. Neste modelo também se prevê um *loop* interno, que pode ser acionado nos casos em que não chegue a haver oralização.

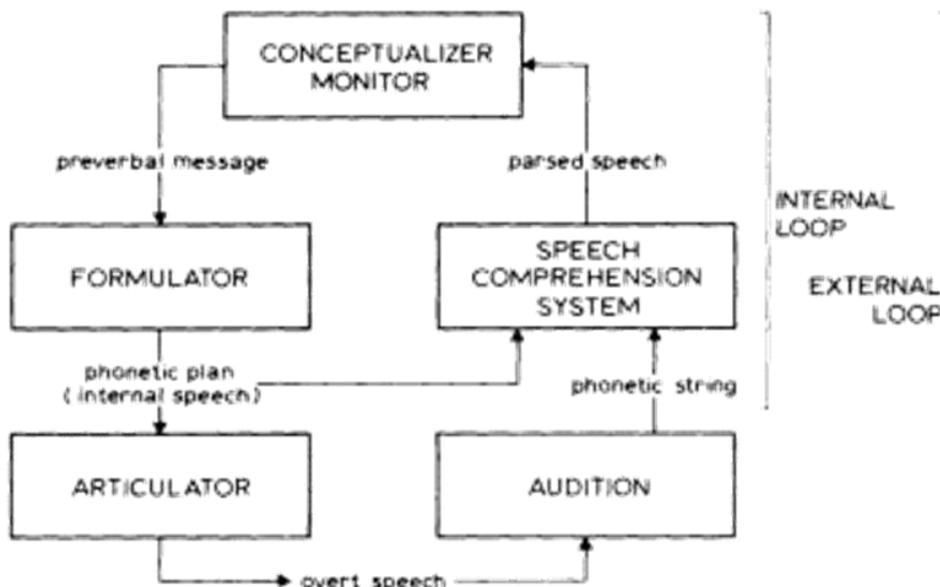


Figura 2: *Perceptual Loop Theory* de automonitorização de Levelt (1989:470)

Os alvos da monitorização do falante incluem a verificação da convergência da mensagem formulada com a intenção comunicativa, a adequação contextual e a pragmática do enunciado e a correção gramatical, por exemplo. No entanto, não é possível que o falante atenda simultaneamente a todos os aspetos. Levelt (1989:463) adverte que a atenção na monitorização é seletiva, porque os dados das pesquisas relativas a este processo revelam que muitos problemas na produção não são detetados pelo falante. A monitorização depende do contexto e do grau de atenção que o falante atribui aos problemas em função desse mesmo contexto. Por outro lado, o grau de atenção flutua durante a produção oral. As pesquisas que revelam efeitos de uma monitorização seletiva serão apresentadas nas seguintes secções.

### 2.3 Monitorização na escrita e na oralidade

Como Mackay (1992:222) aponta, as teorias relativas à deteção de erros não são universais e transversais aos campos da oralidade e da escrita. Na verdade, as pesquisas nestes campos têm vindo a ser elaboradas isoladamente.

Segundo Schoonen *et al.* (2009), na fase de codificação linguística (correspondente à fase da transformação da mensagem pré-verbal pelo formulador no modelo de Levelt), a correção gramatical e a adequação pragmática são, em geral, mais atendidas na escrita do

que na oralidade. Para além disso, no processo da escrita, quem escreve tem mais condições para monitorizar os subprocessos com recurso ao seu conhecimento metalinguístico, enquanto na oralidade, especialmente na conversação, os falantes podem não corrigir alguns erros gramaticais, mesmo que os percebam, porque o seu foco está noutros aspetos mais importantes de construção do significado da mensagem (Simpson, Eisenchlas & Haugh, 2013:14). Também a revisão na escrita é geralmente mais intencional e elaborada do que na oralidade, podendo ainda ser feita algum tempo após o fim do processo.

A escrita leva relativamente mais tempo comparando com a oralidade, não somente na fase de produção motora (transcrição manual/digitada de texto escrito vs. articulação), mas também no que diz respeito aos outros processos que precedem estes. Mas isso não significa que a fluência não seja considerada importante na escrita (Schoonen *et al.*, 2009:81). A maior fluência na escrita cria menos pressão sobre a memória de trabalho, libertando atenção para os problemas que ocorrem nos textos. Por conseguinte, um escritor fluente dispõe de condições mais favoráveis para a monitorização.

Como Schoonen *et al.* (2009:82) aponta, o procedimento da escrita leva mais tempo e é mais cíclica do que a oralidade, possibilitando mais oportunidades para a monitorização e para a interação entre os subprocessos. Kormos (2014:193) também indica que, na escrita, os informantes são mais precisos e usam mais vocabulário do que na fala, sentem menos a pressão do tempo e têm mais oportunidades de monitorização e de revisão da produção do que na fala.

Embora a monitorização na escrita disponha, supostamente, de condições mais favoráveis do que na oralidade, poucos trabalhos foram elaborados neste campo. Uma das causas pode ser a dificuldade de transcrição e a legibilidade das autocorreções nos textos escritos. Além disso, o trabalho da recolha de todos os traços de autocorreção em textos escritos pode ser oneroso, sendo, em alguns casos, exigidas condições laboratoriais para a observação atenta do procedimento da produção escrita (nomeadamente dos fenómenos de hesitação que possam ocorrer). A ausência de condições laboratoriais de observação consiste na principal desvantagem para a investigação da monitorização que atua durante o processo da escrita. Por essa razão, o trabalho neste campo, que é considerado relativamente recente, é fundamentalmente de natureza exploratória.

## 2.4 Autocorreção: contributos para a definição do conceito

A autocorreção e a reformulação podem ocorrer em qualquer tipo de produção linguística, seja na oralidade seja na escrita, e é natural que, ao produzir enunciados, tentemos melhorar o modo de expressão de uma forma que assegure e facilite a compreensão de outros. Na verdade, na comunicação interativa, a correção pode ser iniciada pelo interlocutor ou pelo próprio falante e as formas de correção possíveis nas modalidades de uso interativo tendem a ser mais variadas do que as iniciativas autocorretivas que se registam na produção escrita independente que escolhemos analisar no presente trabalho. Ressalve-se, contudo, que o tipo de produções escritas aqui estudado pode ainda ser alvo de autocorrecções incitadas por outros, como nos casos em que os professores solicitam aos alunos a revisão do seu próprio texto escrito e a correção dos erros detetados, ou, então, objeto de heterocorreção, como a que fazem os professores e que geralmente constitui uma parte da avaliação dos alunos. Contudo, estas situações, por não serem relevantes em função dos dados analisados neste estudo, não se incluem na presente discussão.

Neste trabalho, tratamos da autocorreção autoiniciada (*self-initiated self-repair*) que ocorre durante a própria produção linguística. Segundo Kormos (1999a:315), a autocorreção autoiniciada é executada quando o falante deteta que o *output* está errado ou é inapropriado e interrompe, por isso, a produção do seu enunciado. A autocorreção autoiniciada que ocorre na produção implica o funcionamento de automonitorização<sup>1</sup>.

Quando a autocorreção incide sobre aspetos de conteúdo (e não aspetos puramente formais), seja na oralidade, seja na escrita, a autocorreção engloba dois mecanismos básicos: a substituição de lemas e a reformulação (Van Wijk & Kempen, 1987, *apud* Fincher, 2006: 23). Por outras palavras, a autocorreção pode dar origem a uma reformulação que implique mudar a estrutura de um excerto do enunciado já produzido, ou, de modo mais restrito, pode circunscrever-se à substituição de apenas um lema.

Conforme refere Fathman (1980, *apud* Fincher, 2006:57), a substituição é a forma mais frequente entre todas as autocorrecções. A reformulação é mais exigente em alguns aspetos, podendo implicar, por exemplo, que o falante esclareça a relação entre o enunciado original e o elemento que o substitui com determinadas expressões metalinguísticas (*editing terms*),

---

<sup>1</sup> Na maioria dos trabalhos desta área, em especial nos mais recentes, prefere-se o termo *self-repair* a *self-correction*, indicando que este processo não engloba exclusivamente a correção de erros, mas também a reformulação de enunciados. Doravante utilizamos o termo autocorreção como equivalente a *self-repair*.

por forma a deixar os enunciados interligados de forma apropriada e assim não prejudicar a compreensão de interlocutor.

Por outro lado, a autocorreção pode ainda ser dividida em dois tipos de acordo com o momento da produção de enunciados em que ocorre. Ocorrendo antes da produção de expressões equívocas ou inapropriadas, é vista como autocorreção encoberta (*covert repair*), enquanto a autocorreção manifesta (*overt repair*) corresponde à que ocorre depois da produção de expressões desta natureza. A autocorreção encoberta pode ser inferida, por exemplo, através de repetição de palavras, frases e sílabas, ou, na oralidade, pela presença de uma pausa silenciosa (Postma & Kolk, 1992, *apud* Smith, 2008:87), mas, mesmo que seja óbvia a hesitação de um falante, o segmento que ele tenta corrigir é muito difícil de determinar apenas através destas pistas. Por consequência, a observação fidedigna da autocorreção encoberta deve ser feita em condições laboratoriais ou com a ajuda de um relatório verbal (Kormos, 1999a:315-316). Embora constitua uma parte importante dos fenómenos de autocorreção, que é frequentemente discutida nos trabalhos deste tipo, no presente estudo não analisaremos esse tipo de autocorreção, porque não dispomos das condições laboratoriais que foram referidas.

Todas as autocorreções consideradas no presente estudo correspondem a *output* modificado, suscitado pela percepção de uma lacuna entre o enunciado produzido e um modelo alternativo, supostamente mais conforme com a língua alvo de aprendizagem (Swain & Lapkin, 1995:22, *apud* Sato, 2012:6). Este procedimento complexo de autocorreção envolve vários fatores de natureza psicolinguística, como a memória de trabalho, a memória de longo prazo, o grau de atenção, etc., e de natureza linguística, conforme se viu na descrição dos modelos de escrita e de monitorização apresentados nas secções anteriores.

### 3. Autocorreções em produções de aprendentes de uma língua não materna

#### 3.1 Autocorreção na L2: o papel da interlíngua

Os trabalhos sobre a autocorreção autoiniciada na produção de enunciados numa L2 têm tido diversos focos. Alguns estudos apresentam uma comparação entre o comportamento autocorretivo de falantes nativos e não nativos de uma dada língua (van Hest, 1996; Quan & Weisser, 2014; Broos, Duyck & Hartsuiker, 2016) e outros focam-se apenas em aprendentes de L2. Por outro lado, os contextos nos quais se realiza a recolha de dados para a análise

também são diversos. Assim, Fincher (2006), Sato (2012) e Simpson, Eisenclas & Haugh (2013), por exemplo, analisam autocorreções na interação na sala de aula, van Hest (1996) e Camps (2003) elicitam os dados a partir de estímulos em tarefas de produção oral, Liu (2009) recorre aos dados empíricos de um *corpus*, enquanto Smith (2008) e Barbosa-Paiva (2012) procuram investigar as autocorreções no contexto da comunicação escrita mediada por computador (CMC) e, mais especificamente, dos *chats*.

Fincher (2006:59) conclui da sua revisão da literatura que a autocorreção é evidência de que o aprendente pode e não pode fazer na L2. De facto, se relacionarmos este ponto de vista com o conceito de interlíngua, podemos admitir que os padrões de autocorreção variam com o desenvolvimento dos níveis de proficiência dos informantes. O'Connor (1988) considera que o procedimento de autocorreção indica uma mudança de configuração da interlíngua, i.e., do sistema transicional que evolui rumo à língua alvo de aprendizagem (LA). Na sua pesquisa, descobriu a diferença de tipos de autocorreções que ocorrem na produção da L2, indicando que os falantes de nível de proficiência mais elevado procedem a mais correções antecipadas, comparando com os de nível mais baixo. Por isso, os padrões preferenciais de autocorreção dos aprendentes podem refletir o seu nível de desempenho.

Há alguns trabalhos que estudam a autocorreção tendo em conta o nível de proficiência do informante, como, por exemplo, Fincher (2006). Esta autora refere que os informantes de nível mais baixo geralmente fazem menos correções do que os de nível mais alto. O'Connor (1988) também indica que falantes de nível mais avançado não fazem menos correções comparados com os falantes principiantes, não sendo, no entanto, a diferença entre as ocorrências de autocorreção dos dois grupos muito óbvia. Note-se que o número dos informantes nestes trabalhos não é grande: o trabalho de Fincher envolve cinco informantes de diferentes níveis, enquanto o de O'Connor analisa três aprendentes de nível de iniciação e três de nível avançado. Por isso, estes resultados não seriam os mais adequados para esclarecer esta relação da autocorreção com o nível de proficiência dos aprendentes. Van Hest (1996), por sua vez, investiga as autocorreções de dez informantes de diferentes níveis de proficiência e descobriu que os aprendentes com nível de proficiência mais baixo produziram mais autocorreções do que os com maior proficiência.

Além da diferença quanto à quantidade, as autocorreções dos aprendentes de níveis diferentes também variam em termos de função ou tipo. O'Connor (1988) conclui que os aprendentes principiantes tendem a corrigir o enunciado ao nível dos elementos mais básicos,

como o léxico ou a estrutura gramatical básica, enquanto os avançados realizam mais correções encobertas e conseguem realizar mais correções ao nível do discurso. Já Kormos (2000, *apud* Camps, 2003) revela no seu trabalho que informantes com maior proficiência fazem menos correções gramaticais e Kormos (1999a:333) refere que os aprendentes avançados conseguem dispor de mais atenção para a expressão e para o conteúdo, por isso produzem mais correções de adequação do que os aprendentes menos proficientes. Todos estes trabalhos indicam que os aprendentes, com o avanço do nível de proficiência, conseguem prestar mais atenção ao nível do discurso dos seus enunciados em vez de se focarem nos elementos gramaticais mais básicos.

Por outro lado, a L1 de aprendente também influencia os padrões de autocorreção na escrita da L2. Segundo Wang & Wen (2002), a L1 influencia possivelmente mais o controlo do processo, a geração e a organização de ideias do que a atividade de geração de texto. Isso quer dizer que estratégias utilizadas na escrita e que foram originalmente desenvolvidas na L1 continuam provavelmente a influenciar o estilo de escrita na L2. Cumming (1989, *apud* Boshier, 1998:207) descobriu que aprendentes com diferentes níveis de proficiência de L1 têm desempenhos distintos quanto ao grau de atenção prestada a vários aspetos do procedimento da escrita e quanto às estratégias da solução de problemas na escrita de L2.

A própria autocorreção contribui para o aperfeiçoamento da L2. Segundo Swain (1995, *apud* Kormos, 2014:224), o aprendente da L2 pode perceber uma lacuna no seu conhecimento durante a escrita, e, assim sendo, a escrita oferece meios para testar hipóteses novas sobre a LA, bem como praticar e automatizar o conhecimento e competências já adquiridas. Kormos (1999a: 315) também indica que a autocorreção pode servir para testar hipóteses da LA, estimulando a solução das que estão em conflito, e assim expandindo os recursos existentes. Quando os aprendentes utilizam conhecimento que ainda não dominam completamente, a percepção da lacuna, ou simplesmente a percepção de erros, pode suscitar a aquisição de estruturas da L2.

No entanto, segundo Kormos (2014), os trabalhos que estudam a precisão na escrita sugerem que esta modalidade de produção induz a atenção à forma, o que só reforça as estruturas que o aprendente já domina. Fincher (2006) conclui que mesmo os aprendentes que são mais capazes de detetar erros e de os corrigir deixam muitos por corrigir. Kormos (2000, *apud* Camps, 2003) também assinala nos seus resultados que a proficiência não garante uma maior proporção de erros corrigidos. Ressalva-se que estes resultados da taxa

de autocorreção dizem respeito às autocorreções que ocorrem na oralidade, por isso, não implicam o mesmo efeito na escrita.

### 3.2 Uma tipologia de autocorreções

A tipologia mais adotada nas pesquisas de autocorreção na L2 é a de Levelt (1983). A sua tipologia pormenorizada foi desenvolvida com base na análise das 959 autocorreções de falantes adultos de holandês. Esta tipologia foi adotada frequentemente nos trabalhos que estudam as autocorreções de informantes de L2, embora não foi originalmente uma tipologia para estudos de L2. Nela, Levelt distingue entre a correção manifesta e a correção encoberta. As correções manifestas dividem-se em quatro categorias principais: correções por informação diferente (*different repairs*), correções de adequação (*appropriateness repairs*), correções de erros (*error repairs*) e outras correções não categorizáveis (*rest-repairs*).

De acordo com a tipologia de Levelt, as correções por informação diferente correspondem aos casos em que a mensagem atual é substituída por uma mensagem de conteúdo diferente. Trata-se de uma alteração conceptual, motivada pelo objetivo de veicular uma informação diferente. Recorremos aos exemplos disponibilizados no trabalho de van Hest (1996).

Exemplo 1: (a) *'then he walks... his wife dies of consumption'*

(b) *'you see the two strange men, they are, on the background you you see the the car'*

Como se ilustra através dos exemplos 1(a) e 1(b), dois casos de correções por informação diferente, os informantes interromperam os enunciados e deixaram-nos incompletos porque mudaram o plano de formulação. Isso implica um problema que surgiu no planeamento de conteúdo e que se repercute na formulação.

O segundo tipo de autocorreção está ligado à forma de expressão, que é a correção de adequação, conforme se ilustra através dos exemplos 2(a) e 2(b). As correções de adequação

são diferentes das correções por informação diferente porque os aprendentes resolvem preservar a informação do enunciado original, mas com a modificação ou acrescento de detalhes que visam melhorar a adequação do enunciado ao seu propósito comunicativo.

Exemplo 2: (a) ‘behind him there are two *boxes*, or, uh, uh *things like suitcases*.’

(b) ‘you see a *policeman*... an *English policeman*’

O terceiro tipo de autocorreção é a correção de erros. Os erros decorrem de problemas na fase de formulação, apesar de o plano pré-verbal ser adequado. Levelt referiu três subtipos sob esta categoria, que são correções de erros lexicais, sintáticos e fonéticos, a categorização dos quais foi julgada vaga por Kormos (1999a). Entre eles, os erros fonéticos são do domínio da oralidade porque dizem respeito aos problemas na articulação na produção oral, por isso, não os incluiremos na tipologia a usar neste trabalho.

Exemplo 3: (a) ‘he sees all the monkeys in the tree with a hat *over*...with a hat *on* their head.’

(b) ‘the man *thinks up of*...*thinks of* something’

(c) ‘they have a /naɪf/... *nice* boat’

Nos exemplos 3(a-c), o informante tinha noção clara do que pretendia dizer, mas encontrou dificuldades ao formular a mensagem.

Na verdade, todas estas categorias têm sido suplementadas e adaptadas por vários pesquisadores para a análise de autocorreções na L2. Serve como referência aqui a categorização de Levelt, sendo que a tipologia detalhada que adotamos neste trabalho será apresentada no capítulo de metodologia.

Com base nos três tipos de autocorreções indicados por Levelt, Kormos (1998, *apud* Kormos, 1999a) adicionou uma outra categoria, a reformulação (*rephrasing repair*), com vista a melhor adaptar a tipologia à pesquisa em L2, pois a reformulação é devida à

incompetência do falante, ocorrendo quando ele duvida da correção do seu enunciado original. Esta categoria cabe muito bem numa tipologia que é destinada para estudar a autocorreção dos aprendentes de L2, porque leva em consideração os possíveis problemas que ocorrem na produção linguística devida ao conhecimento limitado do aprendente de L2. No entanto, a identificação deste tipo de autocorreção requer um comentário retrospectivo do próprio falante, senão seria bem difícil distingui-lo de outras categorias de autocorreção.

Tendo aplicado tipologias adaptadas a partir da proposta por Levelt, vários trabalhos forneceram os seus resultados, possibilitando uma comparação de dados entre diversos contextos e informantes. Simplificamos as representações das categorias com as siglas CD (correções por informação diferente), CA (correções de adequação), CE (correção de erros) e OC (outras correções).

Em primeiro lugar, o trabalho de Levelt (1983) mostra que as CE são o tipo de autocorreção mais frequente (42%), seguidas das CA (30%), CD (1%) e OC (2%). E as correções de erros lexicais (38%) constituem a parte maior de todas as correções de erros (CE). Van Hest (1996), no seu trabalho sobre autocorreções de aprendentes de inglês como L2, descobriu que a parte dominante das autocorreções transita da categoria CE para a categoria CA com o avanço do nível de proficiência dos aprendentes. A distribuição das autocorreções pelas distintas categorias da tipologia de Levelt no trabalho de van Hest é a seguinte: CA: 39,7%, CE: 22,4%, CD: 10,1%. Também foram consideradas, neste estudo, as correções encobertas (15,5%) e outras não categorizáveis (12,3%). Convergindo com o resultado de Levelt, no trabalho de van Hest, as correções de erros lexicais são também as mais frequentes entre todas as CE, representando aproximadamente metade destas. Van Hest (1996: 55) tenta explicar a diferença entre as percentagens de CE e de CA destas duas pesquisas com o contexto da tarefa que Levelt escolheu para o seu estudo. Segundo van Hest, os informantes do estudo de Levelt precisavam de descrever alguns desenhos de nós coloridos que foram conectados de forma diferente e tinham de selecionar entre um grupo de expressões relativas às cores e direções, por isso, os seus enunciados podiam estar corretos ou incorretos, mas quase nunca eram inapropriados.

Kormos (2000, *apud* Camps, 2003) descobriu no seu trabalho quase 39% de CE, comparando com quase 23% de CA. Os erros de léxico são os mais corrigidos (29,4%), seguindo-se os erros gramaticais (16,9%). Diferentemente dos resultados de van Hest e de Levelt, no trabalho de Liu (2009), as CD ocorrem mais frequentemente, com a percentagem

de 42,4%, seguindo-se as CE (36,5%) e as CA (21,2%). No seu trabalho, a maioria de erros corrigidos pelos informantes não são erros lexicais, mas são erros morfológicos, ocupando estes mais de metade dos que se incluem na categoria CE. Smith (2008), com base em dados obtidos no contexto do *chat* (comunicação mediada por computador), revela que as CE representam a esmagadora maioria entre de todas as autocorrekções, seguidas das que integram a categoria CA, com uma percentagem muito menor, e somente um caso de CD. Também os informantes na pesquisa de Sato (2012), que foram observados em contexto de aula, revelam mais ocorrências de CE (78%), enquanto as CA (14%) e as CD (8%) representam uma parte significativamente menor das autocorrekções registadas.

Em suma, e apesar da diferença das proporções, os dados da maioria destes trabalhos evidenciam que os aprendentes de L2 fazem mais correções de erros do que correções de adequação e correções por informação diferente, e que os erros lexicais chamam mais a atenção dos informantes do que outros tipos de erros. Fathman (1980, *apud* Smith, 2008) revela também que 50% de todas as correções que recenseou são de natureza lexical, o que pode ser motivado pela maior propensão dos aprendentes para se preocuparem com a vertente informacional dos enunciados e menos com aspetos formais que não comprometem o conteúdo que se pretende veicular (Fathman, 1980, *apud* Kormos, 1999b).

### 3.3 O contributo da Análise de Erros

No presente trabalho, a análise da autocorreção de erros também envolve a sua categorização pormenorizada, com base nas propriedades linguísticas dos itens afetados, bem como a análise do efeito da autocorreção.

Primeiramente, os erros que os aprendentes percebem na sua produção podem não ser verdadeiros erros. Por outras palavras, os aprendentes corrigem o que julgam estar incorreto de acordo com o seu conhecimento. Por isso, é natural que ocorram casos em que os aprendentes tentem corrigir um aspeto da produção linguística que de facto é convergente com a LA. Em segundo lugar, os aprendentes podem falhar na sua tentativa de corrigir os seus erros. Podem não dominar o conhecimento necessário para a correção e não conseguir corrigir os erros por falta de competência, mesmo que notem a existência de traços divergentes em relação à LA.

Como já mencionamos nas seções anteriores, os aprendentes de L2 estão sensíveis à existência de erros nos seus enunciados, mas também há muitos desses erros que não são detetados ou corrigidos. Mesmo assim, a própria autocorreção de erros realizada pelo aprendente já serve de evidência importante para o seu desenvolvimento na L2, como é revelado pelos resultados das pesquisas revistas nas seções anteriores.

A Análise de Erros, uma das correntes pioneiras do pensamento teórico sobre a aquisição das L2, considera que os erros são inevitáveis, porque os aprendentes estão sempre a testar as suas hipóteses em relação à língua que estão a aprender. Deste modo, os erros são vistos como integrando a própria aprendizagem da L2. A teoria, que foi primeiramente proposta por Corder (1967), tenta descobrir como os aprendentes de L2 processam e adquirem a L2. Na visão de Corder, os erros cometidos pelos aprendentes não são necessariamente devidos à influência de LM, mas também à influência de outras línguas que os aprendentes sabem, mesmo com conhecimento bastante limitado. Segundo Ellis (1994), são considerados fatores relevantes para o comportamento linguístico dos aprendentes, não só a transferência de estruturas da LM ou de outras línguas conhecidas (fatores interlinguísticos), como também as próprias características da L2 (fatores intralinguísticos).

Os erros devidos à interferência interlinguística, ou os erros de transferência, envolvem principalmente três tipos (Lott, 1983, *apud* Ellis, 1994): extensão (ou analogia) indevida (por exemplo, aprendentes italianos usam o semanticamente plausível *process* para dizer *trial* em inglês, porque em italiano *process* tem este significado), transferência de estruturas (aspectos fonológicos, lexicais, gramaticais, ou pragmáticos), e também os erros que decorrem de distinções que não existem na L1 (por exemplo, aprendentes italianos usam *make* em vez de *do*, porque em italiano não existe distinção de *make/do*).

Já os erros intralinguísticos são divididos em quatro tipos por Richards (1971b, *apud* Ellis, 1994): a generalização indevida (e.g., *He can sings* em vez de *He can sing* ou *He sings*), negligência de restrições do contexto para a aplicação de regras (e.g., *He made me to rest* em vez de *He made me rest*), a aplicação incompleta de regras (e.g., *You like to sing?* em vez de *Do you like to sing?*), e as hipóteses divergentes em relação à LA (e.g., *One day it was happened* em vez de *One day it happened*).

Os erros podem ainda ser divididos em erros de desempenho (*performance*) e erros de competência (Ellis, 1994), em função das razões pelas quais ocorrem na produção de

aprendentes. Todavia, atendendo ao contexto em que elaboramos o trabalho, seria problemático fazer uma distinção entre os erros de desempenho e os erros de competência que os informantes corrigem, porque isso geralmente requer uma análise de vários textos de cada informante. No entanto, os traços das correções estudadas possibilitam algumas inferências sobre a sua fonte, interlinguística ou intralinguística, que abordaremos na análise das correções de erros (ver cap. III).

## Capítulo II: Metodologia

### 1. Base empírica

Ao juntar materiais escritos de aprendentes de LM chinesa e inglesa, recorreremos primeiro ao *Corpus* de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (*Corpus* PEAPL2) do CELGA-ILTEC (Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada) da Universidade de Coimbra, do qual a maioria dos textos selecionados para a análise são oriundos (ao todo, 45 textos). A transcrição de textos manuscritos deste *corpus* conserva os segmentos riscados e os segmentos acrescentados, tendo sido usadas determinadas convenções de transcrição que possibilitam e facilitam a análise que se pretende no presente trabalho. As convenções relevantes, neste caso, são < xxx >, que corresponde aos segmentos riscados, e / xxx /, que assinala os segmentos acrescentados.

Escolhemos os textos de informantes de LM chinesa e inglesa, em primeiro lugar, porque o número de informantes e textos destes dois grupos é relativamente grande, o que possibilita a recolha de mais dados para a análise, e, por outro lado, porque as línguas chinesa e inglesa consistem, respetivamente, na LM e numa das LE da autora do presente estudo, o que permite uma análise qualitativa mais profunda dos dados. Além disso, a distinta distância linguística destas línguas em relação à língua portuguesa também constitui um fator interessante para a comparação destes dois grupos de aprendentes.

Entre os textos escritos destes informantes, selecionamos preferencialmente os que apresentam mais traços de correções para fornecer uma maior quantidade de dados para a análise. Além destes, ainda foram recolhidos mais 5 textos num teste de escrita linguística de estudantes de Cursos de Português para Estrangeiros da UC, a fim de suplementar os dados do *Corpus* PEAPL2. Portanto, recolhemos, no total, 50 textos, repartidos de forma equitativa, tendo em conta o nível de proficiência (A1 a C1) e a LM (chinês e inglês) dos informantes.

Fonte	Nível de proficiência	Número de textos de aprendentes de LM chinesa	Número de palavras	Número de textos de aprendentes de LM inglesa	Número de palavras
<i>Corpus</i> PEAPL2	A1	5	618	5	693
	A2	5	1048	4	854
	B1	5	1168	5	1265
	B2	1	439	5	1649
	C1	5	1606	5	1230
Teste de seriação	A1				
	A2			1	212
	B1				
	B2	4	771		
	C1				
Total		25	5650	25	5903

Tabela1: Características da base empírica do presente estudo: número de textos e de palavras por fonte de recolha e por níveis de proficiência e LM dos informantes

Nível de proficiência	Número de textos de aprendentes de LM chinesa	Número de palavras	Número de textos de aprendentes de LM inglesa	Número de palavras	Número total de textos	Número total de palavras
A1	5	618	5	693	10	1311
A2	5	1048	5	1066	10	2114
B1	5	1168	5	1265	10	2433
B2	5	1210	5	1649	10	2859
C1	5	1606	5	1230	10	2836
Total	25	5650	25	5903	50	11553

Tabela 2: Quadro síntese das características da base empírica do presente estudo: número de textos e de palavras por nível de proficiência e LM dos informantes

## 2. Amostra de sujeitos

A amostra é constituída por 46 aprendentes de PLE, 24 de LM chinesa e 22 de LM inglesa, cujos textos foram recolhidos das duas fontes já referidas. Entre os aprendentes, alguns elaboraram dois textos sobre diferentes temas, pois o número de aprendentes não corresponde ao número de textos recolhidos. De acordo com a apresentação dos informantes do *Corpus* PEAPL2 (disponível em <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2/metodologia>), na altura da produção dos textos, estes eram estudantes que frequentavam os Cursos de Português para

Estrangeiros na UC, sendo os respectivos níveis de proficiência correspondentes aos das turmas frequentadas. Os textos foram produzidos a partir de estímulos escritos que se inserem em três áreas temáticas: o indivíduo, a sociedade e o meio ambiente. Já os textos que provêm do teste de seriação foram escritos por aprendentes que iriam começar o curso na UC, versando sobre o indivíduo e o meio ambiente. Os níveis de proficiência destes últimos informantes foram atribuídos de acordo com os resultados da seriação, refletindo os seus níveis linguísticos naquela altura.

Quanto aos perfis dos informantes, os aprendentes chineses, cuja idade varia entre 16 e 24, são, em geral, mais jovens do que os de LM inglesa, com idades entre 19 e 69. A maior parte dos informantes é do sexo feminino: 15 em 24 informantes chineses (1 informante não referiu o seu sexo) e 13 em 22 aprendentes de LM inglesa. A maioria dos aprendentes chineses sabe inglês (21 dos 24 referiram o seu conhecimento de inglês) e os de LM inglesa geralmente têm conhecimento de espanhol ou de francês. Note-se que, quando tratamos neste trabalho dos aprendentes de LM chinesa, não se distingue entre mandarim e cantonês.

### 3. Critérios de inclusão e de exclusão de dados

No sentido de possibilitar um levantamento efetivo de dados, fazemos uma triagem de todos os segmentos marcados como autocorrecções nos textos seleccionados, incluindo o acrescento e o apagamento de segmentos. Serão excluídos da análise os casos que não contêm evidências suficientes para uma inferência fundamentada, nomeadamente os segmentos riscados ilegíveis (total ou parcialmente), os casos de correção que correspondem a meras repetições dos segmentos originais (seguindo Smith, 2008), e também as correções que dizem respeito às convenções da escrita, incluindo pontuações e seleção de letra maiúscula e/ou minúscula.

Esclareça-se ainda que, quanto à contagem das autocorrecções válidas para a análise, as tentativas relativas à correção de um mesmo segmento foram contabilizadas como somente uma correção. Por exemplo, na frase *Como na residência só há quatro máquinas de lavar roupas, no fim de semana sempre há uma fila <de para> de espera para lavar.* (CHINÊS.CA.B1.12.77.3T), o informante corrige duas vezes a preposição da expressão *fila de espera*, no entanto, na contagem, é considerado apenas um caso de autocorreção.

Também a correção que envolve mais de um procedimento de correção (e.g., o apagamento e o acrescento) é considerado neste trabalho um só caso de autocorreção, na medida em que a correção de um segmento se relaciona estreitamente com a correção de outro. Vê-se no exemplo do texto CHINÊS.CA.C1.07.6.1B: *Mas o que me comoveu mais era o espírito de união estudantil na Queima, que raramente se vê nas outras <unido> /universidades/*. O informante apagou *unido* para escrever a forma correta de *universidades*, que tecnicamente envolve o apagamento e o acrescento de segmentos, sendo que ambos dizem respeito à mesma palavra que o informante tentou escrever corretamente, tendo, por isso, sido contabilizados como um caso de correção.

#### 4. Critérios de organização e classificação dos dados: tipologias

Adotamos, no total, três tipologias para a análise das autocorrekções dos aprendentes.

A primeira tipologia, focalizada nos motivos ou intenções que presidem às correções e elaborada a partir de Levelt (1983), tem em conta as propriedades dos materiais escritos que analisaremos e apresenta 4 tipos de autocorreção, como se mostra a seguir.

Tipo de autocorreção	Descrição	Exemplo
Correção de erros ( <i>error repair</i> )	Correção decorrente da deteção de um erro pelo aprendente.	Entrei e vi que os vizinhos <ester> estivereram a jantar. (CHINÊS.CA.A1.01.77.3T)
Correção de adequação ( <i>appropriateness repair</i> )	Correção com o fim de deixar a mensagem mais clara ou de a tornar mais adequada ao contexto, através de operações de reformulação, de acrescento, de omissão ou de alteração.	E o livro pode levar-me para outro mundo <novo> maravilhoso. (CHINÊS.CA.B1.13.33.1J)

Correção por informação diferente ( <i>different repair</i> )	Correção que interrompe a mensagem original para introduzir uma informação diferente.	Na semana passada, comecei a bilhera de avião por venho á Grec á, At éna. <Os meus pa í> Vou chegar a fim de Julio. (INGLÊS.ER.A1.43.6.1B)
Outra correção ( <i>rest repair</i> )	Correção que não se insere em qualquer uma das demais categorias e/ou que não apresenta evidências suficientes para uma inferência fundamentada.	O cheiro de combustível me faz sempre pensar nas <pa ta> possibilidades voluntariamente abandonadas de termos espaços urbanos tranquilos e acesíveis a pé (INGLÊS.CA.C1.25.75.3S)

Tabela 3: Tipologia de autocorrecções atendendo à motivação do aprendente

Categorizamos as autocorrecções a partir da comparação entre o segmento original e o que o substitui e/ou acrescentado. É inegável que este processo de categorização depende de uma inferência, porque tratamos diretamente da produção escrita de aprendentes sem acesso a qualquer forma de auto-retrospeção, obtida, por exemplo, através de uma entrevista (como se recomenda em Kormos 1999a). Por isso, ao analisar o motivo que leva à correção, apresentamos as hipóteses a partir da observação de segmentos originais e substituintes, bem como o contexto de correção.

Entre as quatro categorias acima referidas, pode ser mais problemático distinguir entre a correção de erros e a correção de adequação, nomeadamente porque um aprendente pode substituir um segmento por ter efetivamente detetado um erro ou, então, por considerar que pode melhorar a sua expressão. Tendo em conta esta dificuldade, optou-se por considerar que a modificação da mesma palavra seria classificada como um caso de correção de erros, porque, segundo Levelt (1984: 111), a principal diferença entre as correções de erros e as correções de adequação é que as correções de erros são bem mais restritivas, assistindo-se à tendência para manter, embora com modificações formais, as expressões do enunciado original. Já a substituição de uma palavra por uma outra poderá ser exemplificativa de

correção de erros ou de correção de adequação. A fim de proceder a esta distinção, tomou-se por critério a correção formal do segmento original. Assim, optou-se por classificar como correção de erros os casos em que o segmento original não estava em conformidade com a forma que deveria ter na língua-alvo (LA). Já nos casos em que o uso de segmento original é aceitável na LA, mesmo que possa não ser o mais apropriado, contamos as ocorrências como ilustrativas de correção de adequação.

Quanto à contagem das correções de erros, há casos nos quais os informantes tentam corrigir mais de um aspecto linguístico ao mesmo tempo. Por exemplo, na frase *Nós também <apanho> tomamos banho de sol.* (CHINÊS.CF.A2.04.33.1J), o informante percebeu um erro de concordância sujeito-verbo quando escreveu *apanho* na primeira pessoa singular depois de sujeito *nós* e, na tentativa de assumir a concordância sujeito-verbo, também substituiu o próprio verbo *apanhar* com *tomar* a fim de formar a expressão *tomar banho*. Neste exemplo, foram contabilizados dois casos de correção de erros.

Por sua vez, as correções por informação diferente geralmente são compostas por dois segmentos com conteúdos irrelevantes, implicando que o informante desiste do enunciado original para introduzir uma mensagem diferente. Já as outras correções dizem respeito às correções em que não se evidenciam pistas suficientes para ser enquadradas em nenhuma categoria específica, por apresentarem, geralmente, os segmentos originais incompletos ou ambíguos.

A segunda tipologia usada para analisar os segmentos corrigidos pelos aprendentes é baseada em critérios que consideram a categoria linguística das estruturas afetadas pelas correções.

Categorias	Subcategorias	Manifestações dos desvios
Ortografia	Representação gráfica desviante de segmentos	Pela representação gráfica desviante de segmentos fonológicos ou de fones convergentes com os da língua alvo (LA).
	Acentuação e uso de diacrícos	Pela ausência de acento gráfico.

		<p>Pela acentuação indevida de vogais tónicas graficamente não acentuadas na LA.</p> <p>Pelo uso de diacríticos inadequados com vogais graficamente acentuadas na LA.</p>
Ortografia /Fonologia	Representação desviante de segmentos fonológicos	A representação gráfica denuncia uma representação fonológica não convergente com a da LA.
	Representação desviante de padrões de acentuação prosódica	Pela acentuação indevida de vogais átonas graficamente não acentuadas na LA.
Ortografia /Morfologia	Segmentação de unidades vocabulares	A representação gráfica revela hipossegmentação de formas vocabulares (inclui ausência de hífen entre verbos e clíticos) ou hipersegmentação.
Morfologia	Flexão verbal	<p>Pela representação desviante dos constituintes morfológicos do verbo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— forma do radical (quando o desvio se prende com mecanismos associados à flexão, como a alternância vocálica ou consonântica do radical) ;</li> <li>— seleção da vogal temática;</li> <li>— forma do morfema de tempo-modo e/ou morfema de pessoa-número.</li> </ul>
	Morfologia de outras palavras variáveis	Pela representação desviante dos constituintes morfológicos de palavras variáveis:

		<p>— seleção do índice temático inadequado (nomes e adjetivos);</p> <p>— representação da marca de gênero (determinantes e quantificadores);</p> <p>— representação da marca de plural.</p>
	Morfologia de palavras invariáveis	<p>Pela representação desviante dos constituintes morfológicos de palavras invariáveis:</p> <p>— tentativa de flexionar advérbios</p> <p>— outros casos</p>
Morfologia/ Sintaxe	Atribuição de valores de gênero nominal e concordância	Pela atribuição de um valor de gênero indevido a um nome revelado quer por via de marcas morfológicas no próprio nome quer através de fenômenos de concordância sintática (determinante/quantificador/adjetivo + nome).
	Concordância nominal em número	Através do desrespeito da concordância sintática em número com o nome, revelada pela forma morfológica de determinantes, quantificadores ou adjetivos que com o nome devam concordar.
	Concordância sujeito-verbo	Pela ausência de concordância em pessoa-número entre o sujeito e o verbo.
	Forma do pronome pessoal	Pelo recurso a formas pronominais inadequadas atendendo à sua função sintática na LA.
Sintaxe	Ordem de palavras	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Através da posição enclítica (pós-verbal) do pronome pessoal átono em contextos obrigatórios de próclise (posição pré-verbal) no português europeu e vice-versa.</li> <li>• Outros casos</li> </ul>

Sintaxe/ Semântica	Determinação dos nomes	Através da ausência de determinante (normalmente artigo) antes do nome, da sua presença desnecessária ou da escolha inadequada de determinante (por exemplo, artigo definido por indefinido e vice-versa).
	Seleção de tempo e/ou modo verbal	Pelo recurso a uma forma verbal cujo valor de tempo, de modo ou de tempo-modo não é adequado ao contexto.
Léxico/ Sintaxe	Uso de preposições	Pela omissão, adição indevida ou substituição de preposições.
Léxico		<p>Pelo recurso a:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>— uma forma importada de uma língua estrangeira;</li> <li>— um vocábulo que, não atestado em português, recorre a processos de formação de palavras do português;</li> <li>— um vocábulo que não seria selecionado por um falante nativo no mesmo contexto semântico/de uso;</li> <li>— palavra semântica e formalmente afim à que seria adequada ao contexto, mas pertencente a uma classe de palavras distinta.</li> </ul>

Tabela 4: Tipologia de desvios em produções escritas de aprendentes de PL2: categorias, subcategorias e manifestações linguísticas de Martins<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Martins, C. (2016). *Tipologia de desvios em produções escritas de aprendentes de PL2: categorias, subcategorias e manifestações linguísticas*. Aquisição e Aprendizagem de L2. 2.º ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, FLUC.

Por fim, avaliamos o efeito da correção de erros, tendo por referência a categorização linguística já referida, que pode ser de 4 tipos principais: (i) um segmento original correto / aceitável que, com a alteração introduzida, se mantém correto / aceitável (i.e, *certo* para *certo* [c-c]); (ii) um segmento original correto/aceitável que, com a alteração introduzida, se torna incorreto/inaceitável (i.e, *certo* para *errado* [c-e]); (iii) um segmento original incorreto / inaceitável que, com a alteração introduzida, se mantém incorreto / inaceitável (i.e, *errado* para *errado* [e-e]); e (iv) um segmento original incorreto / inaceitável que, com a alteração introduzida, se torna correto / aceitável (i.e, *errado* para *certo* [e-c]). Em determinados casos, o aprendente evidencia várias tentativas de correção e, portanto, a categorização complexifica-se. Ressalve-se que a avaliação do efeito da alteração toma por referência restrita a categoria linguística em foco na operação de correção, o que quer dizer que nem sempre os casos e-c resultam em enunciados totalmente aceitáveis na LA. Considere-se, a este propósito, o exemplo *agora na China, não tem nenhum/ns/ diferentes entre a vida urbana ou no campo!* (Chin ê.B2.4). Neste caso, a alteração incide sobre a concordância em número e produz, nesse restrito âmbito, o efeito desejado, sendo, portanto, classificado como um exemplo de e-c. É, ainda assim, evidente que o resultado não corresponde a um enunciado gramatical na LA, já que o uso do adjetivo *diferentes* é inadequado ao contexto, devendo ter sido substituído pelo nome (no singular) *diferença*.

## Capítulo III: Resultados e discussão

### 1. Ocorrência de autocorreções

Como já referimos nas secções anteriores, há trabalhos que estudam a relação entre a quantidade de autocorreções realizadas na produção linguística e os níveis de proficiência dos aprendentes de uma L2. O'Connor (1988) conclui que os aprendentes com nível mais elevado produzem um pouco mais de autocorreções do que os de níveis mais baixos, Fincher (2006) também chega à conclusão de que, em geral, os aprendentes de níveis mais avançados fazem mais correções. Embora o presente estudo tenha sido elaborado em contexto diferente daqueles em que foram estes trabalhos (do domínio de oralidade), procuramos saber se a quantidade de autocorreções encontradas nos diferentes níveis revela uma tendência semelhante. Devemos ressaltar aqui que as autocorreções que estudamos neste trabalho abrangem somente as manifestas, excluindo todas as autocorreções encobertas, porque não dispomos de condições necessárias para uma análise deste tipo.

Fizemos, então, uma contagem do número absoluto de autocorreções que encontramos em textos escritos pelos informantes. Ao mesmo tempo, procedemos a uma comparação entre os grupos de LM chinesa e inglesa. O resultado apresenta-se nos gráficos 1 e 2:

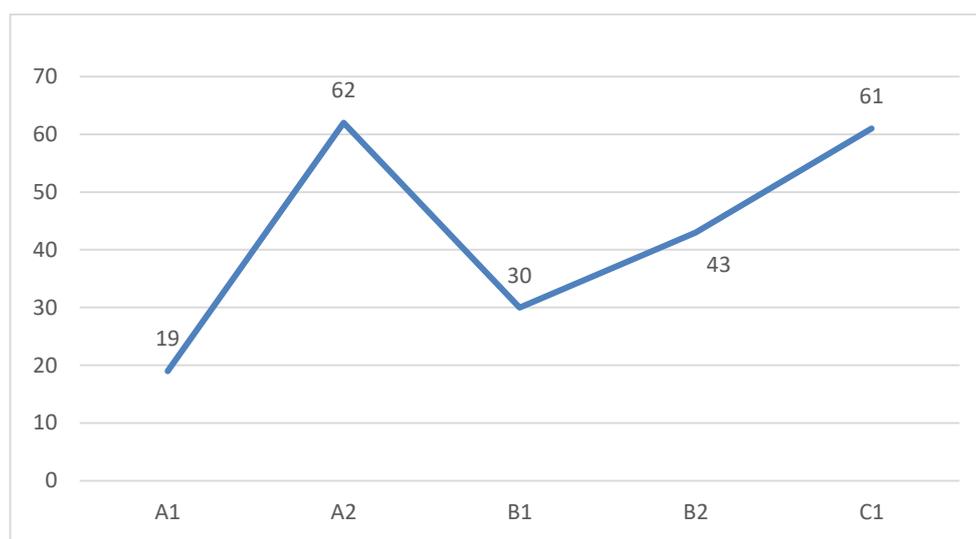


Gráfico 1: Ocorrências das autocorreções de informantes de LM chinesa, por nível de proficiência (números absolutos)

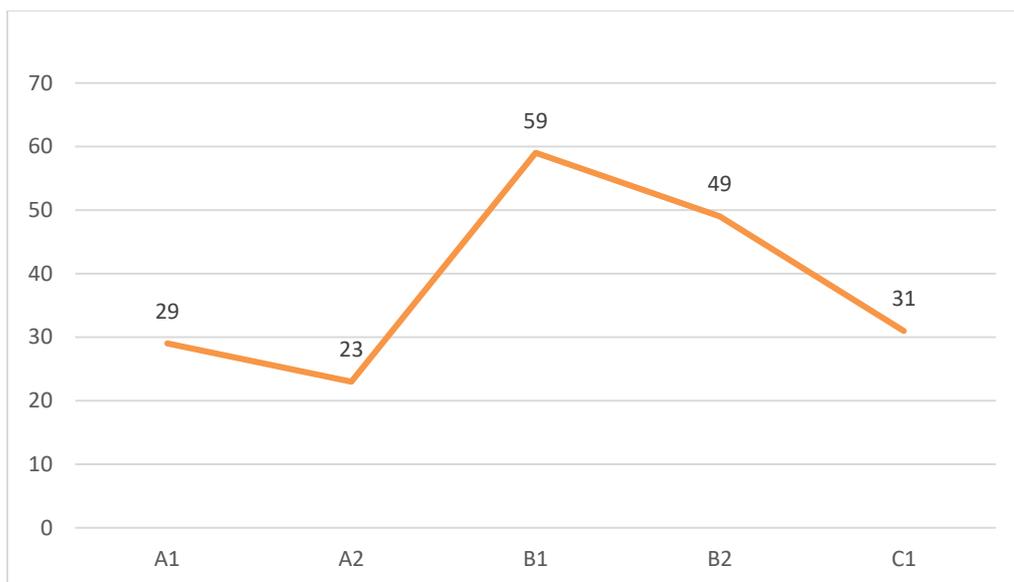


Gráfico 2: Ocorrências das autocorreções de informantes de LM inglesa, por nível de proficiência (números absolutos)

Observamos nos gráficos 1 e 2 que a ocorrência de autocorreções de ambos os grupos revela uma flutuação muito óbvia com o avanço do nível de proficiência. Curiosamente, quanto ao grupo de LM chinesa, a ocorrência de autocorreções mais alta encontra-se no nível A2 e a mais baixa entre os aprendentes principiantes de A1. O padrão de resultados dos aprendentes de LM inglesa é distinto: os informantes do nível intermédio de B1 realizam mais autocorreções, enquanto o número menor de ocorrências é encontrado no nível A2. Se compararmos somente o nível C1 com o nível A1, o grupo de LM chinesa mostra um aumento significativo do número de ocorrências, enquanto no grupo de LM inglesa a ocorrência de autocorreções do nível C1 é quase igual à que se observa no nível A1.

Apesar da flutuação de ocorrências, em geral, o número de autocorreções sobe com o avanço do nível de proficiência dos aprendentes. Ao compararmos os dois grupos, podemos reparar em que essa tendência nos informantes de LM chinesa é bem mais notável do que no grupo de LM inglesa.

Podemos procurar explicar o padrão observado convocando vários aspetos. Em primeiro lugar, o aumento do número de palavras em textos escritos deverá afetar o número de autocorreções. De acordo com os dados que já apresentámos no capítulo da metodologia, em ambos os grupos de LM o número de palavras escritas tende a aumentar com o nível de proficiência. É natural que em textos de maior extensão, os aprendentes tenham mais

oportunidades de cometer erros e, assim também, mais oportunidades para a correção desses erros. Contudo, este fator sozinho não seria suficiente para explicar o aumento observado.

Por outro lado, é provável que os aprendentes de nível mais avançado percebam com mais facilidade os erros que cometem, podendo, ainda, ser mais competentes na autocorreção por causa do maior grau de automaticidade no processamento do conhecimento linguístico que já possuem da LA, aumentando, conseqüentemente, o número de autocorreções. O aprendente de nível mais baixo, pelo contrário, tem dificuldade em reparar nos erros que comete pela limitação do seu conhecimento da L2 e pelo menor grau de atenção disponível para a monitorização, dada a sua falta do conhecimento linguístico automático.

Relativamente a esta questão, Camps (2003:7) salienta que os aprendentes que cometem mais erros possuem um conhecimento mais limitado da língua, ficando, portanto, menos aptos para reparar neles e para os corrigir. Não têm consciência dos erros ou porque não sabem a forma correta, ou porque se preocupam mais com outros aspectos da produção linguística, como a procura do léxico apropriado.

Ainda que a autocorreção deva ser considerada um índice da atividade de monitorização, isso não quer dizer que a ausência de autocorreções reflita necessariamente uma atividade linguística não monitorizada (O'Connor 1988:253). Por conseguinte, o número de ocorrências não deve ser considerado o único índice do funcionamento do monitor.

Em síntese, ambos os grupos de LM apresentam uma tendência de subida relativa no número de autocorreções que ocorrem nos textos que escrevem, que pode resultar da crescente extensão desses textos, bem como do crescente conhecimento da L2 e do maior grau de atenção disponível para a monitorização com o avanço de nível de proficiência.

## 2. Distribuição de autocorreções: tipologia de Levelt (1983)

Nesta secção, analisaremos a distribuição dos tipos de autocorreção em função da tipologia de Levelt (1983) apresentada no capítulo de metodologia, que distingue entre as correções de erros, as correções de adequação, as correções por informação diferente e outras correções. Cumpre mencionar que comparamos os dados entre os grupos de LM chinesa e inglesa, além da comparação entre os diferentes níveis de proficiência dos informantes.

Primeiramente, contámos o número absoluto de autocorrecções de diferentes categorias que encontramos em textos escritos, como se ilustra no quadro seguinte:

Tipos de autocorreção	Correções de erros	Correções de adequação	Correções por informação diferente	Outras correções	Total
<b>Grupo de LM chinesa</b>					
A1	13	6	0	0	19
A2	37	19	4	2	62
B1	11	16	2	1	30
B2	19	21	2	1	43
C1	27	29	3	2	61
<b>Total</b>	107	91	11	6	215
<b>Grupo de LM inglesa</b>					
A1	13	15	1	0	29
A2	13	9	0	1	23
B1	26	30	1	2	59
B2	15	31	3	0	49
C1	19	11	0	1	31
<b>Total</b>	86	96	5	4	191

Tabela 5: Número absoluto de diferentes tipos de autocorreção

Constatamos, através da tabela 5, que o número total de ocorrências de autocorreções do grupo de LM chinesa ultrapassa o do grupo de LM inglesa, embora não se apresente uma grande diferença entre os dois. Calculámos a proporção de cada tipo de correções nos dois grupos e chegámos à conclusão de que, no grupo de LM chinesa, as correções de erros apresentam 49,8% do total, seguindo-se as correções de adequação, com aproximadamente 42,3%, as correções por informação diferente, com 5,1%, e, por fim, outras correções, que ocupam 2,8% do conjunto das ocorrências. Por sua vez, entre as autocorreções que os informantes de LM inglesa realizaram, 45% são correções de erros, 50,3% são correções de

adequação, 2,6% são correções por informação diferente, enquanto outras correções não categorizáveis ocupam 2,1%.

Em geral, o resultado do grupo de LM chinesa coincide com a maioria dos resultados relatados nos estudos que investigam a distribuição de autocorreções, apesar de estes trabalhos terem sido elaborados em contextos de usos orais ou de *chat* educacional. Estes trabalhos, incluindo os de Levelt (1983), Kormos (2000), Smith (2008) e outros, estabeleceram que as autocorreções de erros representam a maior parte entre as autocorreções na produção linguística de aprendentes de L2. No entanto, os resultados do grupo de LM inglesa evidenciam que a maior parte de autocorreções corresponde a correções de adequação, sendo, assim, semelhantes aos apurados por van Hest (1996). Entre os dois grupos, as proporções de correções de erros e de correções de adequação não têm uma diferença muito grande, especialmente no grupo de LM inglesa. Os restantes dois tipos de autocorreção representam percentagens mínimas comparadas com as de correções de erros e de correções de adequação.

Ainda segundo as informações apresentadas na tabela 5, o número de ocorrências das correções por informação diferente é bem menor do que as correções de erros e correções de adequação, mas as ocorrências no grupo de LM chinesa são quase o dobro das registadas no grupo da LM inglesa. A ocorrência de outras correções é semelhante entre os dois grupos.

De seguida, comparamos os dados relativos aos diferentes níveis de proficiência. Quanto às correções de erros, destaca-se o número de ocorrências no nível A2 do grupo de LM chinesa e no nível B1 do grupo de LM inglesa, indicando que, em termos gerais, os informantes de níveis principiantes-intermédios realizaram mais correções de erros do que os informantes de outros níveis. Por outro lado, os informantes de níveis intermédios-avançados são responsáveis pela maior parte das correções de adequação, com a ocorrência mais alta encontrada no nível C1 no grupo de LM chinesa e no nível B2 no grupo de LM inglesa. Esta tendência corresponde à conclusão de Kormos (1999a) de que os aprendentes com maior proficiência produzem mais correções de adequação do que os menos fluentes, porque dispõem de mais atenção para a expressão e para o conteúdo. Por fim, apesar do número absoluto pequeno de correções por informação diferente, os registos da ocorrência do nível A2 do grupo de LM chinesa e do nível B2 de LM inglesa representam a ocorrência mais alta desta categoria. Ressalve-se que esta comparação diz meramente respeito ao

número de ocorrências mais notório de cada categoria de autocorrecções, não se registando alterações claras com o aumento de níveis.

Após esta análise de dados que visa comparar o número de ocorrências de diferentes tipos de autocorreção, procuramos investigá-los dentro de diferentes níveis de proficiência, em termos mais pormenorizados. Para esse efeito, calculamos a percentagem das quatro categorias de autocorreção em cada nível de proficiência.

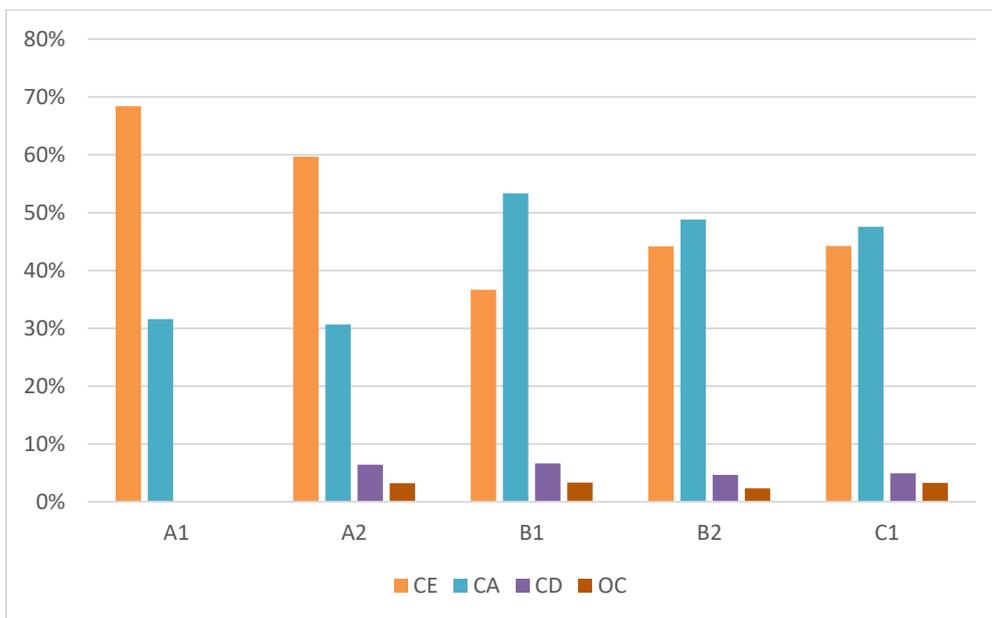


Gráfico 3: Percentagens de quatro tipos de autocorreção em cada nível de proficiência por informantes de LM chinesa

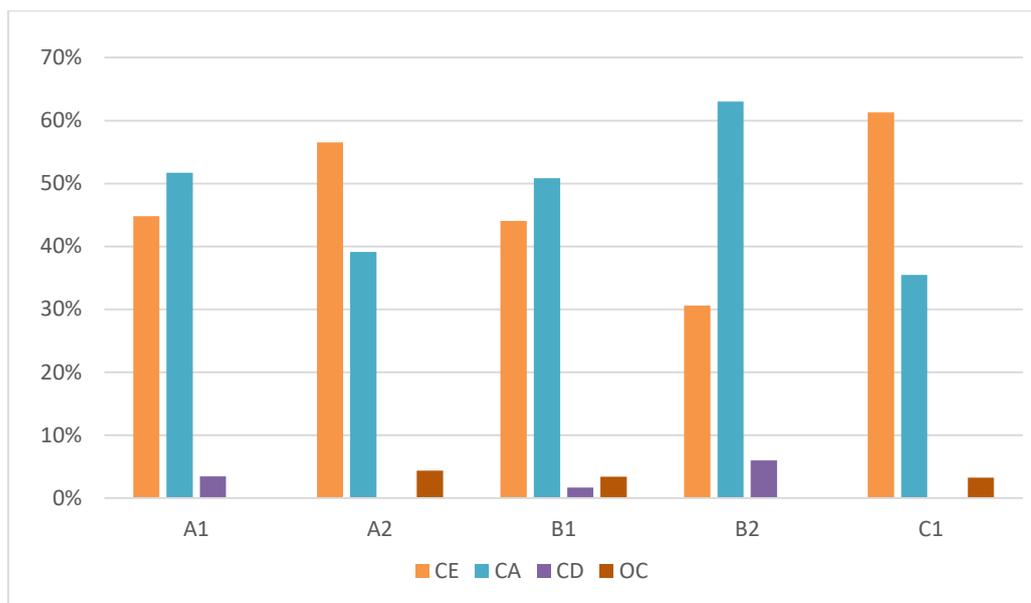


Gráfico 4: Percentagens de quatro tipos de autocorreção em cada nível de proficiência por informantes de LM inglesa

Quanto ao grupo dos informantes chineses, constatamos, no gráfico 3, que as proporções de correções de erros e correções de adequação ficam cada vez mais próximas com o avanço do nível de proficiência dos aprendentes. No nível de iniciação A1, a proporção de correções de adequação é aproximadamente metade da proporção de correções de erros. No entanto, esta diferença diminui a partir do nível A2 e as correções de adequação atultrapassam as correções de erros, proporcionalmente, nos níveis B1, B2 e C1.

Com a clareza de tendências observada no gráfico 3 podem ser contrastados os padrões não lineares patentes no gráfico 4 que registra o comportamento dos informantes da LM inglesa. Neste caso, as proporções de diferentes tipos de autocorreções mostram uma flutuação muito pouco linear do nível A1 ao nível C1. No entanto, apesar da notória flutuação do comportamento dos aprendentes de LM inglesa por nível, as duas categorias principais de autocorreções nos grupos de LM chinesa e de LM inglesa são as mesmas. Assim, e diferentemente do que acontece no caso das autocorreções de erros e nas autocorreções por adequação, o número absoluto de ocorrências de correções por informação diferente é bastante pequeno nos dois grupos linguísticos, não revelando uma tendência muito óbvia de nível mais baixo para o nível mais alto. Ainda assim, e evidenciando, mais

uma vez, um padrão mais claro de comportamento, no grupo de LM chinesa, a proporção deste tipo de correções parece diminuir com o avanço de nível.

Em suma, esta comparação de proporções de diferentes tipos de autocorreção evidencia principalmente que o desempenho dos informantes chineses é relativamente mais evidente, revelando uma alteração de foco de correções de erros para correções de adequação com o aumento do nível de proficiência. Por sua vez, os informantes da LM inglesa parecem mostrar uma tendência inversa, embora pouco clara e bastante irregular.

### 3. Distribuição das correções de erros por categorias linguísticas

Como se ilustra nas seções anteriores, as correções de erros representam uma parte significativa de todas as autocorreções. O número de correções de diferentes erros gramaticais reflete, de certo modo, a distribuição de atenção dos aprendentes para vários aspectos da forma linguística e é possível que os informantes de diferentes níveis de proficiência tenham focos distintos. Com esta hipótese, analisamos agora a correção de erros de acordo com a tipologia linguística pormenorizada que referimos no capítulo da metodologia, nesta análise inserindo também a comparação dos dois grupos de informantes.

	Grupo da LM chinesa						Grupo da LM inglesa					
	A1	A2	B1	B2	C1	Total	A1	A2	B1	B2	C1	Total
Ortografia	1	1	1	2	0	5	1	1	1	1	0	4
Ortografia /Fonologia	6	13	0	2	5	26	2	2	8	2	5	19
Ortografia /Morfologia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Morfologia	2	2	1	1	0	6	0	1	4	2	0	7
Morfologia/Sintaxe	2	7	0	5	5	19	2	2	5	3	5	17
Sintaxe	0	0	0	0	1	1	1	0	1	1	0	3
Sintaxe/Semântica	0	7	3	5	9	24	6	2	2	1	2	13
Léxico/Sintaxe	1	4	4	2	3	14	1	2	2	2	3	10
Léxico	1	3	2	2	4	12	0	3	3	3	4	13
Total	13	37	11	19	27	107	13	13	26	15	19	86

Tabela 6: Número de ocorrências das correções de erros em função da categoria linguística por LM e nível de proficiência dos informantes

Em primeiro lugar, analisamos os erros que foram corrigidos mais vezes pelos informantes através dos números que se destacam na tabela 6. Relativamente aos informantes de LM chinesa, os erros mais corrigidos são os erros de ortografia/fonologia (26), de sintaxe/semântica (24), e de morfologia/sintaxe (19). Por sua vez, os informantes de LM inglesa corrigiram mais erros de ortografia/fonologia (19), morfologia/sintaxe (17), de sintaxe/semântica (13) e de léxico (13). Curiosamente, as categorias que mais se destacam são basicamente as mesmas.

De seguida, procuramos saber quais são os aspetos linguísticos mais corrigidos em cada nível de proficiência, a partir dos dados da tabela 6. A distribuição de autocorreções de cada categoria linguística é ilustrada nos gráficos 5 e 6.

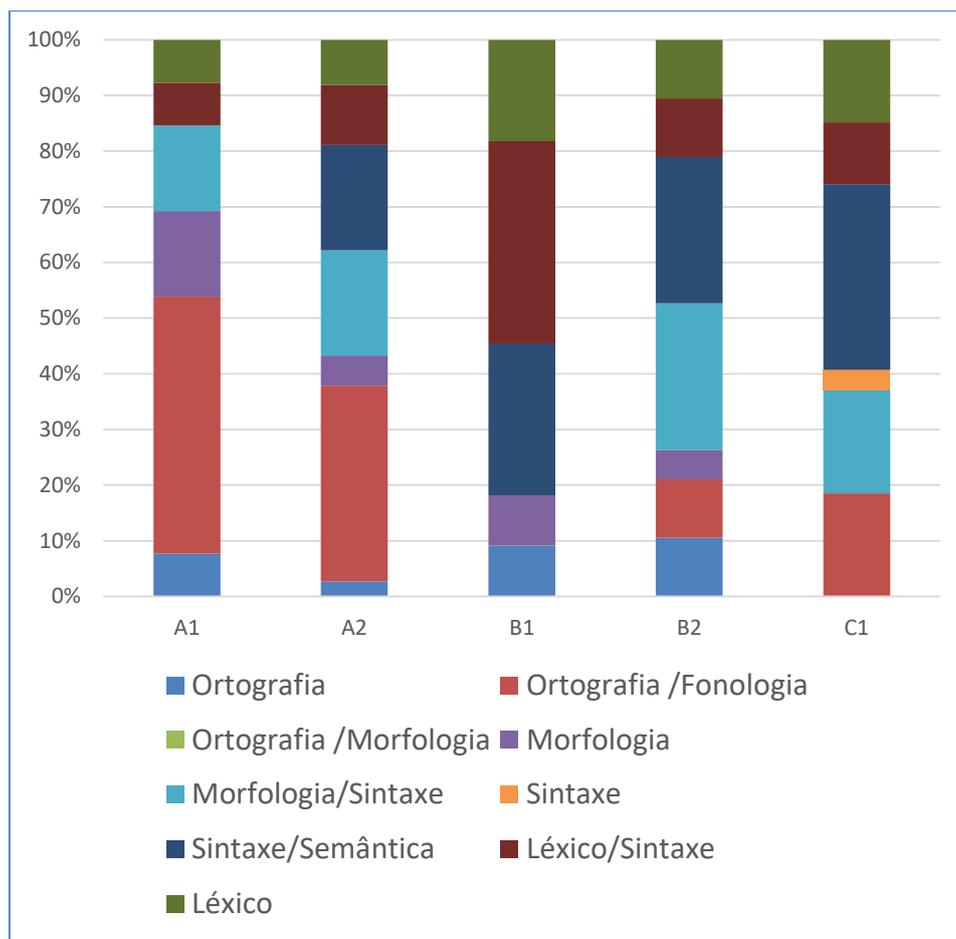


Gráfico 5: Distribuição de autocorreções em termos de categorias linguísticas por informantes de LM chinesa em cada nível de proficiência

Segundo os dados apresentados no gráfico 5, relativos aos informantes de LM chinesa, estes mostram bastante preocupação com a ortografia/fonologia nas fases de iniciação A1 e A2, sendo esta a categoria da maior parte de todas as autocorreções em ambos os níveis. No nível B1, a mais notável é a proporção de correções de erros de léxico/sintaxe. As correções de erros de morfologia/sintaxe e de sintaxe/semântica, por sua vez, são encontradas mais frequentemente em textos do nível B2, enquanto os informantes do nível C1 corrigiram mais erros de sintaxe/semântica do que outras categorias de erros. Tudo indicia, então, que os informantes de diferentes níveis de proficiência apresentam focos distintos quanto às autocorreções de erros, e ainda que os focos mudam ao longo do processo de desenvolvimento interlinguístico, passando de aspectos formais mais pormenorizados do domínio da relação ortografia/fonologia para componentes progressivamente mais centradas na construção do significado, no domínio da interface sintaxe/semântica.

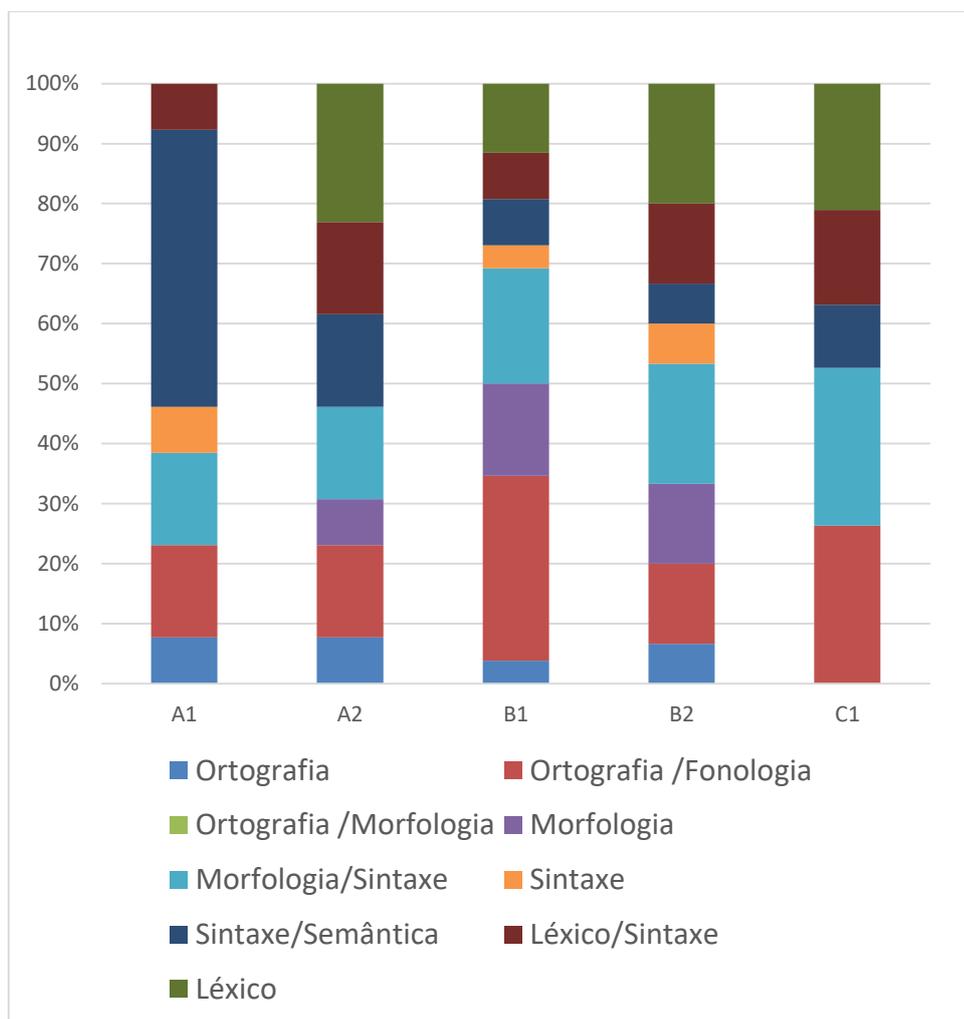


Gráfico 6: Distribuição de autocorreções em termos de categorias linguísticas por informantes de LM inglesa em cada nível de proficiência

O gráfico 6, que ilustra a distribuição de autocorreções por categorias linguísticas por parte dos informantes de LM inglesa, evidencia algumas diferenças em relação ao grupo dos informantes chineses. Curiosamente, os informantes de LM inglesa do nível A1 corrigiram mais erros de sintaxe/semântica do que outras categorias de erros, o que nunca ocorre no nível A1 no grupo de LM chinesa. Já as correções de erros de léxico se destacam no nível A2 e, no nível B1, as correções de erros de ortografia/fonologia, que dominam boa parte dos níveis de iniciação A1 e A2 no grupo de chineses. As correções de léxico e de morfologia/sintaxe representam as correções que ocorrem mais no nível B2, e por fim, as correções de erros de ortografia/fonologia e de morfologia/sintaxe no nível C1. No que se

refere às características do desempenho dos informantes da LM inglesa, estes apresentam uma preocupação com aspectos de sintaxe/semântica principalmente no nível A1 e só depois, nos níveis B1 e C1, se focalizam mais no domínio da ortografia/fonologia. Constatamos também que os informantes de LM inglesa são especialmente sensíveis à seleção lexical, com as correções deste tipo a dominar nos níveis A2 e B2. O único ponto em comum com o grupo da LM chinesa quanto às correções mais encontradas em cada nível é a preocupação com a morfologia/sintaxe no nível B2.

Esta breve comparação entre os resultados de dois grupos de LM mostra que há diferenças entre eles desde o nível mais baixo de proficiência, sendo que os informantes contam também com desempenhos distintos com o avanço de nível de proficiência. Estes aprendentes começam a reparar em aspectos diferentes da LA, com uma sequência provavelmente influenciada pela distância entre a LA e a sua LM. Em concreto, os aprendentes da LM chinesa percebem, desde o início, as lacunas no seu conhecimento da LA no que concerne à interface ortografia/fonologia, enquanto as correções de sintaxe/semântica já dominam no nível avançado de C1. Pelo contrário, os informantes da LM inglesa reparam em aspectos do domínio de sintaxe/semântica logo no início da aprendizagem e os aspectos de ortografia/fonologia ficam salientes só mais tarde, depois nos níveis B1 e C1.

Como referiu Krashen (1982:16), há três fatores que são essenciais para o funcionamento do monitor que é responsável por autocorreções: o tempo, a focalização na forma e o conhecimento da mesma. Nesse sentido, os focos de autocorreções em textos escritos neste contexto implicam principalmente duas coisas: a atenção atribuída a certos aspectos da forma e a capacidade de juízo do próprio informante quanto à correção de erros destes aspectos. Podemos inferir que os focos de autocorreções refletem o conhecimento da LA que os aprendentes de certo nível de proficiência estão a ganhar progressivamente. Assim, conhecimento novo atrai mais atenção e, por ainda não estar dominado completamente, leva a erros repetidos. A diminuição da percentagem de autocorreções de certas categorias com o avanço do nível pode ainda refletir mais conhecimento automático dominado em relação a estes aspectos linguísticos.

#### 4. Efeitos das autocorreções e a sua relação com os níveis de proficiência

Após a categorização das correções de erros quanto à motivação subjacente e quanto à categoria linguística relevante, procuramos saber se estas correções atingiram os seus objetivos, i.e., se resultaram, ou não, em enunciados mais convergentes com o alvo. Lembramos que avaliámos o efeito das correções atendendo apenas ao aspeto linguístico que o informante tenta corrigir. Por isso, é essencial ressaltar que o sucesso da autocorreção que julgamos no presente trabalho não implica, de modo necessário, uma forma completamente convergente com a LA.

Em primeiro lugar, observando os segmentos originais e os segmentos que os substituem/acrescentados, avaliamos as autocorreções como “certo” e “errado”. Como já referimos no capítulo de metodologia, os efeitos das correções de erros são de quatro tipos: os efeitos das correções indevidas que se mantêm convergentes com a LA (c-c) ou se tornam divergentes com a LA (c-e), bem como os efeitos das correções necessárias dos verdadeiros erros que resultam (e-c) ou falham (e-e).

Calculamos, antes de mais, a taxa de sucesso de todas as correções de erros (contando, apenas, o efeito e-c), e conseguimos as taxas médias de 80% no grupo de LM chinesa e de 74% no grupo de LM inglesa, que são bastante altas.

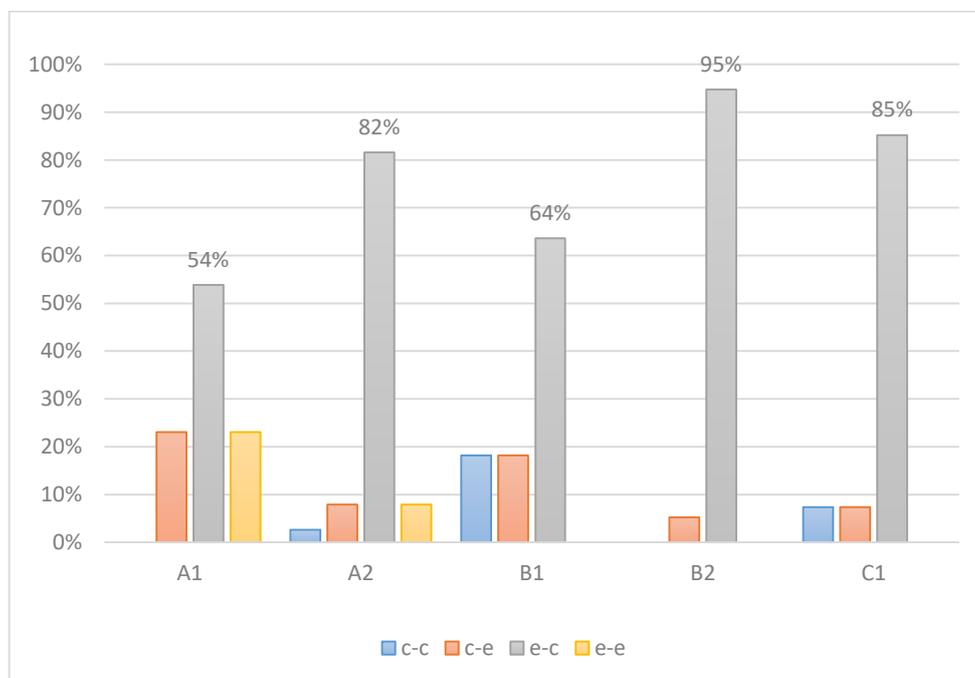


Gráfico 7: Efeitos das autocorreções pelos informantes de LM chinesa, por nível

De acordo com o gráfico 7, que apresenta os efeitos de correções de erros por informantes chineses, as autocorrekções desnecessárias (c-c, c-e) apresentam, de modo geral, uma diminuição na percentagem com o avanço do nível de proficiência. Quanto às correções necessárias (e-c, e-e), o desempenho dos informantes apresenta um aumento bastante óbvio de taxa de sucesso. As autocorrekções necessárias que falham só ocorrem nos níveis mais baixos de A1 e A2 e as que têm sucesso atingem uma percentagem de 95% no nível B2. Embora a taxa de sucesso mostre uma flutuação com o avanço de nível, podemos sublinhar uma tendência geral do aumento desta taxa de sucesso.

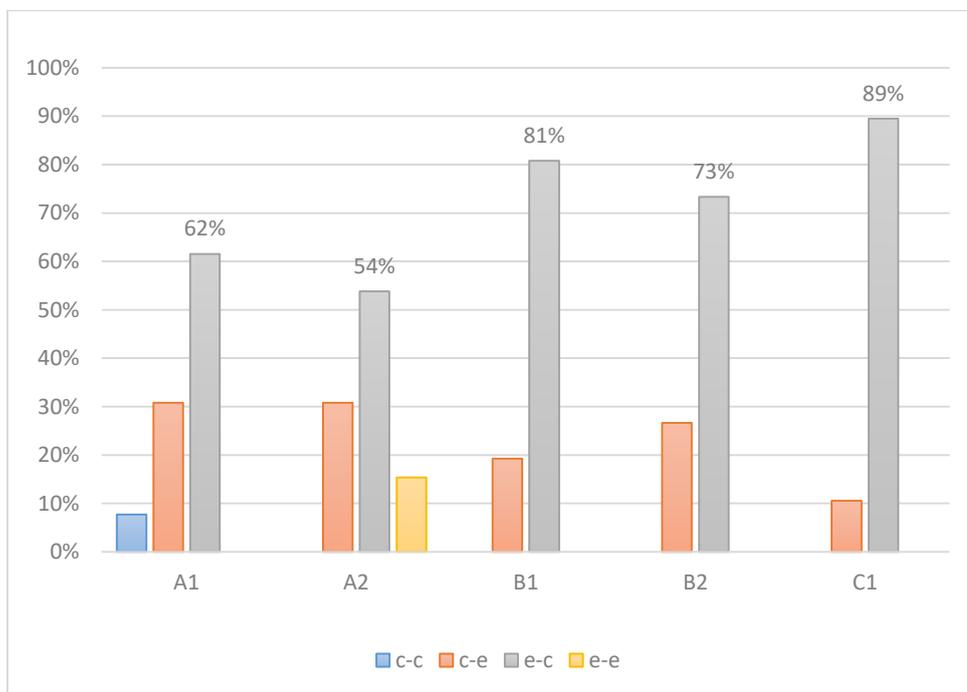


Gráfico 8: Efeitos das autocorrekções pelos informantes de LM inglesa, por nível

De forma semelhante, os dados do grupo de informantes cuja LM é o inglês também mostram, em termos gerais, um aumento da taxa de sucesso das correções de erros. Contudo, os informantes de LM inglesa mostram uma maior percentagem de autocorrekções do tipo “c-e”, quando comparados com o grupo de informantes chineses. Este resultado sugere uma maior insegurança linguística dos informantes de LM inglesa. A maioria das autocorrekções indevidas falha e esta tendência mantém-se igual, mesmo com o avanço de nível de proficiência.

Para concluir, a taxa de sucesso das correções de erros assinala um aumento em ambos os grupos, apesar da flutuação em alguns níveis intermédios. Nestes grupos de LM distinta, as percentagens do efeito “e-c”, que implica o sucesso da autocorreção, são próximas. Em geral a taxa de sucesso das autocorreções é bastante alta, especialmente nos níveis avançados. A diferença mais notável na observação dos dois gráficos é constituída pela alta percentagem de autocorreções indevidas que falham (c-e) por parte dos informantes da LM inglesa, quando comparados com o grupo de chineses, sugerindo a maior incerteza dos primeiros aquando da autocorreção.

#### 5. Efeitos e exemplos das correções de erros em termos de categorias e subcategorias linguísticas

Nesta parte de análise, temos como objetivo descobrir as características do desempenho dos informantes quanto aos efeitos das autocorreções de erros relativos a diferentes categorias linguísticas, adotando, com modificações pontuais, a tipologia de desvios de Martins<sup>3</sup>. Serão apresentados brevemente os resultados dos efeitos das correções de cada categoria linguística nas tabelas 7 e 8. Como o número de ocorrências varia bastante entre as subcategorias, optamos por escolher dois exemplos, um de um informante de LM chinesa e outro de um informante de LM inglesa, que servem de ilustração para a análise das autocorreções por (sub)categorias.

Categorias linguísticas	Subcategorias	c-c	c-e	e-c	e-e	Total
Ortografia	Representação gráfica desviante de segmentos	0	0	2	0	2
	Acentuação e uso de diacríticos	0	0	3	0	3
	Total	0	0	5	0	5
Ortografia /Fonologia	Representação desviante de segmentos fonológicos	0	0	24	2	26

<sup>3</sup> Cf. a nota 2

	Representação desviante de padrões de acentuação prosódica	0	0	0	0	0
	Total	0	0	24	2	26
Ortografia /Morfologia	Segmentação de unidades vocabulares	0	0	0	0	0
Morfologia	Flexão verbal	0	0	3	1	4
	Morfologia de outras palavras variáveis	0	1	0	0	1
	Morfologia de palavras invariáveis	0	0	0	1	1
	Total	0	1	3	2	6
Morfologia/Sintaxe	Atribuição de valores de género nominal e concordância	0	1	12	0	13
	Concordância nominal em número	0	0	4	0	4
	Concordância sujeito-verbo	0	0	2	0	2
	Forma do pronome pessoal	0	0	0	0	0
	Total	0	1	18	0	19
Sintaxe	Ordem de palavras	1	0	0	0	1
Sintaxe/Semântica	Determinação dos nomes	3	1	12	0	16
	Seleção de tempo e/ou modo verbal	1	0	6	1	8
	Total	4	1	18	1	24
Léxico/Sintaxe	Uso de preposições	1	4	6	1	12
	Expressão relativa <sup>4</sup>	0	0	1	0	1
	Uso de conjunções <sup>5</sup>	0	0	1	0	1
	Total	1	4	8	1	14

4 Subcategoria acrescentada a fim de enquadrar alguns casos de autocorreção que pertencem à categoria do Léxico/sintaxe

5 Subcategoria acrescentada com o mesmo objetivo do 4

Léxico		0	3	8	1	12
--------	--	---	---	---	---	----

Tabela 7: Efeitos das autocorreções dos informantes de LM chinesa, por (sub)categorias

linguísticas

Categorias linguísticas	Subcategorias	c-c	c-e	e-c	e-e	Total
Ortografia	Representação gráfica desviante de segmentos	0	1	3	0	4
	Acentuação e uso de diacríticos	0	0	0	0	0
	<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>0</b>	<b>4</b>
Ortografia /Fonologia	Representação desviante de segmentos fonológicos	0	1	17	0	18
	Representação desviante de padrões de acentuação prosódica	0	0	1	0	1
	<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>18</b>	<b>0</b>	<b>19</b>
Ortografia /Morfologia	Segmentação de unidades vocabulares	0	0	0	0	0
Morfologia	Flexão verbal	0	0	4	0	4
	Morfologia de outras palavras variáveis	0	0	3	0	3
	Morfologia de palavras invariáveis	0	0	0	0	0
	<b>Total</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>6</b>	<b>0</b>	<b>6</b>
Morfologia/Sintaxe	Atribuição de valores de gênero nominal e concordância	0	3	7	0	10
	Concordância nominal em número	0	1	4	0	5
	Concordância sujeito-verbo	0	0	2	0	2

	Forma do pronome pessoal	0	0	0	0	0
	Total	0	4	13	0	17
Sintaxe	Ordem de palavras	0	1	2	0	3
Sintaxe/Semântica	Determinação dos nomes	1	3	6	0	10
	Seleção de tempo e/ou modo verbal	0	1	2	0	3
	Total	1	4	8	0	13
Léxico/Sintaxe	Uso de preposições	4	0	4	0	8
	Expressão relativa <sup>6</sup>	0	1	1	0	2
	Total	4	1	5	0	10
Léxico		0	3	8	2	13

Tabela 8: Efeitos das autocorreções dos informantes de LM inglesa, por (sub)categorias linguísticas

As tabelas 7 e 8 ilustram os efeitos de autocorreções de cada categoria e subcategoria linguística. Constatamos que, no grupo de LM chinesa, as subcategorias que se destacam mais são a representação desviante de segmentos fonológicos, a determinação dos nomes e a atribuição de valores de género nominal e concordância. Já as subcategorias com ocorrências mais altas no grupo de LM inglesa são a representação desviante de segmentos fonológicos, a seleção lexical, a atribuição de valores de género nominal e concordância, bem como a determinação dos nomes. Curiosamente, as subcategorias mais salientes em ambos os grupos são basicamente as mesmas. A fim de analisar os dados numéricos (exaustivos) apresentados nas tabelas 7 e 8, optamos por ilustrá-los com exemplos. São excluídas da análise seguinte as (sub)categorias de que não se registaram casos de autocorreções nos dados que estudamos neste trabalho, que são a categoria ortografia/morfologia (a que se associa a subcategoria de segmentação de unidades vocabulares) e a subcategoria relativa à forma desviante do pronome pessoal da categoria de morfologia/sintaxe.

<sup>6</sup> Cf. a nota 4.

## 5.1 Ortografia

As autocorreções que afetam aspectos de ortografia representam uma pequena parte das produzidas em ambos os grupos de LM e ocorrem em todos os níveis, exceto no nível C1 (como se ilustra na tabela 6). A observação das tabelas 7 e 8 permite concluir que quase todas as autocorreções da ortografia atingem o seu objetivo.

A categoria de ortografia é constituída por duas subcategorias:

### 5.1.1 Representação gráfica desviante de segmentos

Esta subcategoria diz respeito à ortografia, a manifestação da qual é descrita na tipologia como “representação gráfica desviante de segmentos fonológicos ou de fones convergentes com os da LA”.

- (1) a. *Era uma vez, a minha mãe mandou-me comprar umas <garaff> garafas de água.*  
(CHINÊS.CA.A1.01.77.3T)
- b. *Quando estava lá assisti uma escola cerca da nossa apartamento, <(...)> e regrese a ca<z>sa cada dia para almoçar com minha família.* (INGLÊS. A2. 1)

No exemplo (1a), o informante duplicou indevidamente uma consoante, o que, de facto, não teria implicações quanto à representação fonológica da mesma, mas que constituiria uma representação gráfica desviante na LA. O informante pode ser influenciado pelo seu conhecimento de outras línguas, como o inglês, em que às vezes é preciso duplicar uma consoante, embora a representação fonológica se mantenha a mesma, como ocorre na palavra *giraffe*. Portanto, neste caso, o erro pode resultar da transferência de estruturas do inglês L2/LE, mas foi corrigido com sucesso.

O exemplo (1b) foi tirado de texto escrito por um informante de LM inglesa, no qual é assinalado outro problema de representação gráfica de segmentos sem implicações na representação fonológica. Em português, o grafema <s> pronuncia-se [z] entre duas vogais; o aprendente reconhece a representação fonológica da palavra e escreve <z> em vez de <s>

que constitui uma representação gráfica possível, mas, neste caso particular, divergente com a LA. Mais uma vez, o erro foi corrigido pelo informante.

Curiosamente, quase todas as autocorrekções que pertencem à subcategoria de representação gráfica desviante de segmentos resultam bem, mas os dois grupos de LM mostram padrões particulares dignos de nota. Assim, os informantes de LM chinesa corrigiram bastantes erros de duplicação indevida de consoantes, enquanto os informantes da LM inglesa preferiram substituir grafemas consonânticos. Embora o número absoluto de casos não seja grande, a taxa de sucesso reflete que os informantes conhecem bem a representação fonológica dessas palavras, encontrando-se num processo de consolidação das regras de ortografia-fonologia.

### 5.1.2 Acentuação e uso de diacríticos

Esta subcategoria também pertence a categoria de ortografia e relaciona-se com o uso desviante ou ausência de diacríticos. Foram encontrados três casos dos informantes chineses e nenhum foi encontrado no grupo de LM inglesa:

(2) a. *Quando cheguei ao alojamento tudo <éa> era novo.* (CHINÊS.CA.B1.12.77.3T)

b. *Ao mesmo tempo, há <qu én> quem diga que a vida urbana é demasiada agitada e pense nos dias bucólicos no campo.* (CHINÊS.CA.B2.07.69.3Q)

Ambos os casos constituem uso de “acentuação indevida de vogais tônicas graficamente não acentuadas na LA”. As autocorrekções desta subcategoria são todas bem sucedidas na primeira tentativa.

## 5.2 Ortografia/ Fonologia

As autocorrekções da categoria de ortografia/fonologia ocorrem em todos os níveis, com o maior número de ocorrências encontrado no nível A2 no grupo de LM chinesa e no nível B1 no grupo de LM inglesa (segundo tabela 6). A taxa de sucesso das autocorrekções desta

categoria também é alta em ambos os grupos de LM (42 registros de sucesso entre 45 ocorrências), com apenas dois casos que falham na correção por informantes da LM chinesa e um caso de correção desnecessária de um informante da LM inglesa.

### 5.2.1 Representação desviante de segmentos fonológicos

A primeira subcategoria relativa à interface ortografia/fonologia é a representação gráfica que reflete uma divergência de representação fonológica em relação à da LA. As autocorreções desta subcategoria, como se referiu antes, são as que ocorreram mais frequentemente, em ambos os grupos de LM.

(3) a. *Quando <teinha> tenho tempos livres, costumo de ir à<(...)> piscina com os meus amigos...* (CHINÊS.CF.A2.09.33.1J)

b. *É também difícil de <esriver> escrever aos amigos étrangers e /de/ compreendo noticias no Portugal e /no/ Canada e no /outres/ Européen países...* (INGLÊS.ER.A1.36.1.1A)

O exemplo (3a) revela que o informante tinha consciência de que <e> tem uma pronúncia ditongada antes da consoante nasal palatal, acrescentando, assim, indevidamente um <i> depois de <e>. Este acrescento, foneticamente motivado, resulta num erro em termos da representação fonológica e ortográfica. No segundo caso (3b) o informante da LM inglesa confunde a vogal <i> com <e>, possivelmente influenciado pela representação gráfica do substantivo *escrita*.

De acordo com os dados da tabela 7 e 8, entre os 26 registros de ocorrência dos informantes chineses, 24 foram bem-sucedidos. Os restantes dois casos são correções necessárias que falham. A taxa de sucesso do grupo de LM inglesa também é alta, com somente um caso com efeito c-e entre os 18 registros de ocorrência.

## 5.2.2 Representação desviante de padrões de acentuação prosódica

(4) a. *A seguir fomos à pastelaria para comer pequeno-almoço. Entretanto <estavámos a comer> <comíamos> com úmos e conversámos para decidimos onde iamos a seguinte.* (CHINÊS.CA.A2.82.75.3S)

b. *Quando visitares, eu promisso que <mostrár-te-ei> mostrar-te-ei as praias aqui.* (INGLÊS.ER.B1.60.6.1B)

O exemplo (4a) e (4b) são os únicos casos desta subcategoria que encontramos nos textos dos informantes. No segmento substituído *estavámos a comer* atribui-se indevidamente um acento à vogal temática *a*, enquanto a acentuação deve recair na vogal anterior, que integra o radical da forma verbal. O informante optou por substituir este segmento com o verbo *comer* no pretérito imperfeito do indicativo possivelmente pela consideração da adequação quanto à seleção do tempo verbal. A primeira tentativa da autocorreção envolve um erro de acentuação, mas que, desta vez, diz respeito à ausência do acento gráfico. O informante reparou no erro e acrescenta um acento, que restitui correção formal à forma ortográfica do verbo. A hesitação revelada nas autocorreções deste informante mostra que ele ainda não domina bem os padrões de acentuação na flexão verbal no tempo pretérito imperfeito do indicativo da primeira pessoa do plural. Mas a exposição a esta forma deve ser relativamente recente para um informante do nível A2.

O informante do exemplo (4b), acrescentou um acento indevidamente no <*a*>, enquanto a forma completa do verbo neste caso é *mostrarei*, com a acentuação recaindo na última sílaba. Mas o erro foi percebido e corrigido pelo informante.

## 5.3 Morfologia

As autocorreções que pertencem à categoria da morfologia ocorrem, nomeadamente, nos níveis intermédios de informantes de LM inglesa, e em todos os níveis, exceto o nível mais avançado, no grupo de LM chinesa. Quanto à taxa de sucesso destas autocorreções, somente metade resulta no grupo de informantes chineses. No entanto, todas as autocorreções realizadas pelos informantes da LM inglesa estão corretas. A categoria de morfologia

envolve três subcategorias: flexão verbal, morfologia de outras palavras variáveis e morfologia de palavras invariáveis.

### 5.3.1 Flexão verbal

As autocorreções de casos de flexão verbal são as mais frequentes entre todas as autocorreções de morfologia e quase todas são bem sucedidas.

(5) a. *Antes de dormir, sempre <ouv> ouço música e brinco o cubo de Rublic.*  
(CHINÊS.CF.A2.02.33.1J)

b. *Eles tamb én <teve> /tiveram/ as fitas <na> nos cores da <sua> cada faculdade...*  
(INGLÊS.ER.B2.79.6.1B)

No exemplo (5a), o informante hesita quando pretende usar o verbo *ouvir* no presente do indicativo na primeira pessoa do singular, porque a forma do radical é irregular, apresentando uma alternância consonântica. O erro é corrigido depois de ter sido interrompida a produção da forma resultante do equívoco.

O informante que redigiu o exemplo (5b) corrige o erro de flexão verbal provavelmente na revisão da frase, porque o segmento substituinte *tiveram* é acrescentado posteriormente. Também aqui está em causa a forma do radical, em concreto a alternância vocálica, bem como a forma do morfema de pessoa-número. A correção também é realizada com sucesso.

### 5.3.2 Morfologia de outras palavras variáveis

Foram encontrados, no total, 4 casos desta subcategoria, entre os quais 3 são dos informantes da LM inglesa. As tentativas de autocorreção destes informantes resultam bem e o único caso encontrado no grupo dos informantes chineses falha.

(6) a. *Porque eu quero saber as histórias de <estes> estos lugares...*  
(CHINÊS.CFA2.12.33.1J)

b. *<Depois de que acabar de > /Antes de/ chegar a Portugal eu achei que todos os portugueses foram semelhantes aos <espanholeis> espanhóis mas rapidamente di conta que não era certo.* (INGLÊS.ER.B1.34.52.2L)

O exemplo (6a) mostra a hesitação do informante sobre a forma masculina do determinante *este*. O erro foi cometido por analogia com outros casos em que os contrastes de género gramatical são sinalizados pela alternância *o/a*, processo também induzido pela existência forma feminina *esta*. Por consequência, a forma correta *estes* é substituída pelo informante com *estos*, que resultou numa autocorreção indevida da representação da marca de género.

O informante que produz o exemplo (6b) cometeu um erro quando tornou o nome *espanhol* na forma plural, mesmo que a forma resultante do equívoco evidencie que o informante tem uma noção aproximada da representação plural dos nomes cujas formas singulares terminam em *-el*. Depois da autocorreção, a representação da marca de plural fica adequada ao nome em causa.

### 5.3.3 Morfologia de palavras invariáveis

Foi encontrada apenas uma correção desta subcategoria nos textos de todos os informantes e o segmento substituinte que o informante escolhe continua a não ser o mais adequado.

(7) a. *Eu pensaro Coimbra é muito bom cidade, mas carros /conduzir/ são muito rapido. o são muito perigoso de <pesse> presso.* (CHINÊS.CA.A1.12.77.3T)

A correção mostra que o informante provavelmente pretendeu usar a expressão *à pressa* (ou o advérbio *depressa*), tendo, no entanto, transformado o nome feminino *pressa* na forma

masculina, possivelmente numa tentativa de concordância com o gênero do sujeito. Portanto, escreveu primeiro *pesse* (forma na qual também falta uma consoante) e depois corrigiu para *presso*.

#### 5.4 Morfologia/Sintaxe

As autocorreções de morfologia/sintaxe encontram-se em textos de quase todos os níveis. No entanto, o nível A2 do grupo de LM chinesa e os níveis B1 e C1 do grupo de LM inglesa registam o maior número de ocorrências. A taxa de sucesso das autocorreções desta categoria é mais alta no grupo de LM chinesa (18 registos de sucesso entre 19 ocorrências) do que no grupo da LM inglesa (13 registos de sucesso entre 17 ocorrências). A categoria de morfologia/sintaxe contém quatro subcategorias. No entanto, não foram encontradas autocorreções da subcategoria “forma do pronome pessoal” e, por conseguinte, tratamos no total apenas as três subcategorias relevantes.

##### 5.4.1 Atribuição de valores de gênero nominal e concordância

(8) a. *A legislação com o progresso económico e tecnológico vão oferecer soluções eficazes para <as>/os/ problemas da vida urbana...* (CHINÊS.CA.B2.07.69.3Q)

b. *É <uma> um festival que dura uma semana e tem vários <di> eventos diferentes.* (INGLÊS.ER.B2.76.6.1B)

No exemplo (8a), o informante atribuiu um valor de gênero feminino ao nome *problema*, provavelmente porque termina com *a*, índice temático que muitas vezes se associa ao gênero feminino. O erro decorre, portanto, de uma generalização indevida. O exemplo (8b), por sua vez, mostra que o informante tinha dúvidas sobre o gênero da palavra *festival*, que não será tão claro como o da maioria das palavras que apresentam os índices temáticos *o* ou *a*. O informante cometeu um erro decorrente de uma hipótese divergente em relação à LA. Apesar da hesitação em relação ao gênero de algumas palavras, a taxa de correção desta subcategoria também é bem alta, especialmente no grupo dos informantes chineses.

#### 5.4.2 Concordância nominal em número

(9) a. *Talvez vamos ao cinema e vemos <algum> alguns filmes.* (CHINÊS.CF.A2.02.33.1J)

b. *Depois de passar muito tempo no estrangeiro já tenho tido < muitas > muita oportunidades de conhecer e contactar com pessoas de cultura diferente da minha.*  
(INGLÊS.ER.B1.34.52.2L)

Encontramos dois casos semelhantes nos dois grupos de LM, apresentados acima nos exemplos (9a) e (9b). O exemplo (9b) é o único caso desta subcategoria que não resulta. O informante transformou o quantificador, passando da forma plural correta para a incorreta forma do singular, enquanto mantém, curiosamente, a marca de género feminino. É provável que este informante de LM inglesa tenha sido influenciado pela LM, porque, no inglês, o quantificador *many* não muda de forma conforme o número e o género do nome com o qual coocorre.

#### 5.4.3 Concordância sujeito-verbo

(10) a. *Na minha opinião, qualquer coisa tem ambos o aspecto positivo e negativo e, por isso, para <de concluir> /concluirmos/ se é melhor viver na cidade ou não, <tenh> temos de fazer uma comparação entre as vantagens e defeitos entre uma cidade e um campo.* (CHINÊS.CA.B2.07.69.3Q)

b. *A sofisticação técnica dos carros de hoje <dao> dá a ilusão de estar numa bula protegida dos riscos inerentes na velocidade.* (INGLÊS.CA.C1.25.75.3S)

Nos exemplos (10a) e (10b), os informantes confundiram principalmente a concordância sujeito-verbo em termos de forma do singular e do plural. Admitindo que a intenção inicial não era a do recurso (erróneo) ao presente do conjuntivo (*tenhamos*), o informante chinês que produziu o primeiro exemplo, no início, utilizou o verbo na primeira pessoa do singular, enquanto o sujeito da frase é plural. O autor do segundo exemplo, pelo contrário, utilizou equivocadamente o verbo na terceira pessoa do plural, quando este deveria estar no singular.

Curiosamente, os informantes que produziram ambos os casos repararam nos erros antes mesmo de terem completado o segmento original, o que reflete uma percepção rápida em relação a estes erros. Além disso, constatamos ainda que todas as autocorreções desta subcategoria atingem o objetivo.

## 5.5 Sintaxe

Foram encontradas poucas autocorreções de erros de sintaxe: na verdade, somente um caso de um informante chinês do nível C1 e três de informantes de LM inglesa dos níveis B1 e B2. Duas autocorreções realizadas por informantes da LM inglesa resultam em uma falha, enquanto a do informante chinês falha.

### 5.5.1 Ordem de palavras

(11) a. *Banhada pelo Oceano Pacífico, a China situa-se no <extremo> /Extremo/ <oriental> /Oriente/, fazendo fronteiras com a Rússia, a Índia, o Báltico e <mais> dezenas mais de países.* (CHINÊS.CA.C1.21.50.2L)

b. *Fomos <mu> bem proficientes mas <nos> demorou-nos muitas horas!* (INGLÊS.ER.B2.76.6.1B)

O informante autor do exemplo (11a) hesitou sobre a posição da palavra *mais* em relação à expressão *dezenas de*. Na correção, mudou a posição original da palavra, de resto aceitável na LA, para dentro da expressão *dezenas de*, o que constitui um erro de ordem de palavras. No exemplo (11b), por sua vez, o informante mostrou incerteza sobre a regra da ênclise (posição pós-verbal) e próclise (posição pré-verbal) do pronome pessoal átono, possivelmente afetado pela ocorrência da conjunção *mas*, que precede o verbo. Na correção, o pronome pessoal foi colocado na posição correta, seguindo o verbo.

## 5.6 Sintaxe/Semântica

No grupo de informantes de LM chinesa, os de nível C1 e os de nível A2, realizaram mais correções de sintaxe/semântica do que os de outros níveis, enquanto no grupo de LM inglesa, os informantes do nível A1 realizaram mais autocorreções desta categoria linguística. Além da maioria das autocorreções que tornaram opções erradas em enunciados corretos, os informantes realizaram certas autocorreções sobre os segmentos originais que já eram convergentes com a LA. Entre estes tipos de correções desnecessárias, os informantes chineses quase sempre geraram alternativas igualmente aceitáveis, enquanto os informantes de LM inglesa não. Quanto ao número total das ocorrências de autocorreções desta categoria, o dos informantes chineses (24 registos de ocorrências) é quase o dobro do número total do grupo da LM inglesa (13 registos de ocorrências).

### 5.6.1 Determinação dos nomes

(12) a. *Não é difícil encontrar as tradições antigas que se arrastam no decurso do tempo, passando de /os/ avós para os netos.* (CHINÊS.CA.C1.21.50.2L)

b. *O meu trabalho é bom, e /os/ meus colegas são simpáticos.* (INGLÊS.ER.A1.36.6.1B)

Os exemplos (12a) e (12b) dizem respeito às correções de uso de artigo definido. No entanto, no primeiro exemplo é aceitável omitir o artigo e no segundo não, porque, no primeiro exemplo, *avós* não diz respeito a quaisquer pessoas específicas, enquanto, no segundo caso, o sujeito refere-se a um determinado grupo de pessoas. Estes erros podem decorrer da influência das LM dos informantes, porque em chinês, geralmente não se usa determinantes quando se refere uma pessoa qualquer e, em inglês, éagramatical acrescentar artigo definido antes de determinante possessivo. Esta subcategoria de determinação dos nomes representa a segunda mais afetada por autocorreções do grupo de LM chinesa, com a taxa de sucesso de 75%.

### 5.6.2 Seleção de tempo e/ou modo verbal

(13) a. *Antes, eu estudava para que os meus pais <possam> /pudessem/ <e> estar satisfeitos comigo.* (Chinês. B2. 2)

b. <Foi> *Era um ano muito interessante e muito importante.* (Inglês. A2. 1)

O informante do exemplo (13a) escolheu o tempo-modo de presente do conjuntivo equivocadamente, uma vez que este não corresponde à forma de pretérito imperfeito do conjuntivo *pudessem* pretendido. Mas o erro foi corrigido com sucesso. No exemplo (13b), o verbo de pretérito perfeito que é adequado no contexto foi substituído pelo verbo de pretérito imperfeito do indicativo. O erro pode decorrer, entre outros fatores, do facto de se tratar de uma distinção que não existe na L1, porque em inglês, não existe uma forma equivalente que representa o tempo/modo pretérito perfeito e imperfeito.

### 5.7 Léxico/Sintaxe

A maior ocorrência de autocorrecções de léxico/sintaxe é registada nos níveis A2 e B1 do grupo de LM chinesa e no nível C1 do grupo de LM inglesa. Comparado com o número de ocorrências do grupo de LM inglesa (10 registos de ocorrências), o do grupo de LM chinesa é um pouco maior (14 registos de ocorrências).

#### 5.7.1 Uso de preposições

(14) a. *Por causa dos meus trabalhos de Casa não são muitos, pois, posso visitar outras cidades <aos> nos fim-de-semanas.* (CHINÊS.CA.B1.07.33.1J)

b. *Todos os <bairros> bares são muito baratos e pode-se fazer festa ou felicitar qualquer coisa sem preocupar-se <com> dos vizinhos.* (INGLÊS.ER.B1.20.77.3T)

No exemplo (14a), o informante seleccionou a preposição *a* e depois corrigiu para *em* que precede a expressão de tempo *fim-de-semana*. No contexto do enunciado, é evidente que o

informante não pretende referir-se a um determinado conjunto de fins-de-semana, mas sim aos fins-de-semana em geral. Por isso, a preposição *a* é mais aceitável neste contexto. O exemplo (14b) é diferente, porque diz respeito a uma expressão, *preocupar-se com alguém ou algo*, em que a preposição não é comutável. O informante acertou na primeira tentativa, mas depois corrigiu, erradamente, a preposição *com* para *de*. Quanto a esta subcategoria, em ambos os grupos, somente metade de autocorreções apresenta o efeito de e-c, que espelha o sucesso da correção necessária.

### 5.7.2 Expressão relativa

Foi acrescentada uma subcategoria de desvios de léxico/sintaxe, em que são agrupados três casos e dois assinalam sucesso nas autocorreções.

(15) a. *E este tempo fica para o entretenimento, actividades para descansar <e> ou assuntos importantes, /o/ que significa <o> /um/ nível elevado da vida.* (CHINÊS.CA.B2.07.69.3Q)

b. *Eu <(...)> gosto de meu edifício é tanto novo /o/ que não tenha problemas com insectes, ...* (INGLÊS.CF.A2.05.77.3T).

Nestes casos, os aprendentes confundem a situação da utilização de *o que* e de *que*. A correção do primeiro caso resulta porque o *o que* tem por antecedente a oração inteira que precede, enquanto a correção da segunda falha porque *que* deve corresponder apenas à expressão nominal da oração que precede.

### 5.7.3 Uso de conjunções

Outra subcategoria acrescentada sob a categoria de léxico/sintaxe diz respeito ao uso de conjunções, que envolve somente um caso de correção. Neste, o informante tinha dúvidas sobre a necessidade de usar a conjunção *que* para introduzir uma oração, e decidiu apagá-la, o que resultou numa correção indevida.

(16) ...e nós também achamos <que> esta actividade é muito bom de fazer nos tempos livres, porque pode tornar-se ser nosso dia da <fan> família.  
(CHINÊS.CF.A2.04.33.1J)

## 5.8 Léxico

O número de ocorrências de autocorrekções de léxico por níveis de proficiência é bem semelhante nos dois grupos de LM chinesa e inglesa, com as ocorrências mais altas registadas no nível C1. As taxas de sucesso das autocorrekções também apresentam semelhanças entre os dois grupos: no grupo de LM chinesa, 8/12, e, no grupo da LM inglesa, 8/13.

(17) a. Depois, sempre uso computador e MSN por <conversa~~ção~~> <conversar> **conversigar** com os meus amigos. (CHINÊS.CF.A2.02.33.1J)

b. As aulas estão a correr bem, e <sa~~o~~> **est~~o~~** muito bom para o meu português, porque os professores falam em português e o meu trabalho <e> teve que ser feito em português. (INGLÊS.ER.B2.79.6.1B)

No exemplo (17a), o informante escreveu a forma correta da palavra *conversar*, mas depois optou por mudá-la para uma forma divergente em relação à LA. O outro exemplo (17b) de um informante de LM inglesa mostra que ele confundiu o verbo *ser* e *estar* no enunciado, provavelmente devido à inexistência de distinção semelhante na sua LM, já que, em inglês, as funções dos verbos *ser* e *estar* são exercidas pelo verbo *be* (*Ele é médico* corresponde a *He is a doctor*; *Ele está aqui* corresponde a *He is here*).

## 6 Síntese de resultados

Os dados empíricos tratados neste trabalho mostram que os aprendentes de LM chinesa realizaram mais autocorrekções do que os aprendentes de LM inglesa, ainda que a diferen

entre estes grupos não seja muito grande. Em termos gerais, os aprendentes de nível de proficiência mais elevado realizaram mais autocorreções e esta tendência é mais óbvia no grupo de LM chinesa do que no grupo de LM inglesa. No entanto, ambos os grupos evidenciam uma flutuação dos números de ocorrências de autocorreções em função do nível de proficiência dos informantes.

Quanto à distribuição de erros em função da sua motivação, no grupo de informantes de LM chinesa, as correções de erros ocupam a maior parte, com aproximadamente 49,8%, seguindo-se as correções de adequação, com 42,3%, e as correções por informação diferente, com 5,1%. Já as correções por adequação (50,3%) representam a maior parte das autocorreções dos informantes de LM inglesa, seguindo-se as correções de erros (45%) e as correções por informação diferente (2,6%). Outras correções ocupam, respetivamente, 2,8% e 2,1%. Apesar das diferenças destes resultados, em ambos os grupos as proporções das correções de erros e das correções de adequação são próximas.

Através da comparação entre os diferentes níveis de proficiência, constatamos que, no grupo de LM chinesa, geralmente, os aprendentes realizaram mais correções de adequação e menos correções de erros com o avanço do nível de proficiência. Este resultado sugere que os aprendentes de nível mais avançado possuem mais conhecimento automático da LA e, assim, podem prestar mais atenção ao seu enunciado ao nível do discurso. Enquanto as correções de adequação ocupam uma percentagem considerável já no nível de iniciação no grupo de LM inglesa, e as proporções da correção de adequação e da correção de erros flutuam bastante do nível A1 ao nível C1.

Na análise de correções de erros, descobrimos que os informantes de diferentes LM apresentam desempenhos semelhantes. Ambos os grupos de aprendentes se focaram nos erros de ortografia/fonologia de morfologia/sintaxe e de sintaxe/semântica. Além dos erros destas categorias, os aprendentes de LM inglesa corrigiram bastantes erros de léxico.

Todavia, a mudança de foco com o avanço de nível é diferente entre os dois grupos. Em concreto, os aprendentes de LM chinesa mudaram o seu foco de aspetos relativos à ortografia/fonologia para os que concernem à sintaxe/semântica, enquanto os aprendentes de LM inglesa apresentam uma preocupação inicial com a sintaxe/semântica, principalmente no nível A1, e só depois, nos níveis B1 e C1, se focalizaram mais em aspetos de ortografia/fonologia e morfologia/sintaxe. Os aprendentes reparam nos aspetos linguísticos

distintos da LM com mais facilidade, no entanto, possivelmente por causa da distância entre a LM e a LA, os aprendentes de LM diferentes apresentam desempenhos distintos. A sequência das mudanças de foco nas autocorreções proporciona uma pista em relação aos diferentes padrões de desenvolvimento linguístico destes aprendentes.

Relativamente aos efeitos das autocorreções, descobrimos que a taxa de sucesso é alta em ambos os grupos: o grupo de informantes de LM chinesa conta com 80% de taxa de sucesso e o de LM inglesa com 74%. E a taxa de sucesso, como seria de esperar, apresenta um aumento em geral do nível A1 ao nível C1.

Por fim, a análise de autocorreções de erros em função das categorias e subcategorias linguísticas evidencia que os informantes de LM chinesa e de LM inglesa apresentam bastantes diferenças quanto às ocorrências, aos efeitos e até às características de certas autocorreções, mas também evidenciam pontos em comum. A maioria das autocorreções de erros mostra que os aprendentes têm um conhecimento das regras que governam as estruturas linguísticas objeto de autocorreção, embora ainda não as dominem completamente.

## Capítulo IV: Conclusões

Os nossos dados empíricos evidenciam que a capacidade de monitorização se desenvolve com o avanço do nível de proficiência dos aprendentes de PLE. O desenvolvimento reflete-se principalmente em três aspetos: o número total crescente da ocorrência de autocorreções, a mudança de foco da precisão gramatical para a adequação de expressões nas autocorreções, assim como a melhoria da taxa de sucesso das autocorreções, do nível A1 ao nível C1.

Quanto à distribuição de autocorreções de acordo com a tipologia de Levelt (1983), que reflete a motivação que lhes subjaz, os resultados mostram que as correções de erros e as correções de adequação ocupam, respetivamente, quase metade de todas as autocorreções, enquanto as correções por informação diferente representam uma percentagem mínima. Comparando com a maioria dos trabalhos elaborados sobre a autocorreção na produção oral ou em *chats* educacionais (no contexto da comunicação mediada por computador), neste trabalho, a percentagem de correções de adequação é relativamente mais alta, e, curiosamente, as correções por informação diferente são bem mais raras, possivelmente por causa do tempo suficiente para o planeamento de ideias e para a codificação linguística no contexto da escrita.

Na comparação do comportamento de dois grupos de LM, o grupo de LM chinesa evidencia um desempenho mais “típico”. Em primeiro lugar, o aumento do número de autocorreções é mais óbvia com o avanço de nível de proficiência. Além disso, os informantes de LM chinesa realizaram mais correções de erros do que outras correções, o que é convergente com a maioria dos resultados dos trabalhos que investigam a autocorreção por informantes de L2. Já o foco linguístico das suas autocorreções transita, em termos gerais, do nível A1 ao nível C1, de aspetos mais estritamente formais, como os que concernem à ortografia/fonologia, para aspetos com mais implicações na construção do significado, como os que dizem respeito à sintaxe/semântica, o que corresponde ao um padrão mais comum dos aprendentes de L2.

Por sua vez, os informantes de LM inglesa demonstram a mesma tendência de crescimento do número de ocorrências de autocorreção em função do nível de proficiência, mas de modo mais tímido. Relativamente à distribuição de autocorreções pelas categorias da tipologia de Levelt (1983), a maior parte corresponde a correções de adequação neste

grupo de informantes, apresentando uma diferença em relação ao desempenho dos informantes chineses. Os informantes de LM inglesa revelam ainda um desempenho bem distinto em relação à mudança de foco linguístico: realizaram mais correções de sintaxe/semântica já no nível de iniciação e focaram-se mais em aspectos de ortografia/fonologia, além dos relativos à morfologia/sintaxe, nos níveis mais avançados. É possível que a distância das LM em relação à LA influencie a sequência da detecção dos aspectos linguísticos, que resulta em focos de atenção distintos na autocorreção nos diferentes níveis de proficiência.

A taxa de sucesso que calculamos neste trabalho representa um nível alto de correção bem-sucedida: 80% no grupo de LM chinesa e 74% no grupo de LM inglesa. E a taxa de sucesso aumenta com o avanço de nível, uma tendência partilhada pelos dois grupos.

Os erros mais corrigidos por informantes de LM chinesa incluem a representação desviante de segmentos fonológicos, a determinação dos nomes e a atribuição de valores de gênero nominal e concordância. Já no grupo de LM inglesa, as categorias mais salientes são a representação desviante de segmentos fonológicos, a seleção lexical, a atribuição de valores de gênero nominal e concordância, bem como a determinação dos nomes. Os dois grupos contam com muitas semelhanças neste aspeto.

O presente trabalho possui as suas limitações, entre as quais destacamos duas. Em primeiro lugar, não dispusemos de condições laboratoriais para contemplar as autocorreções encobertas, que constituem um tipo muito relevante para o estudo de autocorreções. Além disso, não temos comentários retrospectivos feitos pelos informantes sobre os motivos das autocorreções que realizaram, o que cria problemas na categorização de alguns casos de autocorreção.

Apesar destas limitações, os resultados deste trabalho ilustram características interessantes do comportamento de autocorreção nas comparações de diferentes aspetos, tendo, ainda permitido o cumprimento dos objetivos estabelecidos. A partir destes resultados de autocorreção, os professores podem optar por proporcionar mais *input* explícito sobre estruturas que passam mais despercebidas e que são mais difíceis para os aprendentes de PLE, em função do seu perfil linguístico e dos níveis de proficiência.

## **Bibliografia:**

- Barbosa-Paiva, C. (2012). A correção como procedimento de reformulação em chat educacional escrito em espanhol por brasileiros: tipos de operacionalização e marcas. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 51(1), 119-151.
- Bosher, S. (1998). The composing processes of three Southeast Asian writers at the post-secondary level: an exploratory study. *Journal of second language writing*, 7(2), 205-241.
- Broos, W., Duyck, W., & Hartsuiker, R. (2016). Verbal self-monitoring in the second language. (P. Trofimovich, C. Baus, & A. Costa, Eds.) *Language Learning*, 66, 132–154.
- Camps, J. (2003). The analysis of oral self-correction as a window into the development of past time reference in Spanish. *Foreign Language Annals*, 36(2), 233-242.
- Corder, P. (1967). The significance of learner's errors. *International Review of Applied Linguistics*, 5, 161-170.
- Ellis, R. (1994). *The study of second language acquisition*. Oxford: Oxford University.
- Fincher, A. (2006) *Functions of self-initiated self-repair in an advanced Japanese language classroom*. Unpublished PhD Dissertation. Griffith University: Australia.
- Hayes, J., & Flower, L. (1980). Identifying the organization of writing processes. In L. Gregg & E. Steinberg (Eds.), *Cognitive processes in writing* (pp. 3-30). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Levelt, W.J.M. (1983). Monitoring and self-repair in speech. *Cognition*, 33, 41–103.
- Levelt, W.J.M. (1984). Spontaneous self-repairs in speech: Processes and Representations. *Tenth International Congress of Phonetic Sciences*, 105-117.
- Levelt, W. J.M. (1989). *Speaking: From intention to articulation*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Liu, J. (2009). Self-repair in oral production by intermediate Chinese learners of English. *TESL-EJ*, 13(1), 1-15.

- Kellogg, R.T., Whiteford, A.P., Turner, C.E., Cahill, M., & Mertens, A. (2013) Working memory in written composition: An evaluation of the 1996 model. *Journal of Writing Research*, 5(2), 159-190.
- Kormos, J. (1999a). Monitoring and self-repair in L2. *Language Learning*, 49, 303-342.
- Kormos, J. (1999b). The effect of speaker variables on the self-correction behaviour of L2 learners. *System*, 27, 207-221
- Kormos, J. (2012). The role of individual differences in L2 writing. *Journal of Second Language Writing*, 21, 390-403.
- Kormos, J. (2014). Differences across modalities of performance: An investigation of linguistic and discourse complexity in narrative tasks. em Byrnes, H & Manchón, R. M., ed., *Task-based Language learning – Insights from and for L2 writing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Krashen, S. (1982). *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford: Pergamon Press Inc.
- Mackay, D. (1992). Awareness and error detection: new theories and research paradigms. *Consciousness & Cognition*, 1992, 1(3), 199-225.
- Martins, C. (2013). *O corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAL2/CELGA)*, <http://www.uc.pt/fluc/rcpl2/>
- Martins, C. (2016) *Tipologia de desvios em produções escritas de aprendentes de PL2: categorias, subcategorias e manifestações linguísticas*. Aquisição e Aprendizagem de L2. 2º ciclo em Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda, FLUC.
- O'Connor, N. (1988). Repairs as indicative of interlanguage variation and change. In T. J. Walsh (Ed.), *Georgetown University Round Table in Languages and Linguistics 1988: Synchronic and diachronic approaches to linguistic variation and change* (pp. 251–259). Washington, DC: Georgetown University Press.
- Quan, L., & Weisser, M. (2015). A study of 'self-repair' operations in conversation by Chinese English learners. *System*, 49, 39-49.

- Sato, R. (2012). Self-initiated self-repair attempts by Japanese high school learners while speaking English. *Brain Broad Research in Artificial Intelligence & Neuroscience*, 3(2), 17-28.
- Schoonen, R., Snellings, P., Stevenson, M., & van Gelderen, A. (2009). Towards a blueprint of the foreign language writer: The linguistic and cognitive demands of foreign language writing. In R. M. Manchoń (Ed.), *Writing in foreign language contexts. Learning, teaching and research* (pp. 77–101). Bristol, UK: Multilingual Matters.
- Simpson, R., Eisenclas, S, A., & Haugh, M. (2013). The functions of self-initiated self-repair in the second language Chinese classroom. *International Journal of Applied Linguistics*, 23(2), 144-156.
- Smith, B. (2008). Methodological hurdles in capturing CMC data: The case of missing self-repair. *Language Learning & Technology*, 12(1), 85-103.
- Van Hest, E. (1996). *Self-repair in L1 and L2 production*. Tilburg: Tilburg University Press.
- Wang, W & Wen, Q. (2002). L1 use in the L2 composing process: An exploratory study of 16 Chinese EFL writers. *Journal of Second Language Writing*, 11, 225-246.

# Anexos

## Anexo I: Quadro s íntese das autocorre ções<sup>7</sup>

LM e nível de proficiê ncia	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
Chinês A1	CHINÊS.CA.A1.01.1.1A	apara em f	apartamento		O meu <para> apartamento não é grande, mas é muito bonito.	CE	
		ao fundo	enfrente		A sala fica <em f> enfrente do meu quarto.	CE	
		da	à esquerda		<O> O quarto da minha mão fica <ao fundo> à esquerda <da> do corredor.	CA	
	CHINÊS.CA.A1.01.77.3T	feca	fechado		<O> O quarto da minha mão fica <ao fundo> à esquerda <da> do corredor. Quando descí, a restaurante já tinha <feca> fechado.	CE	
		ester	estiveram		Entrei e vi que os vizinhos <ester> estiveram a jantar.	CE	
		Eles prepa	Depois prepararam		<Eles prepa> Depois prepararam <o> o jantar e disse-me "Não faz mal".	CA	
		garaff	garafas		Era uma vez, a minha mãe mandou-me comprar umas <garaff> garafas de á	CE	
		da do	Ø		A minha mãe falou muito comigo, porque não gosta <da do> este marca.	CE	
	CHINÊS.CA.A1.03.33.1J	dece	doce		Depois saio de casa, vou para <dece> doce vida, ...	CE	
	CHINÊS.CA.A1.10.33.1J	dece	doce		...fazer compramos as coisas nós sempre compramos na <dece> doce vida,	CE	
CHINÊS.CA.A1.12.77.3T	fa	viver		Estudo Português porquê quero <fa> viver Portugal e fazer negócio em Portugal.	CA	fa(zer negó cios)	
	Rui	Rua		Eu moro <Rui> Rua XXXXX <(.) das /*10/ /em Coimbra/, está perto de Coimbra shopping e makro.	CE		
				Eu moro <Rui> Rua XXXXX <(.) das /*10/ /em Coimbra/, está perto de Coimbra shopping e makro.	CA		
				Eu moro <Rui> Rua XXXXX <(.) das /*10/ /em Coimbra/, está perto de Coimbra shopping e makro.	CA		
				Eu moro <Rui> Rua XXXXX <(.) das /*10/ /em Coimbra/, está perto de Coimbra shopping e makro.	CA		
		pesse	presso	Eu pensaro Coimbra é muito bom cidade, mas carros /conduzir/ são muito rápido, o são muito perigoso de <pesse> presso.	CE		
Chinês A2	CHINÊS.CA.A2.82.75.3S	p	à		Fiz uma vez da viagem <p> à Figueira da Foz com os meus colegas de turma.	CE	p(ara)
		co	os colegas		Comprei os bilhetes para <co> os colegas.	CE	
		às	há		Chegámos à estação da Figueira da Foz, <às> há cerca das 8 horas, tão cedo!	CE	
		estavámos a comer, comíamos	comíamos		A seguir fomos à pastelaria para comer pequeno-almoço. Enquanto <estavámos a comer> <comíamos> comíamos e conversámos para decidimos onde íamos a seguinte.	CA, CE	
		para	Ø		Depois de pequeno almoço, fomos à praia <para>, nesse momento, <A> a onda estava alta,...	CD	
		muito	vários		À tarde, nós visitávamos <muito> vários sítio da Figueira da Foz.	CA	
		ja	jogámos		Antes de voltámos para casa, fomos ao casino, mas não <ja> jogámos.	CE	
		eram	era		Quando voltámos para Coimbra, já <eram> era tarde.	CE	
		coh coc	conheço		Pode ser assim, outro sítio de Coimbra não me <coh coc> conheço bem,	CE	
		ma	no entanto		, <ma> no entanto,	CA	ma(s)
CHINÊS.CF.A2.02.33.1J	à	a		Sei os horários de comboio com destino <à> a Aveiro de cor.	CE		
	noss	nos		Normalmente, vejo /os/ jornais todos os dias <noss> nos tempos livres, ...	CE		
	conversaço, conversar	conversar		Normalmente, vejo /os/ jornais todos os dias <noss> nos tempos livres, ... Depois, sempre uso computador e MSN por <conversaço> <conversar> conversar com os meus amigos.	CA, CE		
	à terra	fora		Habitualmente, vou <à terra> fora <pe> por passear ou correr <.>	CA		
	pe	por		Habitualmente, vou <à terra> fora <pe> por passear ou correr <.>	CE		
	Depois	Ø		Habitualmente, vou <à terra> fora <pe> por passear ou correr <.> <Depois> <.> de <(.)> manhã, porque o ar de manhã está fresco.	CD		
	Há	Ø		<Há> Depois de correr, sempre tiro fotografia porque a vista daqui é <muu> muito bonita.	CD		

<sup>7</sup> Distinguimos entre casos de segmentos acrescentados, por um lado, e situa ções em que o aprendiz rasurou o que tinha inicialmente escrito, apresentando, em alternativa ao segmento riscado, um segmento substituinte.

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		muu	muita		<Há> Depois de correr, sempre tiro fotografia porque a vista daqui é <muu> muita bonita.	CE	
		os	a		Depois, vou para casa <(...)> por almoçar com <os> a minha família.	CE	
		algum	alguns		Talvez vamos ao cinema e vemos <algum> alguns filmes.	CE	
		liv	novel		Depois, sempre vejo televisão e janto. Depois, leio <liv> novel ou livros sobre história.	CA	liv(ro)
		ouv	ouço		Antes de dormir, sempre <ouv> ouço música e brinco o cubo de Rublic.	CE	*ou(vo)
	CHINÉS.CF.A2.04.33.1J	apanho	tomamos		Nós também <apanho> tomamos banho de sol .	CE	
				no Verão	O tempo de Macau /no Verão/ é muito húmido e <carol> calor,...	CA	
		carol	calor		O tempo de Macau /no Verão/ é muito húmido e <carol> calor,...	CE	
		para	Ø		...por isso nós precisamos ir ao praia, <para> e nós também achamos <que> este actividade é muito bom de fazer nos tempos livres,...	CD	
		que	Ø		...é nós também achamos <que> este actividade é muito bom de fazer nos tempos livres,...	CE	
		fan	família		..., porque pode tornar-se ser nosso dia da <fan> família.	CE	
		bricamo	brincar		Nós podemos <bricamo> brincar <pocatinh>, comer connosco.	CE	
		pocatinh	Ø		Nós podemos <bricamo> brincar <pocatinh>, comer connosco.	CA	
		f	vez		Natação para mim, na primeira <f> vez que eu aprendo como nadar, é muito muito difícil.	CE	
		pode	Ø		...eu gosto muito de nadar e nadar é <pode> bom para meu saúde.	CA	
		E	Ø		<E> As minhas <irmãos> irmãs e eu também gostamos de canta, ...	CA	
		irmãos	irmãs		<E> As minhas <irmãos> irmãs e eu também gostamos de canta, ...	CE	
		na	no		Eu também gosto muito de viajar <na> no outro país, <se> se eu não sou muito pobre.	CE	
	CHINÉS.CF.A2.09.33.1J	teinha	tenho		Quando <teinha> tenho tempos livres, costume de ir à <(...)> piscina com os meus amigos, ...	CE	
		ci	cursos		...também participo alguns <ci> cursos de dança, ...	OC	
		posso	acho		...atravez os cursos, posso conhecer muitos amigos, também <posso> acho que <faça> faço exercícios <p> é muito <sal> saudável.	CA	
		faça	faço		que <faça> faço exercícios <p> é muito <sal> saudável.	CE	
		p	é		que <faça> faço exercícios <p> é muito <sal> saudável.	CA	pode ser
		sal	saudável		...atravez os cursos, posso conhecer muitos amigos, também <posso> acho que <faça> faço exercícios <p> é muito <sal> saudável.	CE	
		tenho	sinto-me		que <faça> faço exercícios <p> é muito <sal> saudável.	CA	
		da ms minha p	do meu país	para mim	...portanto <tenho> sinto-me muito diferente /para mim,/ ...	CA	
		são	podem		...portanto <tenho> sinto-me muito diferente /para mim,/ ... a dança chinesa é muito elegante e também é uma típica actividade <da> do <ms minha p> meu país	CE	
		tratadora	tradutora		..., porque <(...) pes> penso que os <são> podem haver muitas acções diferentes.	CA	
		aprender mais asos	experimentar estilos diferentes		O meu sonho é posso tornar uma <tradutora> tradutora em. português e chin E muito prazer de posso conseguir esta oportunidade para mim melhorar o meu nível de português e <aprender mais asos> experimentar estilos diferentes,	CE	
						CA	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		Espero que (...) tenha po, Gosta	Ø		<Espero que (...) tenha po Gosta> Finalmente, gostava de ter umas férias valiosas e conseguir as experiências diferentes.	CA	
	CHINÉS.CF.A2.12.33.1J	cosias mais estes voltar	coisas muitas estos voltar		Porque há muitas <cosias> coisas para aprender. Se lê os livros, sabes <mais> muitas coisas no mundo. Porque eu quero saber as histórias de <estes> estes lugares... Depois as aulas, eu <voltar> volto para casa para surf o Internete,.... <As festas, eu> Nos tempos livres, eu corro com os meus amigos e os meus pais.	CE CA CE CE CA	
		Às festas, eu	Nos tempos livres				
		Dope	Depois		<Dope> Depois <A> nós vamos a restaurante para almoçar.	CE	
		A	Ø		<Dope> Depois <A> nós vamos a restaurante para almoçar.	OC	
Chinês B1	CHINÉS.CA.B1.05.52.2L			etc.	...elas gostam de comer pasta, pão /etc./....	CA	
		e	ou	*os	No meio de ambiente, cheio as igrejas, / *os/ edifícios não são muito altos, são diferentes do que a minha cidade.	CE	
	CHINÉS.CA.B1.06.52.2L	f	negociam		Normalmente tem a sua história, tem o estilo manuelino /e/ ou Barroco. ...por causa dos meus pais são comerciantes que estão na China e <f> negociam.	CA	f(azem negó cios)
	CHINÉS.CA.B1.07.33.1J	aos	para		Eu, tenho de ir ao mercado para comprar as comidas e outras coisas para fazer o almoço ou o jantar <aos> para os meus irmãos novos.	CE	
		acaba	acabo		Estas são os meus /pequenos/ sonhos,...	CA	
		aos	nos		... tenho de estudar muito até <acaba> acabo o curso.	CA	
		e	Ø		...posso visitar outras cidades <aos> nos fim-de-semanas. Em Portugal, posso conhecer muitos conhecimentos da Europa <e>, as culturas portuguesas e europeus, ...	CE CA	
		também	de		...posso saber mais a história de Portugal e /de/ Europa.	CA	
		de	alguns		...assim /alguns/ dos meus sonhos já realizaram.	CA	
		também	também		Os hábitos e os costumes entre em Macau e em Portugal são diferentes, <também> as culturas /também/ são diferentes,...	CA	
		de	em		...gosto mais da vida de Portugal do que <de> em Macau.	CE	
	CHINÉS.CA.B1.12.77.3T	é	era		Quando cheguei ao alojamento, tudo <é> era novo.	CE	
		Porém	Ø		Então, não há muitos serviços, por exemplo, internet etc. <Porém> Naquela altura, quando quisesse pegar o sinal de Internet, ...	CD	
		o se	internet		...precisei de trazer o computador, usando <o se> /internet/ no corredor de emergência.	CE	*o se(m-fio) (wireless)
		de para	de		Como na residência só há quatro máquinas de lavar roupas, no fim de semana sempre há uma fila <de para> de espera para lavar.	CE	
		porque é difícil dividir as tarefas po pa e ninguém ab	para evitar que ninguém queira limpar		Além disso, em Macau, a autoridade universitária emprega a companhia de residência <porque é difícil dividir as tarefas po pa e ninguém ab acha que> para evitar que ninguém queira limpar a cozinha e <ba> a casa de banho.	CA	
		ba	a casa de banho		...para evitar que ninguém queira limpar a cozinha e <ba> a casa de banho.	CA	ba(nheiro) (português do brasil)
		reclamou	reclamou		De facto, o senhorio sempre <reclamou> reclamou que o espaço público seja sujo,...	CE	
		não	nunca		...mas <não> /nunca/ encontrou a pessoa que sujou.	CA	
		residência	residentes		Os <residência> residentes também criticaram uns com os outros até que perderam a amizade.	CE	
		ro Achos	pelo contrário		<ro Achos> pelo contrário, pensando no ponto de vista dos residentes,....	OC	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		o que	∅		...penando no ponto de vista dos residentes, <o que> oferece<(.)> o serviço agradável e promover a amizade entre <os> residentes são os sucessos do senhoria.	CD	
		os	∅		penando no ponto de vista dos residentes, <o que> oferece<(.)> o serviço agradável e promover a amizade entre <os> residentes são os sucessos do senhoria.	CE	
		o ap	a minha casa		Finalmente, </o ap> embora a minha casa <f(.)> fique longe da universidade, ...	CA	o ap(artamento)
		está a	vai		...mas gostei muito porque a situação não pode mudar mas o serviço <está a> vai melhorando.	CA	
	CHINÉS. CA. B1.13.33.1J	de novo	do maravilhoso		No ar está cheio dos cheiros <de> do café e de papel do livros.	CE	
		algumas	alguma		E o livro pode levar-me para <outro(.)> outro mundo <novo> maravilhoso.	CA	
Chinês B2	CHINÉS. CA. B2.07.69.3Q	vida a	a condição económica		Não é preciso de pensar <algumas> alguma coisa e de fazer alguma coisa.	CA	
		m	o maior indicador		...e a <vida a > condição económica bem como a qualidade da vida quotidiana urbana ficou <m> o maior indicador de poder dum país.	CE	m(aior)
		quém	quem		...e a <vida a > condição económica bem como a qualidade da vida quotidiana urbana ficou <m> o maior indicador de poder dum país.	CE	
		de			Ao mesmo tempo, há <quem> quem diga que...	CE	
		concluir, tenh	temos	concluirmos	<tenh> temos de fazer uma comparação entre as vantagens e defeitos entre uma cidade e um campo.	CE	
		Os	As		...para <de concluir> /concluirmos/ se é melhor viver na cidade ou não, <tenh> temos de fazer uma comparação entre as vantagens e defeitos entre uma cidade e um campo.	CA	
		à uma	a	uma	<Os> As universidades mais estimadas são normalmente localizadas na zona urbana, ...	CE	
		ou		que é	...o número cresce de campanhas e de empregos possibilita o acesso <à> a a <uma> /uma/ profissão ideal ...	CE	
		disponíveis	∅		o número cresce de campanhas e de empregos possibilita o acesso <à> a <uma> /uma/ profissão ideal <ou> /que é/ equivalente <ao (.)> à realização do valor pessoal ou ao poder económico.	CA	
		correndo	correntes		Basta ver os apartamentos grandes, os supermercados <disponíveis> para as compras e os automóveis <correndo> correntes nas ruas.	CA	
		, que pode ser	∅		Basta ver os apartamentos grandes, os supermercados <disponíveis> para as compras e os automóveis <correndo> correntes nas ruas.	CE	
		e	ou		...o desenvolvimento da transportação poupa-nos o tempo gasto entre dois <(.)> sítios <, que pode ser>.	CD	
					...E este tempo fica para o entretenimento, actividades para descansar <e> ou assuntos importantes...	CA	
				o	E este tempo fica para o entretenimento, actividades para descansar <e> ou assuntos importantes. /o/ que significa <o> /um/ nível elevado da vida.	CE	
				um	E este tempo fica para o entretenimento, actividades para descansar <e> ou assuntos importantes. /o/ que significa <o> /um/ nível elevado da vida.	CE	
		so	adicionando		O nível de preço está sempre a crescer, <so> adicionando a dificuldade da	CA	so(mando)
		se resolve	pode ser resolvido		é um resultado natural do desenvolvimento urbano e só <se resolve> pode ser resolvido por este desenvolvimento.	CA	
		as		os	A legislação com o progresso económico e tecnológico vão oferecer soluções eficazes para <as> /os/ problemas da vida urbana...	CE	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		vai	será		...nessa altura, viver na cidade <vai> será mais seguro...	CA	vai (ser)
		prima	principal		...viver na cidade <vai> será mais seguro e mais confortável do que viver no campo e ficará a escolha <prima> principal para todos os residentes do	CA	a (vantagem)
		a	o		Para resumir, <a> o mérito de viver na cidade <é> excede a sua desvantagem	CA	
		é	excede		Para resumir, <a> o mérito de viver na cidade <é> excede a sua desvantagem	CA	
	Chinês.B2.1	va	voltar		..ainda quero <va> voltar para o passado para mudar algumas coisas.	OC	
		para relembrar	∅		Se eu pudesse voltar para o passado, era bom que voltasse para a minha escola primária. <para relembrar>	CD	
		dex	deixando-os		..levaria mais paciência a acompanhar os meus pais, <dex> deixando-os sentir o meu amor.	CE	
		que	quando		ajudou-me muito <que> quando eu era pequena.	CE	
		pra	para		...o que é uma grande pena <pra> para mim.	CA	expressão de oralidade=> expressão formal
		Na verdade	Ainda por cima		<Na verdade,> Ainda por cima, queria comunicar mais com os meus pais.	CA	
		Eles não	∅		<Eles não> Não gostava de falar com eles /no passado/ <, mas na verdade,>, o que causou muitas incompreensões entre nós.	CA	
				no passado	<Eles não> Não gostava de falar com eles /no passado/ <, mas na verdade,>, o que causou muitas incompreensões entre nós.	CA	
		, mas na verdade,	∅		<Eles não> Não gostava de falar com eles /no passado/ <, mas na verdade,>, o que causou muitas incompreensões entre nós.	CA	
		fo	seja		Embora <fo> seja <impossível,> /um sonho louco/<mas,>	CE	fo(sse)
		impossível	∅	um sonho louco	Embora <fo> seja <impossível,> /um sonho louco/<mas,>	CA	
		mas,	∅		Embora <fo> seja <impossível,> /um sonho louco/<mas,>	CA	
		sonha	sonho		..ainda tenho este <sonha> sonho.	CE	
		Ace	Acredito		<Ace> Acredito que <a mi> este sonho vai ser realizado um dia.	CE	
		a mi	este		<Ace> Acredito que <a mi> este sonho vai ser realizado um dia.	CE	
		algumas	∅		Talvez <algumas> haja pessoas digam que essa hipótese não tem nada de importância,...	CA	
	Chinês.B2.2	possam	pudessem		Antes, eu estudava para que os meus pais <possam> /pudessem/ <e> estar satisfeitos comigo.	CE	
		insistiaesse	insistisse		Foi bom que eu <insistiaesse> /insistisse/ em estudar com muito esforço...	CE	
	Chinês.B2.3	Depois de terminarem		no campo	Segundo, temos uma vida mais livre /no campo/ do que na cidade.	CA	
				Todos os dias sempre que terminem	<Depois de terminarem> /Todos os dias sempre que terminem/ o trabalho diário, ...	CA	
	Chinês.B2.4	(nenhu)m	(nenhu)ns		agora na China, não tem nenhu<m>/ns/ diferentes entre a vida urbana ou no campo!	CE	
Chinês C1	CHINÉS.CA.C1.04.69.3Q	para	de		A gente encontra com muita facilidade lugares <para> /de/ entretenimento...	CE	
		nu	nessa		Há quem diga que a vida na cidade é agitada, mas eu é que gosto de viver <nu> nessa agitação.	CA	nu(ma)
		p	até		...ir a um restaurante com 3 amigos e depois cantar <p> até à meia-noite num karaoke ...	CE	p(ara), p(or),p ...

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		ma	∅		Nasci numa cidade, <ma> passei a infância numa pequena vila <do (...) > /perto/ da montanha,...	CA	ma(s)
		ver		conhecer	Especialmente quando estou farta de <ver> /conhecer/ as pessoas indiferentes e hipócritas, ...	CA	
		alei	aldeias		Claro, hoje em dia mesmo as <alei> aldeias são "invadidas" pela "civilização" urbana e as pessoas, ...	CE	
		Lamento	Porém		<Lamento> Porém, acredito que ainda podemos entrar a verdadeira vida do campo neste mundo,...	CD	
		deste	∅	É no	...para mim Trás-os-Montes é um lugar <deste> onde este estilo de vida é visível <O> /É no/ campo é que podemos encontrar a paz interior,...	CA	
		ambos	ambas		...e a harmonia com a natureza, <ambos> ambas imprescindíveis para o ser humano, e tão <raros> /raras/ na cidade!	CA	
		raros	centros comerciais	raras	...e a harmonia com a natureza, <ambos> ambas imprescindíveis para o ser humano, e tão <raros> /raras/ na cidade!	CE	
		as lojas			...também gostava de viver no campo, mesmo que saiba vou viver sem <as lojas> centros comerciais...	CA	
		proval	∅		...mesmo que saiba se calhar vou ter uns vizinhos que <proval> gostam de observar e comentar a minha vida...	CA	prova(velmente)
CHINÉS.CA.C1.07.6.1B		andamos		andávamos	Tenho muitas saudades de ti e lembro-me muito bem dos tempos que <andamos>/andávamos/ juntas no campus da Universidade.	CE	
		Ainda	∅		<Ainda> Neste mesmo dia do ano passado,	CA	
		registrat	registraram		...as fotos também <registrat> registraram todos os momentos felizes.	CE	
		deix	deitámos		Naquela noite, subimos ao topo da colina atrás do campus, <deix> deitámos na relva com inúmeras estrelas em cima...	CE	
		posso		recolher	Há imensos materiais para /recolher,/ ler, reler, tomar notas e organizar.	CA	
		A	Começando com...	pude	No entanto não <posso> /pude/ deixar de participar na maior festa académica de Coimbra: a Queima das Fitas.	CE	
		Queima		a festa	<A> Começando com a tradicional serenata, ...	CA	A (começar)
		do	ao lado do	concertos	.../a <Queima> festa/ durou uma semana.	CA	
		unido		universidades	Havia um cortejo no domingo e todas as noites tiveram lugar /concertos/ no recinto <do> ao lado do rio Mondego.	CA	
		todo		<um> dias	Havia um cortejo no domingo e todas as noites tiveram lugar /concertos/ no recinto <do> ao lado do rio Mondego.	CA	
		depois		quando	Mas o que me comoveu mais era o espírito de união estudantil na Queima, que raramente se vê nas outras <unido> /universidades/.	CE	
		vamos		já	Tantas coisas para te contar que gostaria ficar contigo por <todo> /<um> dias/ inteiros a falar, ...	CA	
		Estivemos	Portugal	Andámos	Contudo, tenho de acabar o meu trabalho e <depois> /quando/ voltar para casa /já/ daqui há pouco tempo <vamos> /encontraremos/ de novo!	CA	
		porq			Contudo, tenho de acabar o meu trabalho e <depois> /quando/ voltar para casa /já/ daqui há pouco tempo <vamos> /encontraremos/ de novo!	CA	
CHINÉS.CA.C1.17.6.1B				de Setembro	Contudo, tenho de acabar o meu trabalho e <depois> /quando/ voltar para casa /já/ daqui há pouco tempo <vamos> /encontraremos/ de novo!	CA	
				Andámos	Ainda me lembro da noite /de Setembro/ quando estivemos juntos...	CA	
					<Estivemos> /Andámos/ a conversar até muito tarde porque no dia seguinte, eu iria para <porq> Portugal...	CA	
					<Estivemos> /Andámos/ a conversar até muito tarde porque no dia seguinte, eu iria para <porq> Portugal...	OC	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		própria		própria	Quando estudava no nosso país, só tinha aulas sobre a /própria/ língua <própria>.	CA	
	CHINÊS.CA.C1.21.50.2L			magnificante	China, um país onde o Sol ilumina uma longa história (cerca de 5 mil anos), sabe fascinar o mundo todo através da sua /magnificante/ beleza natural e da sua abastada cultura humana.	CA	
		extremo oriental		Extremo Oriente	...a China situa-se no <extremo> /Extremo/ <oriental> /Oriente/. ...	CE	
		mais	Ø dezenas mais de país		...fazendo fronteiras com a Rússia, a Índia, o Bafão e <mais> dezenas mais de países.	CE	
				se	Temperada com 4 estações distintas, onde /se/ salienta a <agricultura> agricultura devido <à sua> aos campos férteis.	CE	
		agricultura	agricultura		Temperada com 4 estações distintas, onde /se/ salienta a <agricultura> agricultura devido <à sua> aos campos férteis.	CE	
		à sua	aos campos férteis		Temperada com 4 estações distintas, onde /se/ salienta a <agricultura> agricultura devido <à sua> aos campos férteis.	CA	à sua (terra)
				os	Não é difícil encontrar as tradições antigas que se arrastam no decurso do tempo, passando de /os/ avós para os netos.	CE	
		gente	as Ø pessoas		As <gente> pessoas desejam felicidade umas <aos> às outras, partilhando alegria e <bênção(...)> bênção.	CA	
		aos	às		As <gente> pessoas desejam felicidade umas <aos> às outras, partilhando alegria e <bênção(...)> bênção.	CE	
		À noite	Na mesma noite		<À noite> Na mesma noite do último dia do ano lunar, ...	CA	
		costumamos	costumamos		...<costumamos> costumamos ter um jantar farto do <(...)> sino <da> da meia-noite, ...	CE	
				o	Nasci numa cidade cosmopolita e desde então ando a descobrir a beleza e /o/ conforto de viver <numa> na cidade.	CE	
	CHINÊS.CA.C1.22.69.3Q	numa	na		Nasci numa cidade cosmopolita e desde então ando a descobrir a beleza e /o/ conforto de viver <numa> na cidade.	CE	
		apre	tenha inveja		Concordo totalmente com o lema da Expo 2010 de Xangai "Melhor cidade, Melhor Qualidade de vida", mesmo que às vezes <apre> tenha inveja do ritmo e da maneira de viver das pessoas que vivem nos campos. <que levam>	CA	apre(cie)
		que levam	Ø		Concordo totalmente com o lema da Expo 2010 de Xangai "Melhor cidade, Melhor Qualidade de vida", mesmo que às vezes <apre> tenha inveja do ritmo e da maneira de viver das pessoas que vivem nos campos. <que levam>	CD	
				de	O desenvolvimento da cidade vai trazendo aos seus habitantes vários benefícios, /de/ que se podem ser apercebidos no nosso dia-a-dia.	CE	
		das	de		A renovação das redes <das> de comunicação e de transporte facilita em grande escala a deslocalização das pessoas, ...	CE	
		a popupar	proporcionam...m		...sendo os metros e TGVs os principais meios que <(...)> /proporcionam/ aos residentes <a popupar> /mais/ tempo na cama.	CA	
		fa	confirmam		É inegável que os hospitais facilmente acessíveis e os centros comerciais onde se encontram os amigos <fa> confirmam, o que reflecta <nitidamente> /evidentemente/ as vantagens da cidade.	OC	
		nitidamente	evidentemente		É inegável que os hospitais facilmente acessíveis e os centros comerciais onde se encontram os amigos <fa> confirmam, o que reflecta <nitidamente> /evidentemente/ as vantagens da cidade.	CA	

LM e nível de proficiéncia	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		dispondo	visto que		Aliás, viver na cidade passa por ter mais escolhas de lazer, <dispondo> visto que <(.)> /os/ bares, /os/ parques, /os/ discotecas já ocupam um lugar <significativa> significativo da mentalidade <cidadina> cidadina.	CA	
				os	Aliás, viver na cidade passa por ter mais escolhas de lazer, <dispondo> visto que <(.)> /os/ bares, /os/ parques, /os/ discotecas já ocupam um lugar <significativa> significativo da mentalidade <cidadina> cidadina.	CE	
				os	Aliás, viver na cidade passa por ter mais escolhas de lazer, <dispondo> visto que <(.)> /os/ bares, /os/ parques, /os/ discotecas já ocupam um lugar <significativa> significativo da mentalidade <cidadina> cidadina.	CE	
				os	Aliás, viver na cidade passa por ter mais escolhas de lazer, <dispondo> visto que <(.)> /os/ bares, /os/ parques, /os/ discotecas já ocupam um lugar <significativa> significativo da mentalidade <cidadina> cidadina.	CE	
		significativa	significativo		Aliás, viver na cidade passa por ter mais escolhas de lazer, <dispondo> visto que <(.)> /os/ bares, /os/ parques, /os/ discotecas já ocupam um lugar <significativa> significativo da mentalidade <cidadina> cidadina.	CE	
		cidadina	cidadina		Aliás, viver na cidade passa por ter mais escolhas de lazer, <dispondo> visto que <(.)> /os/ bares, /os/ parques, /os/ discotecas já ocupam um lugar <significativa> significativo da mentalidade <cidadina> cidadina.	CE	
		os	o	(stress)	O ritmo intenso da vida e <os> o seu resultado "pressão" / (stress)/ e <os> o <problemas> da poluição que <representam> representa por várias formas	CA	
		os problemas...repres	o...representa		O ritmo intenso da vida e <os> o seu resultado "pressão" / (stress)/ e <os> o <problemas> da poluição que <representam> representa por várias formas	CE	
		se colher	Ø		<problemas> da poluição que <representam> representa por várias formas	CA	
Inglês A1	INGLÉS.CA.A1.09.6.1B	futebol	futebol		Quando <(.)> começamos a apreciar o encanto da cidade, já custa muito deixá-la. <se colher (...)>	CD	
		futebol	futebol		Nós temos muitos festás em nós casa, e vimos muitos jogos de <futebol> futebol, ...	CE	
		Jogo	Jogámos		Nós temos muitos festás em nós casa, e vimos muitos jogos de <futebol> futebol, cheeseburgers e <Jogo> Jogámos futebol No parque muito grande perto o mar.	CE	
	INGLÉS.CA.A1.09.33.1J	p	vou praticar		Normalmente Eu corro 10 km todos os dias. Também <p> vou praticar futebol <duaz> dois vezes por semana.	CA	p(ratico)
		duaz	dois		Tambem <p> vou praticar futebol <duaz> dois vezes por semana.	CE	
				As	Az vezes As festas e /As/ discotecas, Eu gosto muito festas.	CE	
	INGLÉS.ER.A1.36.1.1A		o tempo que		Deste /o tempo que/ eu cheguei em Coimbra, eu assistei muito concertos e festas, que eu gosto de fazer.	CA	
		escriber	escrever	os	Eu gosto os castelos e /os/ viagens com meu amigo XXXXX ao seu carro.	CE	
					É também difícil de <escriber> escrever aos amigos estrangeiros e /de/ compreendo notícias no Portugal e /no/ Canada e no /outres/ Européen países	CE	
				de	É também difícil de <escriber> escrever aos amigos estrangeiros e /de/ compreendo notícias no Portugal e /no/ Canada e no /outres/ Européen países	CA	
				no	É também difícil de <escriber> escrever aos amigos estrangeiros e /de/ compreendo notícias no Portugal e /no/ Canada e no /outres/ Européen países	CA	
				outres	É também difícil de <escriber> escrever aos amigos estrangeiros e /de/ compreendo notícias no Portugal e /no/ Canada e no /outres/ Européen países	CA	
				uma cidade muito e	... Coimbra é /uma cidade muito velha e/ interessante com muitos festas.	CA	
	INGLÉS.ER.A1.36.6.1B				Eu assistei aos concertos de fado, /e/ de música de brasileiro e de angola.	CA	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
				os bilhete	As pessoas em Coimbra gostam de música muito e /os bilhete/ dos concertos são baratos / porque o C.M. de Coimbra os supporte/...	CA	
				porque o C.M. de Coimbra os supporte	As pessoas em Coimbra gostam de música muito e /os bilhete/ dos concertos são baratos / porque o C.M. de Coimbra os supporte/...	CA	
				o	...aos fim-de-semana eu e o XXXXX (e, às vezes, /o/ seu filho XXXXX) visitaram os castelos...	CE	
				os	O meu trabalho é bem, e /os/ meus colegas são simpáticos.	CE	
				lá	A nossa amiga, XXXXX, vai assistir /lá/ comigo.	CA	
				que	Ontem, eu e a minha amiga fomos num café e nós falamos <(.)> sobre coisas <(.)> /pelas/ férias /que/ nós <(.)> queremos ir.	CE	
	INGLÉS.ER.A1.43.6.1B	Nós	Ø		A temperatura aqui é quente e os meus filhos querem ir á praia com um carro.<Nós> Houve loungar um carro porque é muito barrato.	CA	
		ler		estudar também	Conheço que há <ler> /estudar/ por /tambem/ seu exames.	CA	
		Os meus pais	Ø		Na semana passada, comecei a bilheta de avião por venho á Grecia, Aténa.<Os meus pais> Vou chegar a fim de Julio.	CD	
		p	vou passar		Primeiro eu <p> vou passar <(.)> /para/ nos /querida/ cidade, /a/ Salanika!	CA	p(asso)/ p(assare)
				querida	Primeiro eu <p> vou passar <(.)> /para/ nos /querida/ cidade, /a/ Salanika!	CA	
		te	Ø escrever-te	a	Primeiro eu <p> vou passar <(.)> /para/ nos /querida/ cidade, /a/ Salanika!	CE	
				as	You <te> escrever-te outras <(.)> /as/ cartas e vou <(.)> ver-te até brevel	CE	
	INGLÉS.CF.A2.03.33.1J			*apoyó	Sou uma / *apoyó/ du equipe de Sporting Lisbon...	CE	
				*apoyó	Também sou uma / *apoyó/ de Chelsea ...	CE	
	INGLÉS.CF.A2.05.77.3T	se dicem. As vecinas			Este bairro é <`> <(.)> um pouco mais calma que uns <(.)> outros. <,> < se dicem. As vecinas> O maior parte das vezinhas são profissionais...	CA	
		entre	na Baixa		O maior parte das vezinhas são profissionais e os edificios são mais modernos que os <entre> na Baixa,	CE	
				o	Eu <(.)> gosto de meu edificio é tanto novo /o/ que não tenha problemas com insectes...	CE	
		et	e		Eu <(.)> gosto de meu edificio é tanto novo /o/ que não tenha problemas com insectes, ni ratas, <et> e <a> <seu> sua madera é dura ainda.	CE	
		a	Ø		Eu <(.)> gosto de meu edificio é tanto novo /o/ que não tenha problemas com insectes, ni ratas, <et> e <a> <seu> sua madera é dura ainda.	CE	
		seu	sua		Eu <(.)> gosto de meu edificio é tanto novo /o/ que não tenha problemas com insectes, ni ratas, <et> e <a> <seu> sua madera é dura ainda.	CE	
		umas (coisa)s	uma coisa		Acho que há <umas> uma coisa<s> que podiam mudar para que fosse mais agradável lá viver no meu bairro.	CA	
		vi	morar	falam é	Uma coisa é que as pessoas que viu allí /falam é/ gritam nas ruas demais forte toda da noite!	CA	
	INGLÉS.CF.A2.06.52.2L	vecez	vezes		Em geral estou muito contenta a <vi> morar por allí.	CA	vi(ver)
		era muito	havia muito		Aqui em Coimbra conheci a amigos novos británicos, e muitas <veces> vezes quando falam entre si, eu não posso perceber.	CE	
	INGLÉS.CF.A2.14.77.3T	barolho	barulho		Os camiões e as máquinas foram por todo lado, <era muito> havia muito pó e muito <barolho> barulho.	CA	
					Os camiões e as máquinas foram por todo lado, <era muito> havia muito pó e muito <barolho> barulho.	CE	

LM e nível de proficiê ncia	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		a	o		Depois <a> o junto da freguesia mandou erigir um relógio em frente da casa. Há quatro meses as machinas enormes chegaram ante a casa para instalar tubos <par> novos para trazer as águas sujas e renovar <a água limpa> as instalações da água limpa para as casas.	CE	
		par	novos para			CA	
		a água limpa	as instalações da água limpa		Há quatro meses as machinas enormes chegaram ante a casa para instalar tubos <par> novos para trazer as águas sujas e renovar <a água limpa> as instalações da água limpa para as casas.	CA	
		o	Ø		Eu sei que quando as obras serem terminadas nos vamos <o> ter um rua nova e <t> já temos água mais limpa e mais regular, mas não sei se seja regretável.	OC	
		t	já temos		Eu sei que quando as obras serem terminadas nos vamos <o> ter um rua nova e <t> já temos água mais limpa e mais regular, mas não sei se seja regretável.	CA	t(emos)
	Inglês.A2.1	mud	morava		Ao mes Seteimbri viaje á <(.)> cidade de Zaragoza. Eu <mud> morava na cidade com uma familia local, ...	CA	mud(ava)
		(ca)z(a)	(ca)s(a)		Quando estava lá assisti uma escola cerca da nossa apartamento, <(.)> e regrese a ca <z>sa cada dia para almorçar com minha familia.	CE	
		esto	este		Em Espana disfruta se a vida y mora se no presente, e <esto> este facto e muito importante para mim.	CE	
		Foi	era		<Foi> Era um ano muito interessante e muito importante.	CE	
Inglês B1	INGLÉS.ER.B1.20.77.3T	O bairro onde moro	Eu moro num barro...		<O bairro onde moro> Eu moro num bairro bué de fiz.	CA	
		e		fica	Eu moro num bairro bué de fiz. Chama-se XXXXX e <e> /fica/ parte de Manchester...	CA	é
		bairros	bares		Todos os <bairros> bares são muito baratos e pode-se fazer festa ou felicitar qualquer coisa sem preocupar-se <com> dos vizinhos.	CE	
		com	dos		...pode-se fazer festa ou felicitar qualquer coisa sem preocupar-se <com> dos vizinhos.	CE	
		podem	...pode-se		Sem embargo <podem> a vida em XXXXX pode-se melhorar.	OC	
		geralmente est	geralmente simpatico		Embora a população seja <geralmente est> geralmente simpatico...	CA	
		somos	sejamos		Embora a população seja <geralmente est> geralmente simpatico <,> e todos <somos> /sejamos/ estudantes e vivimos em paz, ...	CE	
		do pais, se não	Ø		...os <(.)> dois bairros aos lados são uns dos mais pobres <do pais, se não > e por tanto mais perigos da cidade se não o pais.	CA	
		vio	a violência		<se (...)> Por isso <vio > a violência existe em XXXXX também.	CE	
		com facas	Ø		Cada dia há notícias de ladrões <com facas> e asaltadores sexuais com facas ou <peor> pior pistoles. <Então>	CA	
		peor	pior		Cada dia há notícias de ladrões <com facas> e asaltadores sexuais com facas ou <peor> pior pistoles. <Então>	CE	
		acho que se	estou seguro que		Eu <acho que se> estou seguro que se não fossem bairros tão pobres, o nível de crime ficava menor <,>	CA	
		Também ha o problema que p			...<Também ha o problema que p> Ha um outro problema /talvez menos todos são estudantes.	CA	
		dos	do	talvez menos serin	Ha um outro problema /talvez menos serin/ que proven <dos> do feito que todos são estudantes.	CA	
				do	Ha um outro problema /talvez menos serin/ que proven <dos> do feito que todos são estudantes.	CE	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		e por isso	...e por isso		Estadates não pagam impostos <e por isso> da Municipalidade e por isso o <governo> governo local não tem bastante dinheiro <(…) > /a/ manter o bairro. ...por isso o <governo> governo local não tem bastante dinheiro <(…) > /a/ manter o bairro.	CA	
		governo	governo			CE	
		para compensar	∅		Se eu ficasse em carga, mudava o <(…) > sistema fiscal <para compensar> ou criar circunstâncias especiais para bairros assim, os que faltam fundos.	CA	
	INGLÊS.ER.B1.34.52.2L	muitas	muita		Depois de passar muito tempo no estrangeiro já tenho tido <muitas> muita oportunidades de conhecer e contactar com pessoas de cultura diferente da minha.	CE	
				tudos	Sempre achava que sabia /tudos/ os estereótipos das nacionalidades mas havia muitos episódios em que aprendei novas coisas.	CA	
		Depois de que acabar de		Antes de	<Depois de que acabar de > /Antes de/ chegar a Portugal eu achei que todos os portugueses foram semelhantes aos <espanhóis> espanhóis mas rapidamente di conta que não era certo.	CA	
		espanhóis	espanhóis		<Depois de que acabar de > /Antes de/ chegar a Portugal eu achei que todos os portugueses foram semelhantes aos <espanhóis> espanhóis mas rapidamente di conta que não era certo.	CE	
		gent	as pessoas		Em Lisboa, apanhando o comboio, todas <gent> as pessoas foram tão simpáticas.	CA	
		os meus	as minhas		Ajudarem-me com <os> as <meus> minhas malas e ajudarem-me procurar o meu lugar no comboio.	CE	
		aparechlo	foi		Isto <aparechlo> foi algo incrível...	CA	
		umo	um		...depois de acabar de chegar de Londres onde as pessoas são frias – não ajudam, não falam, não miram <umo> um ao outro no olho.	CE	
		miraríam	mirá-me-iam		Se eu fora de falar com alguém no metro em Londres <miraríam> mirá-me-iam como se fora uma louca – os ingleses são muito sospichosos.	CE	*miraríam(-me)
		cultar	culturas		Neste sentido as duas <cultar> culturas são muito diferentes mas há semelhanças também.	CE	
		nas	na		Os portugueses e os ingleses têm uma história largíssima e muito interessante – nota-se isso na arquitectura, na musica e especialmente <nas> na attitude das pessoas.	CE	
		po	puntos		Mas as duas culturas têm <po> pontos partes e são muito orgulhosos.	CE	
	INGLÊS.ER.B1.60.6.1B	algum	alguns		Já conheci <algum> alguns amigos e normalmente vamos às cafés juntos e nas noites...	CE	
		resaca		ressaca	O meu deus, a outra noite, foi <(…) > tão bêbeda que, tive uma <resaca> /ressaca/ por duas dias!	CE	
				por uma hora	Ontem, eu fui a uma das minhas aulas e /por uma hora/ eu não percebi que foi na aula <desvedadeira !> /errada/!	CA	
		desvedadeira		errada	Ontem, eu fui a uma das minhas aulas e /por uma hora/ eu não percebi que foi na aula <desvedadeira !> /errada/!	CA	
		q casa	para casa		Tenho muito trabalho para casa <q casa> aqui e amanhã, ...	OC	
		começar	começá-lo		Tenho muito trabalho para casa <q casa> aqui e amanhã, vou <começar> começá-lo mas admito que tenho muito stress.	CA	
		faz	farei		No entanto, venha o que vier, tenho a certeza que <faz> farei bem nos meus exames.	CE	*faz(erei)
		tu	∅		Espero que <tu> me visites logo!	CA	
		Se	Sinto-me		<Se> Sinto-me falta das actividades que fazíamos juntos como andando no parque /ou/ bebendo cafés em Starbucks.	CE	*Se(nto)



LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		eu			...gostarei de viver no campo, mas bem perto duma cidade, para ter a vida menos estressante, mas sem te de viajar muito para <eu> fazer compras ou sair de noite.	CA	
	INGLÉS.ER.82.47.69.3Q	que		onde	As casas no campo sempre me parecem muito isoladas e, muitas vezes, não há lojas ou amenidades <que> /onde/ se pode ir sem carro...	CE	
		lidam		aguentam	...os idosos não <lidam> /aguentam/ muito bem viver nas cidades por causa do barulho e tanta actividade constante, ...	CA	
		que	e		Há também no campo um espírito mais comunitário, quer dizer que as pessoas são geralmente mais amáveis, <que> e eu acho o ambiente muito bom...	CA	
		tranquila	rural		...eu acho o ambiente muito bom não só para os idosos mas também para famílias que gozam uma vida <tranquila> rural...	CA	
	INGLÉS.ER.82.74.50.2L	eco	falando economicamente		Ao contrário dos Estados Unidos ou a Itália, em Inglaterra a região mais desenvolvida, <eco> falando economicamente, está o sul.	CA	
		seria impossível a reconhecer			Enquanto Paris tem um centro e dois círculos de subúrbios, o centro de Londres <seria impossível a reconhecer> se encontra num mar de comunidades e cidades.	CA	
		que dis das quais	Ø descritas		Fora de Londres, há os condados rurais onde vivem os Lords, caçadores, castelos dos nobres, e em geral as <(...)> imagens típicas inglesas <que dis das quais> descritas por Jane Austen e companhia.	CA	
		onde as	dominado pela indústria		Manchester, uma região diversa e populada. Eu nasci no nord-este, a região mais pobre, <(...) no ombro de uma> numa villa <onde as> dominado pela indústria.	CA	
		das	dos		Mas apesar <das> dos seus problemas, eu gostaria de ficar no Norte.	CE	
	INGLÉS.ER.82.76.6.1B	Como estas		Tudo bem	<Como estas> /Tudo bem?>	CA	
		Sinto	Ainda sinto		<Sinto> Ainda sinto um pouco de pena para ele mas <causo> todos nos rimos muito	CA	
		causo	Ø		<Sinto> Ainda sinto um pouco de pena para ele mas <causo> todos nos rimos muito	CD	
		mu	bem		Fomos <mu> bem proficientes mas <nos> demorou-nos muitos horas!	CA	mu(ito)
		nos	demorou-nos		Fomos <mu> bem proficientes mas <nos> demorou-nos muitos horas!	CE	
		que em casa			A vida de estudante aqui é diferente <que em casa>...	CA	
		ver os		vê-os	Foi muito /<ver os> vê-os/ engrasado <no> quando chegi <começo> e ainda é!	CE	
		no...começo	quando		Foi muito /<ver os> vê-os/ engrasado <no> quando chegi <começo> e ainda é!	CA	
		uma	um		É <uma> um festival que dura uma semana e tem vários <di> eventos diferentes.	CE	
		di	(eventos) diferentes		É <uma> um festival que dura uma semana e tem vários <di> eventos diferentes.	CA	d(iferentes eventos)
		vou	lembrará		O que realmente <vou> lembrará para sempre foi o cortejo.	CA	
		que	onde		Cada faculdade tem carros <que> onde vão os fitados...	CE	
		can	quantidades		Como a cerveja é gratuita e tem <can> quantidades ridículas,...	CE	
		em cima			...os fitados nos carros tiraram-nos muito cerveja <em cima> e fiquei completamente molhada.	CA	
		Sabias que	Sabes que	que foi	Eu sei que vais achar /que foi/ <(...)> horrível mas foi fixe e muito engrasado!	CA	
		para o	Sabes que pelo		<Sabias que> Sabes que a cerveja é bom <para o> pelo cabelo?!	CA	
					<Sabias que> Sabes que a cerveja é bom <para o> pelo cabelo?!	CE	

LM e nível de proficiê ncia	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		para	de		Como já falei antes, adoro a minha vida em Coimbra mas fico com vontade <para> de voltar a Edimburgo em <(...)> Agosto.	CE	
	INGLÉS.ER.B2.79.6.1B	q	e		Adoro Coimbra, porque é uma cidade de estudantes, <q> e por isso <e> a cidade é muito divertida...	CA	q(ue é muito divertida)
		e	Ø		Adoro Coimbra, porque é uma cidade de estudantes, <q> e por isso <e> a cidade é muito divertida...	CA	é (muito divertida)
		te	houve		Toda a semana <te> houve concertos no parque, ...	CA	te(ve)
		O cortejo foi	O domingo foi		<O cortejo foi> O domingo foi o melhor dia da semana <porque hou> por causa do cortejo!	CA	
		porque hou	por causa do		<O cortejo foi> O domingo foi o melhor dia da semana <porque hou> por causa do cortejo!	CA	
		teve	tiveram		Eles também <teve> /tiveram/ as fitas <na> nos cores da <sua> cada faculdade...	CE	*teve(ram)
		na	nos		Eles também <teve> /tiveram/ as fitas <na> nos cores da <sua> cada faculdade...	CE	
		sua	cada		Eles também <teve> /tiveram/ as fitas <na> nos cores da <sua> cada faculdade...	CA	
		ótimo	ótimo		Coimbra é muito barato, que é <ótimo> ótimo para mim.	CE	
		Foi m	A viagem foi		<Foi m> A viagem foi muito bom!	CA	
		mas	Ø		<Foi m> A viagem foi muito bom! <mas> No caminho para Coimbra, nós vistá mos Lisboa para comer os maiores pastéis de nata em todo Portugal...	CD	
		vir	ver		...nós visitámos Lisboa para comer os maiores pastéis de nata em todo Portugal (é verdade) e para <vir> ver Belém e tirar fotografias.	CE	
		mi,a casa de Até	Ø		<mi,a casa de Até> Para terminar a viagem fomos a Cascais	CD	
		se nos reventius uu	se tenha a		<Se nós tivemos tido mais tempo, gostava passar mais tempo em Sintra> se tenha a oportunidade, quero voltar a Sintra.	CA	
		passar mais tempo	estão		As aulas estão a correr bem, e <são> estão muito bom para o meu português ser feito em português.	CE	
		são	estão		As pessoas vinham de vários países europeus e traziam <(...) /seu/> /sua/ pró pria cultura.	CA	é (feito)
Inglês C1	INGLÉS.CA.C1.14.50.2L	seu		sua	As pessoas vinham de vários países europeus e traziam <(...) /seu/> /sua/ pró pria cultura.	CE	
		o	este		O sul de país sempre faz calor, no oeste é por causa das desertas, mas no <o> este é por causa dos mares tropicais.	CA	
		Sud	Sul		Nesta zona, há muitos imigrantes de América do <Sud> Sul, por isso se pode ver cultura latina.	CE	south=> sud
	INGLÉS.CA.C1.20.69.3Q	a	o		Poder-se-ia dizer que viver na cidade nos ajuda a estar em contacto com <a> o mundo, e <a manto> a manter relações,/e/ amizades <,>.	CE	
		a manto	a manter		Poder-se-ia dizer que viver na cidade nos ajuda a estar em contacto com <a> o mundo, e <a manto> a manter relações,/e/ amizades <,>.	CE	
		qe	quer	e	Poder-se-ia dizer que viver na cidade nos ajuda a estar em contacto com <a> o mundo, e <a manto> a manter relações,/e/ amizades <,>.	CA	
			quer		Ninguém <qe> quer sentir sozinho...	CE	
		e			...estamos pertos dos nossos amigos significa que sempre temos pessoas com as quais falar, rir, <e> desabafar e chorar.	CA	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Contexto	Tipos de correção	Hipóteses dos segmentos riscados
		dest	da		Apesar de ser verdade que, temos, mais oportunidades na cidade e que há mais coisas para fazer talvez seja melhor que estejamos fora. <dest> da confusão /dela/<da cidade> .	CA	
		da cidade		dela	Apesar de ser verdade que, temos, mais oportunidades na cidade e que há mais coisas para fazer talvez seja melhor que estejamos fora. <dest> da confusão /dela/<da cidade> .	CA	
		importan	importa		...o que realmente <importan> importa é a pessoa.	CE	
	INGLÉS. CA. C1.23.50.2L	do	de		Num país tem muitos geográficos e climas mas essas diferenças não constituem a primeira diferença <do> de Portugal (e europa).	CE	
		e		que	Nos Estados Unidos, temos grandes casas com jardins (<e> /que/ tudo mundo tem), montanhas, praias, grandes cidades e pequenas cidades, ...	CA	
				se	Por exemplo, cada cidade (Porto, Coimbra, Faro, Lisboa) é muito diferente e /se/ tem sua estética.	CE	
		norta	norte		Mas, assim que de Portugal com o <norta> norte /(Superbock) e o <Sud> sul /Sagres/, os Estados Unidos têm uma pequena guerra entre Los Angeles e Nova Iorque.	CE	
		Sud	sul		Mas, assim que de Portugal com o <norta> norte /(Superbock) e o <Sud> sul /Sagres/, os Estados Unidos têm uma pequena guerra entre Los Angeles e Nova Iorque.	CE	south=> sud
				Sagres	Mas, assim que de Portugal com o <norta> norte /(Superbock) e o <Sud> sul /Sagres/, os Estados Unidos têm uma pequena guerra entre Los Angeles e Nova Iorque.	CA	
		muisto	muito		Não gosto <muisto> muito essa ideia, mas é o pensamento e a maneira da vida lá.	CE	
				e	E por isso, com muito trabalho sem parar, os Estados Unidos têm muitas problemas Saúdes (coração, física, <e> mentalidade, etc.)...	CA	
		Os Estados Unidos não	Meu país não há		<Os Estados Unidos não tem> Meu país não há muito /das/ historicas...	CA	
		insti	insistem		<Os Estados Unidos não tem> Meu país não há muito /das/ historicas... .. e sei que não toleras o imperialismo cultural dos anglofonos que <insti> insistem /em/ comunicar só em inglês.	CE	
	INGLÉS. CA. C1.25.6.1B			em	... e sei que não toleras o imperialismo cultural dos anglofonos que <insti> insistem /em/ comunicar só em inglês.	CE	
		reg	refugiado		No plano cultural, há bastante concertos musicais, mas o cinema se tem <reg> refugiado nos multiplexos dos grandes centros comerciais, onde se vêem quase exclusivamente o produto < > nefaste de Hollywood.	CE	
				uma vez que	Tenho uns amigos portugueses, mas /uma vez que/ querem todos praticar o seu inglês comigo, faço pouco progresso na língua portuguesa, ...	CA	
	INGLÉS. CA. C1.25.75.3S	os	a		Não tenho o medo que aflige muitos: no contrário, <os> a experiência física do princípio e do fim do voo são para mim as partes preferidas.	CE	
		dao	dá		A sofisticação técnica dos carros de hoje <dao> dá a ilusão de estar numa bula protegida dos riscos inerentes na velocidade.	CE	
		pa ta	possibilidades		O cheiro de combustível me faz sempre pensar nas <pa ta> possibilidades voluntariamente abandonadas de termos espaços urbanos tranquilos e acessíveis a pé.	OC	
		Mas	No entanto		<Mas> No entanto, para ir em Inglaterra, o que devo fazer bastante frequentemente, existe só o Sud-Express, o comboio do norte que termina na fronteira franco-espanhol.	CA	
		em	para		É um meio lento, bastante caro e pouco fiavel para irse <em> para outra parte de Europa.	CE	

## Anexo II: Quadro das correções de erros

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Categorias linguísticas	Subcategorias	Efeito de autocorrecções (c-certo)	Hipóteses dos segmentos	
Chinês A1	CHINÉS.CA.A1.01.1.1A	apara	apratamento		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-e		
		em f	enfrente		léxico	-	c-e		
		da	do		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c		
	CHINÉS.CA.A1.01.77.3T	feca	fechado		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c		
		ester	estiveram		morfologia	flexão verbal	e-e		
		garaff	garafas		ortografia	representação gráfica desviante de segmentos	e-c		
	CHINÉS.CA.A1.03.33.1J	da do	Ø		léxico/sintaxe; morfologia/sintaxe	uso de preposições; atribuição de valores de género nominal e concordância	c-e; c-e		
		dece	doce		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c		
		dece	doce		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c		
	Chinês A2	CHINÉS.CA.A2.82.75.35	Rui	Rua		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
(de) pesse			(de) presso		ortografia/fonologia; morfologia	representação desviante de segmentos fonológicos; morfologia de palavras invariáveis	e-c; e-e		
Chinês A2	CHINÉS.CF.A2.02.33.1J	p	à		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	p(ara)	
		co	os colegas		sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c		
		às	há		léxico/sintaxe	uso de preposições	c-e		
		estavámos a comer, comíamos	comíamos		ortografia/fonologia	representação desviante de padrões de acentuação prosódica	e-c		
		ja	jogámos		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c		
		eram	era		morfologia/sintaxe	concordância sujeito-verbo	e-c		
		coh coc	conheço		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c		
		à	a		sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c		
		os	os		sintaxe/semântica	determinação dos nomes	c-c		
		noss	nos		ortografia	representação gráfica desviante de segmentos	e-c		
		conversação	conversar		léxico	-	c-e		
		conversar	conversar		léxico	-	c-e		
		pe	por		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-e	*pe(r)	
		muu	muita		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c		
		os	a		morfologia/sintaxe; morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância; concordância nominal de número	e-c; e-c		
		alqum	alquns		morfologia/sintaxe	concordância nominal de número	e-c		
		ouv	ouco		morfologia	flexão verbal	e-c	*ou(vo)	
		CHINÉS.CF.A2.04.33.1J	apanho	tomamos		morfologia/sintaxe; léxico	concordância sujeito-verbo; -	e-c; e-c	
			carol	calor		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
			que	Ø		léxico/sintaxe	uso de conjunções	e-c	
fan	família			ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c			
bricamo	brincar			ortografia/fonologia; sintaxe/semântica	representação desviante de segmentos fonológicos; seleção de tempo e/ou modo verbal	e-c; e-c			
f	vez			ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c			
irmãos	irmãs			léxico	-	e-c			
na	no			morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c			
CHINÉS.CF.A2.09.33.1J	teinha		tenho		ortografia/fonologia; sintaxe/semântica	representação desviante de segmentos fonológicos; seleção de tempo e/ou modo verbal	e-c; e-c		
	faça		faço		sintaxe/semântica	seleção de tempo e/ou modo	e-e		
	sal	saudável		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c			
	da ms minha p	do meu país		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c			
	tratadora	tradutora		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c			

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Categorias linguísticas	Subcategorias	Efeito de autocorreções (c-certo)	Hipóteses dos segmentos
	CHINÉS.CF.A2.12.33.1J	cosias	coisas		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		estes	estos		morfologia	morfologia de outras palavras variáveis	c-e	
		voltar	volto		sintaxe/semântica	seleção de tempo e/ou modo	e-c	
		Dope	Depois		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
Chinês B1	CHINÉS.CA.B1.05.52.2L			*os	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
	CHINÉS.CA.B1.07.33.1J	aos	para		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	
		aos	nos		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	
		de	em		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	
	CHINÉS.CA.B1.12.77.3T	era	era		ortografia	acentuação e uso de diacríticos	e-c	
		o se		internet	léxico	-	e-c	*o se(m-fio) (wireless)
		de para	de		léxico/sintaxe	uso de preposições	c-e-c	
		reclamamou	reclamou		morfologia	flexão verbal	e-c	
		residência	residentes		léxico	-	e-c	
		os	Ø		sintaxe/semântica	determinação dos nomes	c-c	
Chinês B2	CHINÉS.CA.B1.13.33.1J	de	do		sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
	CHINÉS.CA.B2.07.69.3Q	m	o maior indicador		sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	m(aior)
		quem	quem		ortografia	acentuação e uso de diacríticos	e-c	
		de	para		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	
		Os	As		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de gênero nominal e concordância	e-c	
		à, uma	a	uma	sintaxe/semântica; ortografia	determinação dos nomes; acentuação e uso de diacríticos	e-c; e-c	
		correndo	correntes		léxico	-	e-c	
				o	léxico/sintaxe	expressão relativa	e-c	
				um	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
				os	morfologia/sintaxe	atribuição de valores de gênero nominal e concordância	e-c	
	Chinês.B2.1	dex	deixando-os		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		que	quando		léxico	-	e-c	
		fo	seja		sintaxe/semântica	seleção de tempo e/ou modo	e-c	fo(sse)
		sonha	sonho		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de gênero nominal e concordância	e-c	
		Ace	Acredito		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		a mi	este		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de gênero nominal e concordância	e-c	
	Chinês. B2. 2	possam	pudessem		sintaxe/semântica	seleção de tempo e/ou modo	e-c	
		insistiasse	insistisse		morfologia	flexão verbal	e-c	
Chinês C1	CHINÉS.CA.C1.04.69.3Q	(nenhu)m para	(nenhu)ns	de	morfologia/sintaxe	concordância nominal de número	e-c	
		p	até		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	p(ara), p(or), p...
		alei	aldeias		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		ambos	ambas		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de gênero nominal e concordância	e-c	
		raros		raras	morfologia/sintaxe	atribuição de valores de gênero nominal e concordância	e-c	
	CHINÉS.CA.C1.07.6.1B	andamos		andávamos	sintaxe/semântica	seleção de tempo e/ou modo	c-c	
		registrat	registraram		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		deix	deixamos		léxico	-	e-c	
		posso		pude	sintaxe/semântica	seleção de tempo e/ou modo	e-c	
		unido		universidades	léxico	-	e-c	
	CHINÉS.CA.C1.21.50.2L	extremo oriental		Extremo	léxico	-	e-c	
		mais	Ø dezenas mais de país		sintaxe	ordem de palavras	c-e	
				se	léxico	-	e-c	
		agriculttura	agricultura		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Categorias linguísticas	Subcategorias	Efeito de autocorreções (c-certo)	Hipóteses dos segmentos
		aos	às	os	sintaxe/semântica morfologia/sintaxe	determinação dos nomes atribuição de valores de género nominal e concordância	c-c	
		custumamos	costumamos		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
	CHINES.CA.C1.22.69.3Q	numa	na	o	sintaxe/semântica sintaxe/semântica	determinação dos nomes determinação dos nomes	e-c	
		das	de	de	léxico/sintaxe	uso de preposições	c-e	
				os	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
				os	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
				os	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
		significativa	significativo		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c	
		cidadina	cidadina		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		os	o		morfologia/sintaxe	concordância nominal de número	e-c	
Inglês A1	INGLÉS.CA.A1.09.6.1B	futefole	futebol		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		Joqo	Joaquimos		morfologia/sintaxe	concordância sujeito-verbo	e-c	
	INGLÉS.CA.A1.09.33.1J	duaz	dois		morfologia/sintaxe; ortografia	atribuição de valores de género nominal e concordância; representação gráfica desviante	c-e; e-c	
	INGLES.ER.A1.36.1.1A			As os	sintaxe/semântica sintaxe/semântica	determinação dos nomes determinação dos nomes	c-c e-c	
		escribir	escrever		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
	INGLES.ER.A1.36.6.1B			o os	sintaxe/semântica sintaxe/semântica	determinação dos nomes determinação dos nomes	e-c e-c	
				que a	léxico/sintaxe sintaxe/semântica	expressão relativa determinação dos nomes	e-c c-e	
		te	Ø escrever-te		sintaxe	ordem de palavras	c-e	
				as	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	c-e	
Inglês A2	INGLES.CF.A2.03.33.1J			*apoyó *apoyó	léxico léxico	- -	e-e e-e	
	INGLES.CF.A2.05.77.3T	entre	na Baixa	o	léxico/sintaxe léxico/sintaxe	uso de preposições expressão relativa	e-c c-e	
		et a	e Ø		léxico sintaxe/semântica	- determinação dos nomes	e-c c-e	
		seu	sua		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c	
	INGLÉS.CF.A2.06.52.2L	veces	vezes		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
	INGLÉS.CF.A2.14.77.3T	barolho	barulho		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		a	o		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	c-e	
	Inglés. A2. 1	(ca)z(a)	(ca)s(a)		ortografia	representação gráfica desviante de segmentos	e-c	
		esto	este		morfologia	morfologia de outras palavras variáveis	e-c	
Inglês B1	INGLES.ER.B1.20.77.3T	Foi bairros com	era bares dos		sintaxe/semântica léxico	selecção de tempo e/ou modo -	c-e e-c	
		somos		sejamos	léxico/sintaxe sintaxe/semântica	uso de preposições selecção de tempo e/ou modo	c-e e-c	
		vio	a violência		sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
		peor	pior		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		dos	do		morfologia/sintaxe	concordância nominal de número	e-c	
		governo	governo		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
	INGLES.ER.B1.34.52.2L	muitas	muita		morfologia/sintaxe	concordância nominal de número	c-e	
		espanholeis	espanhois		morfologia	morfologia de outras palavras variáveis	e-c	
		os meus	as minhas		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c	
		umo	um		morfologia	morfologia de outras palavras variáveis	e-c	
		miraríam	mirá-me-iam		sintaxe	ordem de palavras	e-c	*miraríam(-me)
		cultar	culturas		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	

LM e nível de proficiência	Código de texto	Segmentos riscados	Segmentos substituintes	Segmentos acrescentados	Categorias linguísticas	Subcategorias	Efeito de autocorreções (c-certo)	Hipóteses dos segmentos
		nas	na		morfologia/sintaxe	concordância nominal de número	e-c	
		po	puntos		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	c-e	
	INGLES.ER.B1.60.6.1B	alqum	alquns		morfologia/sintaxe	concordância nominal de número	e-c	
		ressaca		ressaca	ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		faz	farei		morfologia	flexão verbal	e-c	*faz(erei)
		Se	Sinto-me		morfologia	flexão verbal	e-c	*Se(nto)
		que	quando		léxico	-	e-c	
		ainha	ainda		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		mostrar-te-ei	mostrar-te-ei		ortografia/fonologia	representação desviante de padrões de acentuação prosódica	e-c	
	INGLES.ER.B1.60.77.3T	vadios	vadiosos		léxico	-	c-e	
		En	E embora		ortografia	representação gráfica desviante de segmentos	e-c	
		pessaas	peessoas		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
Inglês B2	INGLES.ER.B1.76.33.1J	de		ao	léxico/sintaxe	uso de preposições	c-e	
	INGLES.ER.B2.20.69.3Q	de		das	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
	INGLES.ER.B2.47.69.3Q	que		onde	léxico	-	e-c	
	INGLES.ER.B2.74.50.2L	das	dos		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c	
	INGLES.ER.B2.76.6.1B	nos	demorou-nos		sintaxe	ordem de palavras	e-c	
		ver os		vê-os	morfologia	flexão verbal	e-c	
		uma	um		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c	
		que	onde		léxico	-	e-c	
		can	quantidades		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		para o	pelo		léxico/sintaxe	uso de preposições	c-e	
	INGLES.ER.B2.79.6.1B	para	de		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	
		teve	tiveram		morfologia	flexão verbal	e-c	*teve(ram)
		na	nos		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	c-e	
		óptimo	ótimo		ortografia	representação gráfica desviante de segmentos	c-e	obs: antes da AO
		vir	ver		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		são	estão		léxico	-	c-e	
Inglês C1	INGLES.CA.C1.14.50.2L	(...) /seu/		sua	morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c	
		Sud	Sul		léxico	-	e-c	south=>sud
	INGLES.CA.C1.20.69.3Q	a	o		morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância	e-c	
		a manto	a manter		sintaxe/semântica	selecção de tempo e/ou modo	e-c	
		qe	quer		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
	INGLES.CA.C1.23.50.2L	importan do	importa de		léxico	-	e-c	
				se	sintaxe/semântica	determinação dos nomes	e-c	
					léxico	-	c-e	
		norta	norte		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
		Sud	sul		léxico	-	e-c	south=>sud
		muisto	muito		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
				das	léxico/sintaxe	uso de preposições	c-e	
	INGLES.CA.C1.25.6.1B	insti	insistem		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
				em	léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	
		reg	refugiado		ortografia/fonologia	representação desviante de segmentos fonológicos	e-c	
	INGLES.CA.C1.25.75.3S	os	a		morfologia/sintaxe; morfologia/sintaxe	atribuição de valores de género nominal e concordância; concordância nominal de número	e-c; e-c	
		dao	dá		morfologia/sintaxe	concordância sujeito-verbo	e-c	
		em	para		léxico/sintaxe	uso de preposições	e-c	